

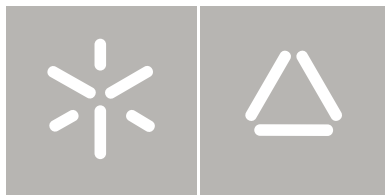


Representações antropomórficas na arte móvel
da Proto-história do Vale do Sabor
(Trás-os-Montes Oriental)

Andreia Marisa Barros Silva

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais





Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Andreia Marisa Barros Silva

Representações antropomórficas na arte móvel
da Proto-história do Vale do Sabor
(Trás-os-Montes Oriental)

Dissertação de Mestrado
Arqueologia

Trabalho efetuado sob a orientação da
Doutora Sofia Catarina Soares Figueiredo
e do
Professor Doutor José Luís Meireles Batista

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Agradecimentos

As minhas primeiras palavras de agradecimento são dirigidas à Sofia Soares Figueiredo, orientadora científica desta dissertação, por sempre acreditar na minha capacidade de trabalho, pelas palavras de força, pelo sentido crítico (de ressaltar, sempre construtivo), pelo companheirismo, pela boa vontade, mas sobretudo pelo seu humanismo. A ela devo o renovar de forças em alguns momentos mais difíceis, a ela devo com certeza muito mais.... Teria de proferir aqui mais palavras para fazer justiça ao que representou para mim esta caminhada como sua orientada. Mas, terei certamente oportunidade de o fazer pessoalmente, esperando encontrar as palavras certas. Seguidamente, agradeço ao professor José Meireles, coorientador científico desta dissertação, pela sabedoria que sempre nos inspirou e admirou, desde tempos idos, pelas palavras e ações de incentivo e pelo pensamento prático que o caracteriza e com o qual nos revemos.

Quero ainda agradecer à geógrafa Ana Rita Ferreira pela elaboração dos mapas desta dissertação e pelas longas conversas a discutir os seus pormenores, que muitas vezes funcionaram como aliviador de tensão; ao técnico de arqueologia Tiago Brochado Almeida pela boa vontade em ajudar na edição das imagens; ao engenheiro Paulo Bernardes pela preparação das imagens ortorretificadas; ao fotógrafo Adriano Ferreira Borges, pelo registo fotográfico, de elevada qualidade, que permitiu a criação das imagens 3D usadas nos novos decalques; à engenheira Natália Botica pelo apoio na elaboração do inventário, assim como pela sua sempre boa vontade e disponibilidade em ajudar; à arqueóloga Fernanda Magalhães pelas informações de cariz burocrático que sempre prestou de forma amável; ao Andrew May pela tradução do resumo para inglês; ao Javier Larrazabal Galarza e ao Pedro Xavier pela revisão dos textos; ao Diego Machado pela ajuda na formatação da tese; a todos os membros da equipa de arte rupestre do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor que iniciaram este estudo e fizeram um trabalho extraordinário; por fim, à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho que manteve sempre as portas abertas para receber as lajes gravadas e disponibilizar um espaço para o seu estudo.

Por último, mas não menos importante, tenho de agradecer à minha família, nomeadamente à minha mãe, Maria Adelaide Barros e à minha avó, Maria da Conceição Barros, pelos valores e espírito de sacrifício que me transmitiram ao longo da vida; ao meu marido, José Luís Maciel, que tantas vezes me substituiu no trabalho, para que fosse possível elaborar esta dissertação; e, por fim, ao meu querido filho Noé Maciel, que se viu muitas vezes privado da minha companhia.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Ao Noé, o bebé rupestre.

À memória do Luís, que um dia lá esteve.

Titulo: Representações antropomórficas na arte móvel da Proto-história do Vale do Sabor (Trás-os-Montes Oriental)

Resumo

Nesta dissertação apresentamos o estudo das imagens antropomórficas identificadas na arte rupestre móvel sidérica do vale do Sabor, nomeadamente nos sítios fortificados do Castelinho e de Crestelos. Nestas duas estações foram contabilizadas 25 lajes de xisto com 39 antropomorfos gravados, compostos essencialmente por cavaleiros.

A análise das figuras humanas permitiu perceber que estamos perante representações associadas às elites equestres, que utilizavam as imagens dos seus antepassados e dos equídeos, animais de valor e prestígio, para legitimarem o seu poder. Estas elites surgem normalmente em cenas de caça ao javali, ao cervídeo e ao lobo ou raposa, empunhando sobretudo armas de arremesso, como lanças ou javalinas. Assim sendo, é muito provável que estejamos na presença de imagens típicas de comunidades agro-pastoris.

Por outro lado, o estudo dos contextos levou-nos a considerar estarmos perante sítios religioso-simbólicos, onde se praticavam rituais fundacionais, apotropaicos e sacralizadores associados às muralhas, assim como às suas estruturas de armazenamento.

A análise dos contextos, dos paralelos iconográficos, do armamento vinculado aos antropomorfos e das narrativas, permitiu integrar as representações humana, sobre suportes móveis, do vale do Sabor, na II Idade do Ferro, mais concretamente entre o século IV e I a.C.

As conclusões aqui apresentadas não têm um carácter definitivo, devendo no futuro ser refutadas ou confirmadas mediante o estudo da restante coleção de gravuras do Castelinho e de Crestelos. Nestes dois sítios foram contabilizados no total 625 suportes móveis, sendo, portanto, o vale do Sabor a zona da Península Ibérica onde foram registadas mais peças do género.

Palavras-chave: antropomorfos, arte rupestre móvel, Idade do Ferro

Title: Anthropomorphic representations in the mobile art of the Proto-history of the Sabor valley (Trás-os-Montes Oriental)

Abstract

This dissertation presents the results of a study of the anthropomorphic images found in the mobile rock art collection found during the excavation of the fortified settlements of Castelinho and Crestelos in the Sabor Valley. Between these two sites, 25 schist slabs containing 39 engraved anthropomorphs, mostly figures on horseback, were discovered.

The analysis of the human figures allowed us to understand that we are dealing with representations associated with equestrian elites, who used the representations of their ancestors and horses, prestigious and valuable animals, to legitimise their power. These elites normally appear within the context of a hunt, be it for boar, deer, wolf or fox and mainly wield throwing weapons such as spears or javelins. Therefore, it is very likely that they are typical scenes of agro-pastoral communities.

On the other hand, the study of the contexts can also allow us to consider that we are dealing with religious-symbolic sites, in which foundational, apotropaic and sacramental rituals associated with the sites' walls, as well as the storage structures within, were practiced.

The analysis of the contexts, the iconographic parallels, the weaponry and the narratives portrayed in the images suggest that the human representations on mobile supports from the Late Iron Age found in the Sabor Valley, date more concretely to between the 4th and the 1st century BC.

The conclusions presented here are not definitive, and will be refuted or confirmed in the future through the further study of the engravings from Castelinho and Crestelos. In total, 625 engravings on mobile supports were discovered, making the Sabor Valley the area of the Iberian Peninsula in which more pieces of this type were discovered.

Keywords: anthropomorphs, Iron Age, portable rock art

Índice

Agradecimentos	III
Resumo	VI
Abstract	VII
Índice	VIII
Lista de figuras	X
Lista de apêndices	XIII
Lista de abreviaturas	XIV
INTRODUÇÃO	1
PARTE I- ENQUADRAMENTO E METODOLOGIAS	5
1. Contextualização Geográfica	6
1.1. Localização da área de estudo	6
1.2. Hidrologia, geomorfologia e geologia	6
1.3. Clima e vegetação	8
1.4. Recursos Mineiros	10
2. Historiografia do tema	10
2.1. Entre a ambiguidade e a consolidação dos estudos	10
2.2. Grafismos da Idade do Ferro em território português	12
2.3. Grafismos da Idade do Ferro em território espanhol	16
2.4. A arte móvel da Idade do Ferro no contexto peninsular	19
3. Problemática e objetivos do estudo	24
3.1. Problemática do tema	24
3.2. Objetivos do estudo	25
4. Metodologia	27
4.1. Conceitos teóricos	27
4.2. Levantamento de gravuras rupestres	29
4.3. Organização e sistematização dos dados	30
PARTE II- CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DAS PLACAS GRAVADAS	33
1. Castelinho	34
1.1. Enquadramento arqueológico	34

1.2. As placas gravadas	39
2. Crestelos	41
2.1. Enquadramento arqueológico	41
2.2. As placas gravadas	45
PARTE III- REPRESENTAÇÕES HUMANAS NA PROTO-HISTÓRIA E POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES	47
1. Observações práticas	48
1.1. Os antropomorfos	48
<i>1.1.1. Cavaleiros</i>	48
<i>1.1.2. Antropomorfos com armas</i>	55
<i>1.1.3. Antropomorfos sem armas</i>	57
<i>1.1.4. Outros</i>	59
1.2. As sobreposições	60
1.3. Os contextos	72
2. Discussão de resultados	74
2.1. Personagens e armas: entre o real e o imaginário	74
2.2. Narrativas proto-históricas	80
2.3. Contextos e os seus possíveis significados	86
REFLEXÕES FINAIS	90
BIBLIOGRAFIA	95
APÊNDICES	111

Lista de Figuras

Figura 1. Localização da área de estudo em Portugal	6
Figura 2. Distribuição da arte móvel da Idade do Ferro na Península Ibérica	23
Figura 3. Localização do Castelinho em Portugal e Trás-os-Montes	34
Figura 4. Escavação do Castelinho vista de Este	35
Figura 5. Planta do processo evolutivo defensivo de Castelinho	36
Figura 6. Dispersão dos suportes gravados na área escavada do Castelinho	38
Figura 7. Localização de Crestelos em Portugal e Trás-os-Montes	42
Figura 8. Escavação de Crestelos vista de Sul.	43
Figura 9. 149/001/A/03	49
Figura 10. 149/001/A/07	49
Figura 11. 149/012/A/02	49
Figura 12. 149/036/A/02	49
Figura 13. 149/085/A/01	50
Figura 14. 149/092/A/01	50
Figura 15. 149/108/A/01	51
Figura 16. 149/108/A/02	51
Figura 17. 149/108/A/04	51
Figura 18. 149/237/A/01	51
Figura 19. 149/261-263/A/01	51
Figura 20. 149/271/A/04	52
Figura 21. 149/320/A/01	52
Figura 22. 149/325/A/01	53
Figura 23. 149/336/A/01	53
Figura 24. 149/485/A/01	53
Figura 25. 149/488/A/03	54
Figura 26. 149/508/A/01	54
Figura 27. 1652/5531/A/01	54
Figura 28. 1652/5531/A/02	54
Figura 29. 1652/5534/A/02	55
Figura 30. 1652/5534/B/03	55
Figura 31. 149/001/A/02	56
Figura 32. 149/001/A/06	56
Figura 33. 149/001/A/08	56
Figura 34. 149/488/A/03	56
Figura 35. 149/488/A/07	56
Figura 36. 149/131/A/01	57
Figura 37. 149/150/A/02	57
Figura 38. 149/158/A/02	58
Figura 39. 149/336/A/02	58
Figura 40. 149/457/A/01	59
Figura 41. 1652/5534/A/01	59
Figura 42. 149/025/A/01	59
Figura 43. 149/131/A/06	60
Figura 44. 149/150/A/01	60
Figura 45. 149/174/A/02	60
Figura 46. 149/354/A/03	60

Figura 47. 149/383/A/01	60
Figura 48. 149/001/A – Momento 1	61
Figura 49. 149/001/A – Momento 2	61
Figura 50. 149/001/A – Momento 3	61
Figura 51. 149/001/A – Momento 4	62
Figura 52. 149/001/A – Momento 5	62
Figura 53. 149/001/A – Momento 6	62
Figura 54. 149/085/A – Momento 1	63
Figura 55. 149/085/A – Momento 2	63
Figura 56. 149/085/A – Momento 3	63
Figura 57. 149/085/A – Momento 4	63
Figura 58. 149/085/A – Momento 5	64
Figura 59. 149/085/A – Momento 6	64
Figura 60. 149/085/A – Momento 7	64
Figura 61. 149/085/A – Momento 8	64
Figura 62. 149/271/A – Momento 1	65
Figura 63. 149/271/A – Momento 2	65
Figura 64. 149/271/A – Momento 3	65
Figura 65. 149/271/A – Momento 4	65
Figura 66. 149/271/A – Momento 5	65
Figura 67. 149/321/A – Momento 1	66
Figura 68. 149/321/A – Momento 2	66
Figura 69. 149/321/A – Momento 3	66
Figura 70. 149/321/A – Momento 4	67
Figura 71. 149/321/A – Momento 5	67
Figura 72. 149/321/A – Momento 6	67
Figura 73. 149/336/A – Momento 1	68
Figura 74. 149/336/A – Momento 2	68
Figura 75. 149/336/A – Momento 3	68
Figura 76. 149/336/A – Momento 4	69
Figura 77. 149/336/A – Momento 5	69
Figura 78. 149/485/A – Momento 1	70
Figura 79. 149/485/A – Momento 2	70
Figura 80. 149/485/A – Momento 3	70
Figura 81. 149/485/A – Momento 4	70
Figura 82. 149/485/A – Momento 5	70
Figura 83. 1652/5531/A – Momento 1	71
Figura 84. 1652/5531/A – Momento 2	71
Figura 85. 1652/5531/A – Momento 3	71
Figura 86. 1652/5531/A – Momento 4	71
Figura 87. 1652/5531/A – Momento 5	72
Figura 88. Percentagem de placas distribuídas pelas diferentes zonas do Castelinho	73
Figura 89. Percentagem de armas ofensivas e defensivas constatadas no vale do Sabor associadas a antropomorfos	76
Figura 90. Percentagens de armas ofensivas do vale do sabor associadas a antropomorfos	78

Figura 91. Percentagem de armas de defensivas registadas no vale do Sabor associadas a antropomorfos

80

Lista de Apêndices

Apêndice I – Mapa da distribuição da arte móvel da Idade do Ferro na Península Ibérica

Apêndice II – Catálogo da arte móvel com representações antropomórficas do Sítio Fortificado do Castelinho

Apêndice III - Catálogo da arte móvel com representações antropomórficas do Povoado da Quinta de Crestelos

Abreviaturas

AHBS/RPSP - Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor/ Relatório Plano Salvaguarda do Património

CNART – Centro Nacional de Arte Rupestre

DGPC – Direção Geral do Património Cultural

EDIA - Empresa De Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva

IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

IPA – Instituto Português de Arqueologia

PNTA – Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos

PSP - Plano Salvaguarda do Património

INTRODUÇÃO

Introdução

Embora se conheçam alguns trabalhos pontuais sobre arte móvel da Idade do Ferro na Península Ibérica, na realidade, nunca foi realizado um estudo monográfico sobre o tema. Por outro lado, e ao contrário do caso espanhol onde têm surgido nos últimos anos vários trabalhos de síntese, não se conhece em território nacional nenhum trabalho semelhante sobre a arte rupestre da Idade do Ferro. Por isso, assim que nos surgiu a proposta para estudar a arte móvel sidérica do vale do Sabor, aceitamos prontamente, conscientes da responsabilidade que era iniciar uma discussão sobre uma temática quase inédita.

Como não nos era possível, numa dissertação de mestrado, realizar o estudo da totalidade da coleção de arte móvel sidérica do vale do Sabor, proveniente dos sítios arqueológicos do Castelinho, Crestelos, Cemitério dos Mouros e Laranjal, que ascendem a quase 7 centenas de elementos gravados, tivemos de fazer opções. Assim, decidimos estudar apenas as placas gravadas dos sítios fortificados do Castelinho e de Crestelos, por nos oferecerem contextos cronológicos mais seguros para a sua interpretação. Dentro da vasta coleção destes dois sítios, optamos ainda por estudar apenas as placas onde figuram antropomorfos, uma vez que entendemos ser esta a temática mais rica e aquela a partir da qual se poderia obter mais da informação (como estão representados, quais as ações figuradas, vestimentas, armas associadas, entre outros elementos) e onde estão representadas as composições e narrativas mais complexas. Por conseguinte, na impossibilidade de estudar a coleção completa, optamos por estudar as placas cujo tema representado nos permitisse estender ou definir uma primeira malha de ideias, que poderão e deverão no futuro ser ajustadas e complementadas com novas descobertas e novos ângulos de abordagem ao tema.

Neste trabalho, apresentamos, portanto, as análises e as conclusões relativas ao estudo de 25 suportes com imagens antropomórficas proto-históricas identificados tanto em Crestelos, como no Castelinho.

A primeira documentação sobre a arte rupestre móvel da Idade do Ferro do vale do Sabor foi realizada no âmbito da arqueologia empresarial, num contexto de salvamento com muitas pressões e prazos apertados. Por conseguinte, este pretende ser um contributo para o aprofundar do conhecimento que aí começou a ser construído, sobre uma realidade mal conhecida e muito pouco estudada. Realizamos assim, novamente, o decalque de 8 suportes, os mais complexos e aqueles que nos ofereciam dúvidas, aplicando uma técnica baseada no levantamento digital. Seguiu-se a elaboração e organização de um inventário tendo por base as duas tabelas tipológicas conceptualizadas durante os

estudos da Barragem do Baixo Sabor, sendo que muitos dados foram acrescentados, corrigidos e definidos. Toda a informação foi vertida para a plataforma 2ArchIS, desenvolvida pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Depois de reunida e sistematizada a informação, interessou-nos compreender e desenvolver o tema central do nosso estudo: as representações antropomorfas da Idade do Ferro em suportes móveis. No âmbito desta investigação, foram-se esboçando teorias e hipóteses, sempre complexas, que nos apontaram não apenas para uma interpretação senão para várias, tratando-se de um tema multifacetado. Talvez os famosos guerreiros da Idade do Ferro representados em lutas não sejam, afinal, os principais protagonistas e, talvez, nem todas as representações sejam de personagens masculinos. Analisamos todas as representações humanas de forma a conseguir o quadro mais completo possível, tornando-se este numa base extremamente benéfica para estudos futuros como, por exemplo, os que se vierem a realizar no vale do Côa.

O trabalho que aqui apresentamos estrutura-se em três partes distintas, que refletem o desenvolvimento do nosso trabalho. Integra ainda um catálogo com os levantamentos gráficos e fotográficos de todos os suportes móveis e motivos estudados, bem como a sua descrição.

A primeira parte intitula-se **Enquadramento e Metodologias**. Nela começamos por realizar uma contextualização geográfica da área de estudo, abordando aspetos como a localização administrativa, a hidrologia, a geomorfologia e geologia, o clima, a vegetação e os recursos mineiros. Segue-se uma resenha histórica dos achados de arte rupestres parietal e móvel da Idade do Ferro na Península Ibérica onde é possível perceber a originalidade do tema e a falta de estudos que se faz sentir neste domínio. Neste ponto da dissertação é ainda apresentada a problemática e os objetivos do estudo, assim como as metodologias aplicadas, tanto ao nível do decalque como da organização dos dados.

Na segunda parte, designada de **Contexto Arqueológico das Placas Gravadas**, é apresentado o contexto em que foram descobertas as lajes gravadas do Castelinho e de Crestelos, assim como a descrição dos suportes em termos iconográficos e tecnológicos. Neste ponto, pretendeu-se, portanto, uma aproximação aos contextos arqueológicos de onde as placas foram exumadas, problematizando-se diversos aspetos.

A terceira parte desta dissertação, **Representações Humanas na Proto-História e Possíveis Interpretações**, como o próprio título indica, dedica-se à apresentação dos dados e à sua discussão. Na apresentação dos dados focamos a caracterização dos motivos, as sobreposições registadas nas lajes mais complexas e o contexto dos achados. Relativamente à discussão, abordamos os paralelos

peninsulares, as armas associadas aos antropomorfos, as narrativas dos suportes e o significado dos contextos. Nesta última parte, também dedicamos alguns parágrafos a propostas futuras de trabalho.

PARTE I

Parte I - Enquadramento e Metodologias

1. Contextualização Geográfica

1.1. Localização da área de estudo

A nossa área de estudo corresponde à zona geográfica ocupada pelo baixo vale do rio Sabor, localizado no Nordeste de Portugal e Noroeste Peninsular (Figura 1). Insere-se na sub-região de Trás-os-Montes Oriental sendo que, em termos administrativos, abarca os concelhos de Torre de Moncorvo, Alfândega da Fé, Macedo de Cavaleiros e Mogadouro. Toda esta região faz parte do distrito de Bragança.

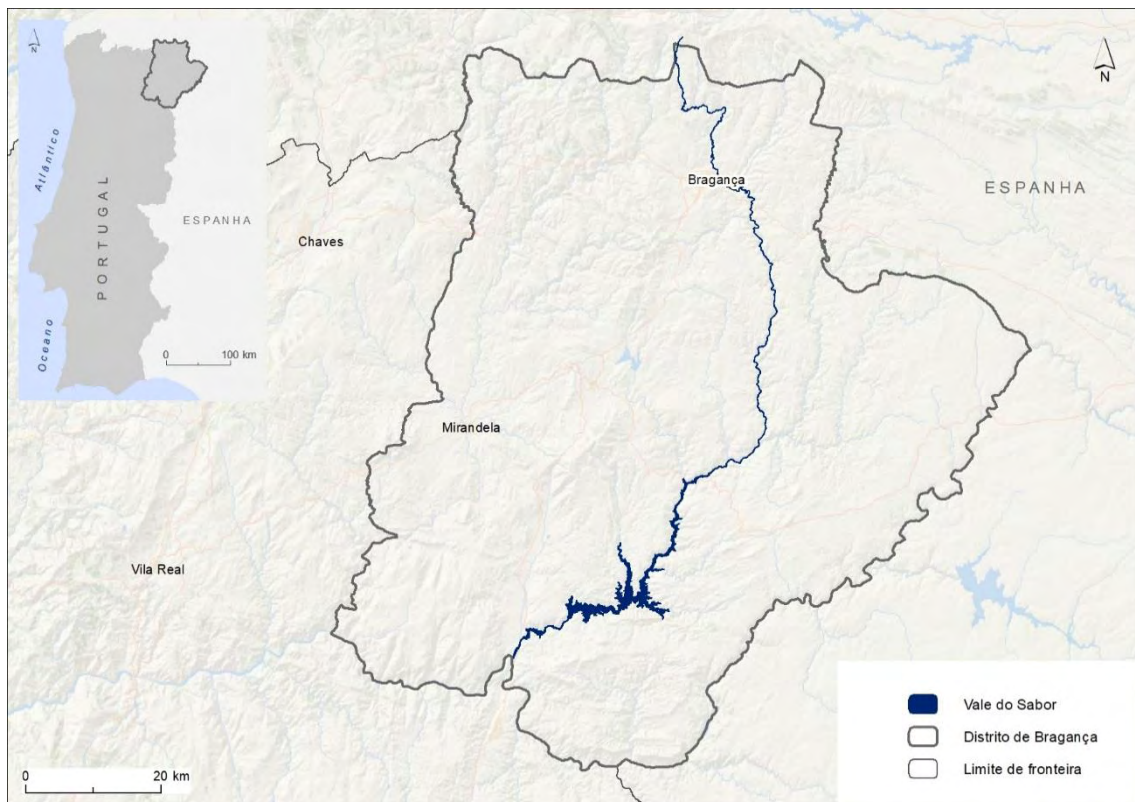


Figura 1. Localização da área de estudo em Portugal.

1.2. Hidrologia, geomorfologia e geologia

Em termos hidrológicos, a área em análise faz parte da bacia hidrográfica do rio Sabor, que abrange uma área total de 4423,88 km² (Nunes, 2008a: 31).

O rio Sabor, por seu turno, integra a enorme bacia hidrográfica do rio Douro, implantando-se na sua margem direita. Nasce na Serra de Parada, na Galiza, a 2km da fronteira com Portugal, a uma

altitude de cerca de 1600m. Entra em território nacional na zona do Parque Nacional de Montesinho. A partir daqui faz um percurso de cerca de 120 km, por terrenos com forte desnivelamento, na ordem dos 1100m, até desaguar na margem direita do rio Douro, a uma cota absoluta de 97m, a jusante da Barragem do Pocinho, no concelho de Torre de Moncorvo.

Embora no geral apresente ao longo do seu percurso uma orientação Norte-Sul, o rio Sabor revela algumas inflexões. Entre a Serra de Montesinho e o rio Maças assume, no geral, uma orientação Norte-Sul. Posteriormente, entre este rio e o rio Azibo adota uma direção Nordeste-Sudoeste para, de seguida, até à confluência com a ribeira do Medal, tomar novamente uma direção Norte-Sul. No percurso seguinte, que se prolonga até junto da sua foz, antes de confluir com a ribeira da Vilariça, a sua trajetória conhece uma nova inflexão, revelando uma orientação tendencialmente Nordeste-Sudoeste. Desta ribeira até à sua foz, retoma novamente a orientação Norte-Sul (Gaspar *et al.*, 2015: 9).

O sistema hídrico do Rio Sabor, de carácter essencialmente dendrítico (Gaspar *et al.*, 2015: 9), é formado por um conjunto ramificado de linhas de água que alimentam ribeiras e rios que, posteriormente, desaguam no curso principal.

O regime fluvial do Rio Sabor, com um escoamento médio anual de 976707 dam³ (Nunes, 2008a: 31), caracteriza-se por fortes variações intra e interanuais, reflexo da irregularidade das precipitações, influenciadas sobretudo pelo clima mediterrâneo. O período de maior precipitação corresponde aos meses de Dezembro e Março (Nunes, 2008b: 3).

Relativamente à geomorfologia, o vale do Sabor situa-se na Meseta Norte ou Planalto de Castela a Velha, que integra a unidade morfoestrutural da Meseta Ibérica, modelada pelos terrenos cristalinos herdados do orógeno Varisco, denominados de Maciço Hespérico (Pereira *et al.*, 2014: 7).

Apesar de integrar a Meseta Norte, o vale do Sabor revela um relevo fortemente contrastante, marcado pela presença de determinados acidentes geológicos: a Oeste, o acidente tectónico do vale da Vilariça; a Noroeste e a Norte, os alinhamentos residuais de dureza de Sendim da Serra e do Maciço de Morais; e, a Sudeste e a Sul, os alinhamentos de relevos residuais de dureza representados pelas Serras de Mogadouro e Reboredo. Apesar das disparidades altimétricas, a superfície aplanada do vale do Sabor revela-se degradada e retalhada, devido à rede de fraturas e à ação do sistema de drenagem (Gaspar *et al.*, 2015: 11).

Tendo em conta que o vale do Sabor integra a unidade geomorfológica do Maciço Hespérico, demonstra uma grande variedade de rochas: granitoides, xistosas, quartzíticas e metamórficas. Entre essas, as formações do complexo xisto-grauváquico anteordovícico e as séries metamórficas derivadas são aquelas que ocupam uma maior extensão de terreno (Nunes, 2008b: 2).

Relativamente à morfologia do vale do Sabor, embora a construção da Barragem do Baixo Sabor tenha alterado a paisagem, nomeadamente no seu curso médio e inferior, o rio corre, no geral, por um vale encaixado, de vertentes abruptas, resultante da dureza dos terrenos e da resistência desses aos agentes erosivos (Gaspar *et al.*, 2015: 11). Contudo, em alguns desses sectores, devido a fatores de ordem litológica, o vale torna-se mais amplo e aberto. Isto acontece, por exemplo, na foz da Ribeira do Medal/Quinta de Santo Antão da Barca; na zona da Quinta dos Barraís, entre a foz da Ribeira dos Moinhos e a ribeira do Pido; e, a zona vestibular do rio, compreendida entre a Quinta do Laranjal e a Quinta do Travelo.

1.3. Clima e vegetação

A área em estudo, de acordo com a classificação climática de Köppen, caracteriza-se por um clima temperado, com verões quentes e secos (García Couto, 2011: 17).

A temperatura média anual oscila entre os 12,5C° e 17° C (García Couto, 2011: 36). No entanto, é uma zona onde se verificam grandes amplitudes térmicas anuais, com invernos rigorosos e verões extremadamente quentes.

A temperatura média dos valores mínimos anuais oscila entre os 5 e os 10 C°, registando-se os valores mais baixos nos meses de Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março (García Couto, 2011: 40). Quanto à temperatura média das máximas anuais, essa varia entre os 17,5C° e os 22,5C°, podendo-se atingir nos meses de Julho e Agosto temperaturas médias entre os 30C° e 32C° (García Couto, 2011: 44).

A precipitação média anual varia entre os 500mm e os 750mm (Pereira, 2014: 43). O número médio de dias com precipitação ≥ 1 mm num ano é de 50 e 75 dias (García Couto, 2011: 70). A análise da precipitação permite constatar que os meses mais húmidos se situam entre Outubro e Maio e os secos entre Junho e Setembro (Pereira, 2014: 43).

A região de Trás-os-Montes Oriental nem sempre registou um clima ameno e seco. Entre o século VIII e o século III a.C. assistiu-se, na Europa Ocidental, a uma descida acentuada da temperatura média anual e a um aumento da precipitação e da humidade do ar, tendo este período ficado conhecido por “Neoglaciação da Idade do Ferro” (Torres-Martínez, 2014: 39). Afetando sobretudo a área setentrional, é muito provável que esta alteração climática tenha influenciado o clima de quase toda a Península Ibérica. A partir do século III a.C., verifica-se um progressivo aumento da temperatura média anual, que

se prolongou até ao século V d.C. Ainda assim, o clima, nesta altura, era mais frio e húmido que o atual (Torres-Martínez, 2014: 41).

De acordo com os estudos fitogeográficos, o vale do Sabor insere-se no reino Holártico, na Região Mediterrânica e, por conseguinte, na província Carpetano-Ibérico-Leonesa. Dentro desta província biogeográfica integra dois sectores: o Orensano-sanabriense e Lusitano-Duriense (Costa *et al.*, 1999: 15).

No vale do Sabor, devido à influência do clima mediterrânico, os sobreirais são mais comuns. Porém, nas zonas escarpadas e com pouca exposição solar, dominam os azinhais transmontanos. Nestas áreas, também é frequente verificar-se o zimbro (*Juniperus lagunae*) (Figueiredo, 2013: 56).

Nas zonas ribeirinhas, tal como acontece no restante território transmontano, verificam-se amieiros (*Alnus glutinosa*), freixos (*Fraxinus angustifolia*), lódão-bastardos (*Sorbus aucuparia*), choupos-brancos (*Populus alba*), choupos-negros (*Populus nigra*) e negrilhos ou ulmeiros (*Ulmus minor*) (Moreira e Neto, 2005: 433). A vegetação ribeirinha não depende do clima, mas sim da velocidade dos caudais sendo, portanto, pouco diversificada em termos nacionais.

Além das espécies referidas, nas margens do rio Sabor verificam-se outras espécies típicas do clima mediterrâneo como o zambujeiro (*Olea sylvestris*), a alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*), o carrasco (*Quercus coccifera*), a aroeira (*Pistacia lentiscus*), o loureiro (*Laurus nobilis*), o medronheiro (*Arbutosunedo*) e a palmeira-das-vassouras (*Chamaerops humilis*) (Moreira e Neto, 2005: 419).

Relativamente às espécies arbóreas, embora se acredite que o pinheiro-silvestre (*Pinus sylvestris*) e o pinheiro-manso (*Pinus pinea*) tenham povoado a zona de Trás-os-Montes, para o pinheiro bravo (*Pinus Pinestar*) sempre houve algumas dúvidas (Moreira e Neto, 2005: 438). No entanto, estudos paleobotânicos recentes realizados em vários sítios do vale (Tereso *et al.*, 2018b: 175) demonstraram a presença desta espécie arbórea nesta zona desde a Idade do Bronze, embora não seja possível perceber se formava áreas de pinhal bem desenvolvidas (Tereso *et al.*, 2018b: 174). Nesses mesmos estudos, também foi possível comprovar a existência nesta região, durante a Idade do Ferro e o período Romano, de outras espécies vegetais. Quanto à flora ripícola, constatou-se restos de freixos (*Fraxinus*) e amieiros (*Alnus*) que podiam não só ocupar zonas próximas das linhas de água, mas também áreas de vertente com pouca exposição solar e solos com algum grau de humidade (Tereso *et al.*, 2018a: 133). Também se registaram vestígios vegetais carbonizados de *Quercus* de folha perene (azinheira e sobreiro), de zimbros e medronheiros, assim como de algumas espécies arbustivas (*Cistus*) (Tereso *et al.*, 2018a; Vaz *et al.*, 2016), que testemunham uma degradação dos solos, provavelmente resultado da desflorestação antrópica (Vaz *et al.*, 2016: 26).

1.4. Recursos Mineiros

São várias as zonas mineiras conhecidas no vale do Sabor, tendo algumas sido exploradas por povos indígenas e romanos (Gomes e Ramos, 2018: 24).

No que concerne à exploração de volfrâmio, destacamos os depósitos do campo mineiro de Montesinho, assim como as minas de Argozelo (Vimioso), da Ribeira (Bragança), de S. Martinho da Angueira e da Fonte Santa (Mogadouro) (Gomes e Ramos, 2018: 25).

O maior depósito de ferro do vale do Sabor, que corresponde a 90% da reserva nacional (Abreu, 2000: 368), situa-se no campo mineiro de Torre de Moncorvo, composto por várias jazidas, como a da Cabeço da Mua, da Carvalhosa, de Santa Maria, da Cotovia, da Fraga dos Apriscos, da Canada dos Vieiros do Frade, da Pedrada e de Felgueiras (Gomes e Ramos, 2018: 32). Tendo em conta os achados de escoriais verificados em redor de algumas destas jazidas, associados a alguns povoados pré-romanos, como o Castro da Cigadonha (Torre de Moncorvo), é provável que este núcleo mineiro tenha sido explorado desde a Idade do Ferro (Abreu, 2000: 369). Além do complexo referido, mais para Norte são também conhecidas algumas jazidas de ferro de menores dimensões, na serra de Montesinho, em Guadramil e no Cabeço do Tojal (Bragança).

O minério de ouro é assinalado em algumas jazidas ao longo do vale, nomeadamente em França (Bragança), Rio Siles e Meirinhos (Mogadouro). Na primeira, foram reconhecidos trabalhos mineiros em várias épocas, balizadas entre o período da conquista romana e a atualidade (Gomes e Ramos, 2018: 29).

2. Historiografia do tema

2.1. Entre a ambiguidade e a consolidação dos estudos

Os estudos sobre grafismos da Idade do Ferro, ao contrário das investigações centradas na arte rupestre pré-histórica, não se encontram ainda devidamente desenvolvidos no âmbito da ciência arqueológica. Este facto deve-se a esquemas estabelecidos, nos quais se entende que os grandes grupos de arte rupestre, como a arte esquemática e a arte atlântica, desaparecem no final da Idade do Bronze (Bradley, 1997: 6; Royo Guillén, 2009: 38). Assim sendo, até finais do século XX a quantidade de sítios com grafismos enquadrados na Idade do Ferro era escassa, não só devido à ausência da sua definição enquanto estilo independente, mas também em detrimento da falta de investigação.

Sendo um conceito relativamente recente (Royo Guillén, 2009, 2010), este tipo de arte rupestre corresponde, tal como a sua designação indica, às manifestações artísticas integradas, cronologicamente, na Idade do Ferro. Embora a periodização deste momento proto-histórico seja complexa (Celestino Pérez, 2017), convencionalmente, na Península Ibérica, ele é balizado entre os séculos IX/VIII a.C., que correspondem à chegada dos fenícios, e o século II a. C., momento a partir do qual se verifica uma progressiva ocupação romana do território (Alarcão e Barroca, 2012: 180).

Tal como noutros períodos cronológicos, também a arte rupestre da Idade do Ferro se manifesta em suportes parietais e móveis, ainda que os primeiros sejam melhor conhecidos e estejam melhor estudados. Assim, neste ponto vamos começar por traçar uma breve historiografia sobre os estudos da arte rupestre parietal da Idade do Ferro em Portugal, passando posteriormente para o caso espanhol e acabando por focar a original arte rupestre móvel sidérica peninsular.

Em Portugal, apesar de se conhecerem núcleos de arte rupestre da Idade do Ferro de referência internacional, nunca se realizaram estudos sistemáticos sobre este tipo de iconografia. A maioria das referências a gravuras desta época surgem associadas ao estudo de estações da Pré-história, onde se acabam por identificar motivos que podem ser integrados em períodos posteriores. Em contrapartida, em Espanha, embora ainda não se tenha realizado um *corpus* (Marco Simón e Royo Guillén, 2012: 306), nas últimas décadas elaboraram-se alguns trabalhos de síntese preliminares e de referência, que procuraram comprovar a existência de um novo grupo de gravuras designado de “Arte Rupestre da Idade do Ferro” (Royo Guillén, 2009, 2010). Aqui, de facto, começaram a realizar-se trabalhos de forma mais sistemática a partir dos anos 80 do século XX.

Quanto à arte rupestre móvel da Idade do Ferro, embora se conheçam cerca de 3 dezenas de sítios com suportes deste género na Península Ibérica, trata-se de um tema quase inédito. Ainda que a maioria destes exemplares sejam provenientes de contextos habitacionais (Royo Guillén *et al.*, 2006; Simonena e Tabar Sarrías, 1995; Kamiruaga Lariz, 1987; Filloy Nieva, 1994), nomeadamente no Nordeste Peninsular, foram integrados no grupo das estelas funerárias/honoríficas (Riera Vargas, 2013), um tipo de materialidade que se parece estender desde o Sudeste Francês até ao Sudeste espanhol (Royo Guillén *et al.*, 2006: 101).

2.2. Grafismos da Idade do Ferro em território português

O estudo de grafismos proto-históricos em Portugal conta com uma história de pelo menos cem anos, que se pode dividir em duas fases: a primeira entre os anos 20 e os anos 80 do século XX e, a segunda, a partir de 1990 até ao momento atual.

A primeira referência a gravuras da Idade do Ferro em Portugal remonta a 1929, quando R. de Serpa Pinto apresentou um inventário dos sítios com arte rupestre em território nacional, considerando a existência de dois grupos artísticos. O primeiro grupo, composto por figuras esquemáticas, foi datado do período neo-eneolítico, o segundo, constituído por combinações circulares e figuras mais complexas, estendeu-se até à Idade do Ferro (Pinto, 1929).

Em 1940, J. Santos Júnior apresentou também uma compilação dos sítios com arte rupestre conhecidos em Portugal, integrando a maioria na Idade do Ferro (Santos Júnior, 1940). Deve-se ainda a este autor a publicação, em 1963, da Pedra Escrita de Redevides (Alfândega da Fé), onde as gravuras realizadas mediante a técnica da picotagem, que sobrepõe as incisões filiformes e/ou fusiformes, foram inseridas na Idade do Ferro (Santos Júnior, 1963: 144).

Em 1968, E. Anati redigiu uma obra intitulada “Arte Rupestre della Regioni Occidentali della Penisola Iberica”, onde apresentou uma síntese sobre as manifestações artísticas do então designado grupo “Galaico-português”. Dentro deste conjunto artístico, definiu 5 fases evolutivas balizadas entre o Epipaleolítico e a Idade do Ferro (Anati, 1968).

Nos anos 70, foi descoberto o complexo de arte rupestre do vale do Tejo, constituído por cerca de 10 mil motivos (Gomes, 2010: 1). A sua revelação gerou uma interessante discussão em torno da sua cronologia e significado. E. Serrão, por exemplo, aceitou por vezes uma cronologia sidérica para a última fase da arte do Tejo, ao contrário do que defendeu E. Anati, A. Baptista, L. Osterbeeck (Gomes, 2010: 46) e V. Jorge (Jorge, 1983: 56). Já em trabalhos recentes, M. Gomes defendeu um período adstrito à Idade do Ferro, composto essencialmente por círculos, podomorfos, armas, serpentiformes e animais fantásticos heroicizados, designando-o de Período VI ou dos Círculos e Linhas (Gomes, 2010: 497).

Nos anos que se seguiram à revelação da arte tagânica, verificou-se um conjunto significativo de descobertas de novas jazidas com arte rupestre, tendo apenas algumas sido integradas no período da Idade do Ferro. Referimo-nos à estação do Outeiro Machado (Chaves) e aos sítios de Alagoa, Picoto, Carregueira, (Tondela), situados entre os vales do Vouga e do Mondego (Gomes, 2002: 157-158).

Foi em meados de 1982 que se realizou uma descoberta notável no Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa), no âmbito da construção da Barragem do Pocinho (Baptista, 1983). Nos trabalhos aí realizados

foram identificadas 23 rochas gravadas, algumas das quais apresentavam um importante conjunto de motivos filiformes sobrepostos por antropomorfos empunhando armas típicas da Idade do Ferro, constituindo-se como uma verdadeira novidade em território Português (Baptista, 1983: 65).

Assim, nos anos 80, A. Baptista, baseando-se sobretudo nos levantamentos realizados na Bouça do Colado (Ponte da Barca), no Gião (Arco de Valdevez), Tripe e Outeiro do Salto (Chaves), apresentou uma nova proposta cronológica-estilística para a arte rupestre do Norte e da Beira Interior, integrando-a em dois grandes grupos (Baptista, 1983-84, 1986):

a) **Grupo I**- compreendia os motivos abstratos e geométricos, compostos por círculos simples, concêntricos e combinados, meandros, linhas retas e curvas, proto-labirintos, labirintos, espirais e algumas armas, zoomorfos esquemáticos e raros antropomorfos; implantado na facha atlântica (Sudoeste da Galiza e Alto Minho). Este grupo foi primeiro datado da Idade do Bronze e, posteriormente, como tendo início no Calcolítico prolongando-se para o Ferro Inicial (Baptista, 1983-84, 1986);

b) **Grupo II**- associado à pintura esquemática, este grupo caracterizava-se sobretudo por figuras antropomórficas esquemáticas e motivos geométricos-abstratos, como quadrados, retângulos, círculos, ferraduras; com uma área de distribuição mais continental e interior (de Pontevedra às Beiras). Foi balizado inicialmente entre o Bronze Final e a Idade Média admitindo-se, posteriormente, ter tido início num período anterior (Baptista, 1983-84, 1986).

Além disso, devido à recém-descoberta da estação de Vale da Casa, A. Baptista reconheceu um terceiro conjunto de gravuras, de tipo filiforme, concentrado sobretudo a Ocidente da Meseta Norte (Baptista, 1986: 52). Ao associar este núcleo de gravuras aos motivos fusiformes da Estação de Molelinhos, da Pedra Letreira (Gois), da Pedra Escrita de Redevides, do Poço da Moura (Vilariça) e da Fraga dos Fusos (Sortes), este autor assume para este novo estilo iconográfico uma cronologia entre o Bronze Médio e os inícios da II Idade do Ferro (Baptista, 1983-84: 78, 1986: 53).

Na década de 1980, além de A. Baptista, V. Jorge também abordou em dois artigos a arte rupestre portuguesa, tendo considerado a estação de Vale da Casa a mais bem datada de Portugal, em detrimento da presença de inscrições ibéricas, de equídeos e de armas típicas da Idade do Ferro (Jorge, 1983, 1986).

Em 1994, foi noticiada uma extraordinária descoberta realizada no âmbito da construção da Barragem do Côa. Foi dado a conhecer o maior complexo de arte paleolítica ao ar livre do mundo que, tendo atraído fortes atenções nacionais e internacionais, levou à suspensão da construção do empreendimento hidroelétrico. A partir de então, foram desenvolvidos vários trabalhos de prospeção que permitiram conhecer um importante conjunto de gravuras filiformes da Idade do Ferro, considerado por alguns autores como o maior núcleo de arte sidérica da Península Ibérica e um dos maiores da Europa (Reis, 2014: 34). De facto, de acordo com os últimos dados do inventário de arte rupestre ainda em curso no vale do Côa, contabilizaram-se, até ao momento, 46 núcleos de arte sidérica, distribuídos por 455 rochas (Luís, 2016: 61), que colocam este tipo de gravuras no segundo lugar dos motivos mais representados no complexo de arte rupestre do Côa, superados apenas pelas manifestações artísticas do Paleolítico.

A descoberta da arte do Côa levou à reestruturação da arqueologia nacional, tendo, no que diz respeito ao estudo da arte rupestre, assistido a um aumento dos inventários e estudos monográficos. Todos estes novos trabalhos ficaram a dever-se não só às atividades promovidas pelo então CNART, pelas extensões do recém-criado IPA, por algumas associações locais e regionais e por instituições públicas, mas também aos trabalhos integrados nos PNTAs (Alves e Reis, 2009: 53), às investigações de origem académica e à arqueologia empresarial, que cresceu exponencialmente nas últimas décadas.

Surgiram assim trabalhos inéditos, realizados por novos investigadores baseados em pressupostos epistemológicos diferentes que permitiram a construção de novas propostas interpretativas (Alves e Reis, 2009: 49). No que à arte do Noroeste peninsular concerne, destacam-se as teses de L. Alves (Alves, 2003, 2009) e M. Santos-Estévez (Santos-Estévez, 2007).

Relativamente ao estudo da arte rupestre da Idade do Ferro, o maior número de trabalhos realizou-se, ainda assim, no âmbito de projetos académicos. Em 2002, foi publicada a descoberta no vale do Tejo de um novo conjunto de painéis gravados com motivos incisos e picotados, tendo alguns desses sido datados da Idade do Ferro (Oosterbeek, 2002).

Em 2004, M. Gomes, contestando a cronologia defendida por A. Bettencourt *et al.* (2004) para as gravuras do Penedo do Matrimónio (Montalegre), associa estas a uma cena de hierogamia da Idade do Ferro (Gomes, 2004-2005).

Em 2006, são dadas a conhecer duas novas estações na bacia do rio Paiva, nomeadamente a Fraga Marcada (S. Pedro do Sul) e a Fraga da Ferradura (Arouca), cuja iconografia foi integrada nos três grupos defendidos por A. Baptista (Figueiredo e Figueiredo, 2008). Nesse mesmo ano, é apresentado o

estudo monográfico da estação da Chã da Rapada (Ponte da Barca), no qual um motivo em forma de *pallette* e um serpentiforme foram datados da Idade do Ferro (Martins, 2006: 67).

Em 2008, foi noticiada a descoberta de 15 núcleos de arte rupestre em Monsaraz balizados, tendo em conta os contextos arqueológicos envolventes, entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro (Calado *et al.*, 2008). Ainda nesse ano, foram realizados alguns estudos exaustivos, nomeadamente na Rocha 1, 2 e 3 de Figueiredo (Sertã) (Coimbra e Garcês, 2013) e na estação do Outeiro da Botelhinha (Alijó) (Lima, 2008-2009), onde foram individualizados alguns motivos datados do período sidérico.

Em 2009, foram divulgados os resultados da escavação do Complexo I e II do Crastoeiro (Mondim de Basto), tendo-se intervencionado áreas com afloramentos gravados com a iconografia típica da arte atlântica (Dinis e Bettencourt, 2009). Se a presença de estruturas relacionadas com os afloramentos e datadas entre o século IV e os séculos II/I a.C. levaram os autores a considerar uma última utilização destas nos finais da Idade do Ferro, a presença de escassas cerâmicas dos finais do IV aos meados do III milénio a.C., bem como da Idade do Bronze, levaram-nos a considerar que a construção destes lugares se iniciou antes ou durante o Calcolítico regional (Dinis e Bettencourt, 2009: 45).

Nos últimos anos, têm surgido alguns trabalhos académicos que defendem uma cronologia da Idade do Ferro para determinados motivos da arte rupestre do Noroeste Peninsular. Referimo-nos às representações de cavaleiros (Santos, 2014; Bettencourt e Santos-Estévez, 2018: 86), alguns podomorfos (Moreira, 2018), barquiformes (Santos-Estévez e Bettencourt, 2017: 1061), suásticas (Cardoso *et al.*, 2018) e serpentiformes (Sampaio e Bettencourt, 2017: 84; Cardoso, 2015: 239). Quanto aos podomorfos, sendo estes também muito comuns na Beira Interior, recentemente foi atribuída uma cronologia Proto-histórica aos exemplares identificados na estação de Rasto da Moura (Castelo Branco) e Pedreira (Proença-a-Nova) (Henriques *et al.*, 2019).

No contexto da arqueologia empresarial, foram realizadas algumas interessantes descobertas. Em 2001, no âmbito da construção da Barragem do Alqueva, foram descobertas 11 rochas com motivos lineares inseridos na Idade do Ferro (Baptista e Santos, 2013; Valera, 2013). No ano seguinte, no decorrer do estudo de impacto ambiental do projeto “Parques Eólicos da Beira Interior”, foram identificados 7 núcleos gravados, integrados em duas fases, sendo a mais tardia balizada entre a Idade do Ferro e a contemporaneidade (Jacinto, 2006). A partir de 2012, foram dados a conhecer os achados registados durante o empreendimento Hidroelétrico do Baixo Sabor, entre os quais destacamos a Rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (Neves *et al.*, 2012), as rochas 8, 9, 10 e 11 da Quinta de Crestelos (Silva *et al.*, 2016), o Abrigo da Fraga do Fojo (Figueiredo, 2013), as rochas 7, 8 e 12 de Vale Figueira e, os EPs 215, 660, 2108, 1434, 1664, 2376 (Xavier *et al.*, 2014). Um ano depois, durante o projeto das redes

de “Nova Geração da Zona Norte”, foi descoberto o sítio de Vale de Junco (Vila Nova de Foz Côa), com gravuras datáveis entre a Idade do Ferro e o período Moderno (Pina e Reis, 2014).

Relativamente aos trabalhos promovidos por associações e instituições públicas, destacamos o estudo da arte rupestre de Macedo de Cavaleiros, desenvolvido pela Associação Terra Quente, no qual foram registadas algumas estações, como o Forno dos Mouros, Olminhos e a Fraga da Pegada, possivelmente inseridas na Idade do Ferro (Figueiredo, 2007, 2008). Recentemente, foi publicado o inventário do património arqueológico do Rio Terva, um projeto impulsionado pelo Município de Boticas, onde foram dadas a conhecer 7 estações de arte rupestre, nomeadamente Alto da Seara (Ardãos), Souto Escuro 1 e 2, Outeiro Gordo (Bobadela), Berrenhas, Freitas 1 e 2 (Nogueira), balizadas entre o Calcolítico e a Idade do Ferro (Fontes *et al.*, 2017).

2.3. Grafismos da Idade do Ferro em território espanhol

Em Espanha, foi sobretudo a partir dos anos 80 do século passado, no contexto de uma nova dinâmica vigente no estudo da arte rupestre, que se começou a despertar para as questões das gravuras da Idade do Ferro.

Nas últimas décadas do século XX, começaram a surgir alguns trabalhos monográficos, como o estudo das gravuras da comarca de Las Hurdes (Sevilhano San José, 1991) e da arte pós-paleolítica do Alto Douro (Gómez-Barrera, 1992), assim como alguns artigos, como por exemplo, os desenvolvidos por Royo Guillén (1999) para a região de Aragão, onde se apontaram cronologias sidéricas para alguns painéis e motivos. Por outro lado, desenvolveram-se discussões no seio dos estudos da arte rupestre pós-paleolítica, que colocaram em causa a periodização de alguns motivos (Baldellou, 1989: 5).

Porém, só a partir da primeira década do século XXI é que se materializou a existência de um novo ciclo artístico associado às comunidades do I Milénio a.C. Sem descorar o papel de outros autores, para esta tarefa muito contribuíram os trabalhos desenvolvidos por J. Royo Guillén. Este investigador, sobretudo a partir do estudo das representações equestres ibéricas de Puntal del Tío Garrillas (Pozondón) (Royo Guillén, 2004), publicou vários artigos de síntese, onde procurou legitimar a arte rupestre da Idade do Ferro peninsular que inicialmente designou de arte Ibérica (Royo Guillén, 2009, 2010; Marco Simón e Royo Guillén, 2012). De forma a alcançar este objetivo, analisou diferentes aspetos da arte rupestre sidérica (distribuição espacial, técnicas, temática e relação com a arte móvel), que permitiram confirmar a sua associação às comunidades do I Milénio a.C.

No que diz respeito à distribuição espacial, J. Royo Guillén (2009, 2010) organizou os vários sítios de arte rupestre da Idade do Ferro peninsular, constituídos por diferentes tipos de painéis (afloramento ao ar livre, abrigos e estelas) e de matéria-prima variada (arenito, granito, xisto e calcoarenito), em 10 grupos:

1) **Grupo Galaico:** incluiu a arte rupestre do Noroeste peninsular, onde alguns estudos efetuados nas últimas décadas têm revelado motivos que se poderão enquadrar na Idade do Ferro (García Quintella e Santos-Estévez, 2010; Santos-Estévez e Seoane Veiga, 2010); destacamos aqui as escavações realizadas em Campo Lameiro, nomeadamente a efetuada na rocha dos Carballos, que permitiu datar as gravuras, com base em metodologias absolutas, entre os últimos momentos do Bronze Final e a Idade do Ferro (séc. VIII-IV a.C.) (Santos Estévez, 2005, 2015: 2016);

2) **Grupo da Bacia do Baixo Douro:** integrou as descobertas realizadas no complexo de arte rupestre de Foz Côa; nos últimos anos, prospeções realizadas no lado espanhol, em dois afluentes do Rio Águeda, nomeadamente na Ribeira de Sexmiro e no Arroyo de las Almas, deram a conhecer alguns afloramentos e abrigos com motivos semelhantes aos do Côa (Reis e Vásquez Marcos, 2015, 2019); incluímos também aqui os achados recentes do Vale do Sabor;

3) **Grupo do Rio Tejo:** compreende o complexo de arte rupestre do vale do Tejo e seus afluentes descoberto nos anos 70 do século passado, que nas últimas décadas foi alvo de trabalhos de revisão, alguns deles centrados na arte Proto-histórica (Coimbra e Garcês, 2013);

4) **Grupo do Rio Guadiana:** inseriu as gravuras incisadas do conjunto de Molino Manzánéz, na província de Badajoz (Collado Giraldo, 2006), descobertas durante a execução da Barragem do Alqueva, não fazendo referência aos afloramentos estudados no lado português pelo CNART (Baptista e Santos, 2013) e L. Alves (Alves, 2013); a este grupo pode-se ainda acrescentar as descobertas realizadas na serra de Monsaraz (Calado *et al.*, 2008);

5) **Grupo das Hurdes e da Serena:** situado na comunidade autónoma da Estremadura, incorporou dois conjuntos de gravuras incisadas e picotadas: o da comarca de Las Hurdes (Cáceres), (Gómez-Barrera, 1992: 317) e o da comarca de La Serena (Badajoz), nomeadamente os painéis identificados no Rio de Guadalefra e no Arroyo Tamujoso (Campanario) (Domínguez García e Aldecoa

Quintana, 2007); neste núcleo também podemos integrar alguns motivos pintados do Castelo de Manfragüe (Cáceres) (Royo Guillén, 1999; Collado Giraldo e García Arranz, 2007: 346);

6) **Grupo da Serra de Guadarrama e Meseta Central:** incluiu dois conjuntos de gravuras picotadas situados no Sistema Central da Meseta: o da Serra de Guadarrama, entre os rios Arevalillo e Pirón, e o da Comarca de Santa Maria la Real de Nieva, destacando-se o núcleo da Serra de Santo Isidro (Domingo García), que tem sido alvo de grandes discussões relativamente à sua cronologia (Balbín Behrmann e Moure Romanillo, 1988; Ripoll López e Municio González, 1999; Santos Estévez, 2010: 264; Hipólito e Ripol Perelló, 2017);

7) **Grupo da Alta Meseta Soriana:** situado no Alto Douro, no município de Sória, encerra um dos primeiros conjuntos iconográficos a ser estudados de forma exaustiva (Gómez-Barrera, 1992); ainda que geograficamente afastados, neste grupo podemos também integrar os afloramentos do Castro Colorado (Astorga) (Royo Guillén, 2015) e o abrigo de Peña Mingubela (Ávila) (González-Tablas Sastre, 1980);

8) **Grupo do Ebro:** distribui-se sobretudo pelo território da comunidade autónoma de Aragão, prolongando-se para Este da província de Navarra, para Nordeste da de Sória e para Oeste da de Lérida, apresentado abrigos e rochas ao ar livre com gravuras e pinturas (Royo Guillén, 2015: 101);

9) **Grupo Pirenaico:** integra sobretudo os sítios com arte fusiforme e filiforme da zona oriental dos Pireneus (Cerdanha e Andorra), destacando aqui os núcleos de Osséja, Err e Guils (Cerdanha) e a Roc de las Bruixes (Andorra) (Campmajo, 2008: 524, 478);

10) **Grupo da Costa do Levante:** estende-se desde Castelló (Valencia) até Alicante; integra sítios com motivos pintados e gravados como a Cova del Barranc de l'Àguila de Xàtiva (Valência) e da Peña de los Burritos (Alicante) (Royo Guillén, 2009, 2010).

Além da distribuição geográfica, é ainda de referir, relativamente aos trabalhos de J. Royo Guillén, as diferentes fases crono-estilísticas que este definiu para a arte rupestre da Idade do Ferro, balizadas, em termos gerais, entre o Bronze Final (900-850 a.C.) e os momentos iniciais da romanização (séc. II-I a.C.) (Royo Guillén, 2009, 2010). Baseando-se na análise estilística dos motivos, que podem variar entre

formas mais abstratas e temas figurativos, destacando-se as representações equestres, propôs as seguintes fases:

1) **Fase Formativa**: enquadrada ente os séculos X/IX e os séculos VII/VI a.C., prevalece nesta etapa a iconografia esquemática da Idade do Bronze, começando a verificar-se a introdução de novos elementos gráficos;

2) **Fase Expansiva**: corresponde a um período de mudanças económicas e sociais (séc. VI – séc. V/IV a.C.), em que se assiste a uma expansão qualitativa e quantitativa das manifestações;

3) **Fase Adaptativa**: etapa anterior à chegada dos romanos à península Ibérica (séc. IV - II a.C.), em que se verifica a consolidação das estruturas económicas, sociais e políticas das sociedades indígenas, que permitem desenvolver um repertório iconográfico marcadamente autóctone;

4) **Fase Residual**: engloba o período da romanização da península ibérica (entre 218 a. C. e a transição do milénio), em que se verifica um revitalizar das manifestações proto-históricas anteriores, apesar de demonstrarem um novo conceito ideológico.

Para finalizar, embora a arte rupestre da Idade do Ferro se comece a afirmar, ainda faltam muitos estudos que incluam levantamentos gráficos pormenorizados e uma análise dos contextos, que permita uma visão mais ampla deste tipo de materialidade e uma aproximação aos seus significados.

2.4. A arte móvel da Idade do Ferro no contexto peninsular

Na Península Ibérica conhece-se um total de 31 sítios com arte rupestre móvel da Idade do Ferro, situando-se 11 deles em território nacional e os restantes em Espanha (Figura 2).

Embora em Portugal se tenham identificado escassos sítios com arte móvel, é aqui que se concentra o maior número de suportes gravados, nomeadamente na bacia hidrográfica do rio Douro (Figura 2), onde foram contabilizados quase 7 centenas de exemplares. Nesta zona, o primeiro achado ocorreu em 1945 na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira), onde foi identificado um bloco gravado datado, tendo em conta o seu contexto de deposição, do século III a.C. (Jalhay, 1947). Nos anos 80 do século XX, igualmente no âmbito de trabalhos arqueológicos, foram registados na parede externa da

muralha da Cerca de Ribas (Valpaços) 3 blocos gravados, apresentando um deles decoração em SS típica da designada “cultura castreja” (Freitas, 2003). Em 2008, é noticiada a descoberta de três placas gravadas na zona da Beira Alta. As duas primeiras, da *villa* ou *vicus* do Paço (Vila Nova de Foz Côa) (Coixão, 2008: 31), foram detetadas à superfície, tratando-se, uma delas, de uma placa de xisto profundamente gravada. A terceira foi exumada durante a escavação da *villa* do Olival de Telhões (Almendra), tendo sido reaproveitada numa construção do século III/IV d.C. (Cosme, 2008). Entre 2009 e 2012, durante a última campanha de escavação no Alto da Fonte do Minho (Peso da Régua) (Larrazabal Galarza, 2016: 44), foram recolhidas 13 placas de xisto com gravuras, em níveis de enchimento das estruturas proto-históricas, mas também reaproveitadas em construções romanas. Por fim, entre 2011 e 2014, foram identificados suportes móveis em 4 sítios arqueológicos com níveis da Idade do Ferro escavados no âmbito da construção da Barragem do Baixo Sabor, sendo esta a zona da península ibérica onde se conhecem mais exemplares do género (cerca de 676 exemplares). No vale do rio Sabor foram recolhidas lajes gravadas no Sítio Fortificado do Castelinho (Santos *et al.*, 2012; Neves e Figueiredo, 2015), no Cemitério dos Mouros (Figueiredo e Santos, 2013a), na Necrópole do Laranjal (Torre de Moncorvo) (Figueiredo e Santos, 2013b) e no Povoado da Quinta de Crestelos (Mogadouro) (Silva *et al.*, 2016).

Ainda na zona Norte do país, mas na região do Minho, em 2018 foi posta a descoberto uma laje gravada na Citânia de Briteiros (Guimarães), precisamente no pavimento de um átrio de uma habitação proto-histórica (Cruz, 2018).

Em 2008, foi realizada a descoberta mais meridional, na região do Alentejo. Aqui, durante a escavação da necrópole da I Idade do Ferro (séc. VI- séc. V a.C.) da Vinha das Calças 4 (Beja), foi identificada uma laje gravada a servir de tampa numa sepultura (sepultura 27) (Pereira e Barbosa, 2009).

Em Espanha conhecem-se mais sítios com arte rupestre móvel da Idade do Ferro, num total de 2 dezenas de estações (Figura 2). Contudo, o número de elementos gravados é bem mais reduzido, rondando os 180 exemplares. Embora estes suportes surjam por todo o país, é possível definir algumas áreas com maior concentração de lajes gravadas.

No Noroeste espanhol, nomeadamente no principado das Astúrias e no interior da Galiza, foram identificados elementos gravados em 4 sítios distintos. Nos finais do século passado, no Castro Chao Samartín (Grandas de Salime) foram recolhidas duas placas gravadas em níveis bem datados dos séculos IV-II a.C. (Villa Valdés, 2010-12: 98-102), assim como vários blocos considerados *tabulae lusoria* ou tábuas de calculo romanas (Villa Valdés, 2007: 384). Entre 1992 e 2001, foram identificados 2 exemplares gravados no Castro Coaña (Coaña), que apresenta uma ocupação balizada entre os séculos

IV-I a.C., (Villa Valdés, 2010-12: 102-106). Em 2001, no decorrer de trabalhos periódicos de limpeza, foi registado no Castro de San Chuis (Allande) um bloco gravado equiparado aos tabuleiros *latrunculi* de cronologia romana verificados no Castro Chao Samartín (Villa Valdés, 2010-12: 110). Ainda assim, a descoberta mais interessante observada nesta zona foi a assinalada no Castro de Formigueiros (Lugo), ocupado entre o século III a.C. e os finais do século I d.C. (Meijide Cameselle, 2009a: 30). Aqui, num total de 13 placas exumadas, 6 foram identificadas *in situ* durante a intervenção arqueológica realizada em 2007. Estas encontravam-se integradas num pavimento e num banco corrido que compunham uma pequena praça, situada junto a um compartimento que possivelmente funcionou como cozinha (Meijide Cameselle, 2009a: 9).

Tal como no caso português, foi na bacia hidrográfica do rio Douro que se contabilizaram mais elementos gravados. Em meados do século XX, foi exumado no Castro da Mesa de Miranda (Ávila) um bloco gravado na entrada do povoado (Cabré Aguiló *et al.*, 1950: 34). Todavia, foi no Castro de Yecla de Yeltes (Salamanca) que se assinalaram mais blocos gravados, um total de 107 exemplares, com iconografia que recorda a arte atlântica (Martín Valls, 1983: 228). Todos estes blocos surgiram no paramento exterior da muralha da II Idade do Ferro (Martín Valls e Romero Carnicero, 2008: 247), nomeadamente junto à sua entrada Sul, dando a entender, pela posição das gravuras nos silhares, que se encontram no seu contexto original (Martín Valls e Romero Carnicero, 2008: 250). Depois destes achados, em 2005, durante trabalhos de limpeza realizados em povoados próximos, designadamente no Castro de Saldeana e no Castro de Las Merchanas (Salamanca), foram contabilizados mais 24 silhares gravados. Estes foram, igualmente, identificados nos paramentos exteriores do sistema defensivo, junto às entradas dessas estruturas (Martín Valls e Romero Carnicero, 2008: 241-247).

No Nordeste espanhol, concretamente na zona de Navarra e País Basco, foram registados achados, datados da II Idade do Ferro, em duas *oppida*, no povoado de la Hoya (Álava) (Filloy Nieva, 1994; Ortiz de Landaluze, 2007-2008: 1277) e no de La Custodia (Viana) (Kamiruaga Lariz, 1987). Embora com algumas reservas, os 7 elementos registados nestes sítios arqueológicos foram considerados vestígios de estelas funerárias.

Na região sudeste, foram sinalizadas cerca de uma dezena de ocorrências em 7 povoados distintos, tratando-se, portanto, da zona onde foram registados mais sítios arqueológicos com arte móvel. Em 1981, próximo do povoado de Puig Castelar (Barcelona), situado cronologicamente entre o século V e o século I a.C. (Pinta Rodríguez e Rio-Miranda Alcón, 1981: 84), foi recolhido um bloco gravado descontextualizado (Royo Guillén, 2009: 61). Em 2001, no povoado de Torre Cremada (Valdeltormo), durante trabalhos de consolidação do torreão, foi descoberto outro bloco figurado, considerado uma

estela do Ibérico Antigo (Royo Guillén *et al.*, 2006; Marco Simón e Royo Guillén, 2012). Na segunda metade da década de 2000, foram identificados 4 silhares gravados no Castro de Rodiles (Guadalajara) datados da segunda metade do século II a.C. (Cerdeño *et al.*, 2012). No final da década de 2000, foi registada, durante uma intervenção arqueológica, uma laje gravada no povoado de Cabezo de Alcalá (Teruel), considerada igualmente uma estela funerária proveniente de uma necrópole próxima, enquadrada na I Idade do Ferro (Marco Simón e Royo Guillén, 2012). Nas últimas décadas, foram ainda identificados 2 blocos decorados da I Idade do Ferro nos povoados de El Cabo (Andorra) e de Les Escodines Baixes (Mazaleón) (Royo Guillén *et al.*, 2006: 100) e alguns silhares almofadados, interpretados como possíveis marcas de canteiro, no povoado de Contrebia Belaisca (Bottorita) (Cerdeño *et al.*, 2012).

No Sul de Espanha, foram registados suportes móveis em 3 sítios localizados em duas províncias diferentes. Na Extremadura, em 1983, no âmbito de uma escavação arqueológica, foram recolhidas 3 plaquetas gravadas, algumas de dimensões muito reduzidas, no santuário-palácio de Cancho Roano (Zalema de la Serena), datadas do século V-IV a.C. (Maluquer de Motes *et al.*, 1986: 25-28). Na Andaluzia, na década de 1970, foi encontrada uma placa no santuário fúnebre de Estacar de Robarinas (Linares), considerada uma peça ática balizada entre o último quartel do século V e meados do século IV a.C. (Blázquez Martínez e Remesal Rodríguez, 1979: 375). Recentemente, nesta província foram ainda identificadas 2 placas gravadas na *oppidum* de Sierra de Boyera (Belmez), onde os primeiros trabalhos arqueológicos aí efetuados apontaram uma cronologia entre o século VI e o século IV a.C. para a ocupação do povoado (Cristo Roperó, 2019).

Concluindo, relativamente à arte móvel sidérica da Península Ibérica, é notória a falta de investigação dedicada a este tema, bem como a falta de uniformização de conceitos que facilitem o seu estudo e interpretação. Em termos de dispersão geográfica, não deixa de ser relevante que nas geografias com uma maior tradição nestes estudos se concentrem muitos sítios, como por exemplo o sudeste de Espanha, ainda que a região do Douro, sobretudo à volta do seu tramo internacional, se destaque não só pelo número de sítios mas, sobretudo, pelo número de achados. Este facto leva-nos a ponderar sobre o carácter excecional, ou não, destas materialidades ainda tão mal conhecidas, uma vez que só se encontra o que se procura...



Figura 2. Distribuição da arte móvel da Idade do Ferro na Península Ibérica.

3. Problemática e objetivos do estudo

3.1. Problemática do tema

Ao tema abordado nesta dissertação falta todo um conjunto de debates teóricos e problematizações, só possíveis através de um conhecimento acumulado durante décadas de estudos, realizados por diferentes investigadores e escolas de pensamento. De facto e ao contrário, da arte paleolítica ou da pré-história recente, que contam com uma grande tradição na sua investigação, não conseguimos reconstruir para a arte da Idade do Ferro um quadro de ideias onde se diferenciem, por exemplo, abordagens histórico-culturalistas, processuais e pós-processuais.

Efetivamente, o estudo sobre a arte rupestre da Idade do Ferro constitui um excelente exemplo de como as ideias que produzimos no presente, afetam o desenvolvimento das nossas interpretações sobre o passado. A ideia de que sociedades mais complexas deixariam de criar arte rupestre, fez com que muitas vezes esta não fosse procurada ou desconsiderada, ou ainda mal classificada (Figueiredo *et al.*, 2012; Neves e Figueiredo, 2015). Mas, sabemos hoje, ela fez parte das sociedades proto-históricas, cabendo-nos a nós uma aproximação ao papel que desempenhou nestas comunidades. Assim, torna-se fundamental desenvolver interpretações sistemáticas sobre a arte da Idade do Ferro.

Como já antes referido, apesar de se conhecerem em Portugal muitos sítios com arte rupestre enquadrada cronologicamente na Proto-História, estes são muitas vezes apenas referidos e poucas vezes estudados, por surgirem associados ao estudo de estações pré-históricas, “verdadeira” razão de ser das investigações. Este facto leva a que sejam atualmente pouquíssimos os levantamentos disponíveis relativamente ao número de sítios assinalados. Um exemplo paradigmático é o vale do Côa onde, apesar de estarem identificadas mais de 455 rochas gravadas do período sidérico, apenas se realizou o registo gráfico de cinco dezenas de painéis, continuando a grande maioria destas rochas inéditas (Luís, 2016: 61). Ainda assim, é no vale do Côa que mais tentativas se realizaram para compreender esta realidade. A arte parietal do Côa é aquela que mais semelhanças apresenta com a arte das placas móveis do vale do Sabor.

Pelo exposto, estudos mais aprofundados e capazes de estabelecer analogias proficuas para o debate arqueológico, estão condicionados por uma visão extremamente truncada da realidade rupestre deste período.

Relativamente aos motivos, por exemplo, é referido que os antropomorfos são sempre homens e guerreiros (Luís, 2016: 64). Mas, com efeito, do que conhecemos na arte móvel do Sabor, cenas de lutas entre figurações humanas são inexistentes e, no Côa, também não parecem representar a maioria

das cenas gravadas. A maioria das figuras humanas registadas correspondem a cavaleiros associados a armas em cenas de caça. O tema da equitação na Península Ibérica encontra-se relativamente bem estudado, permitindo perceber as formas de vida das comunidades proto-históricas, nomeadamente da classe aristocrática. Por outro lado, uma vez que já existem muitos estudos sobre armas da Idade do Ferro, conseguimos também perceber melhor as suas funcionalidades, bem como aproximar-nos de cronologias mais finas.

Também no Sabor surgem personagens que interpretamos como femininas, bem como outras que parecem fugir a qualquer tipo de classificação.

A arqueologia dedicada aos estudos da Idade do Ferro focou-se, durante muito tempo, nas trocas económicas, complexificação social, arquiteturas e proto-urbanismos (Bettencourt, 2003:132). A descoberta das coleções do Castelinho e de Crestelos veio revelar uma outra realidade, até ao momento pouco conhecida e, diríamos mesmo, totalmente inédita relativamente às quantidades exumadas. O facto da maioria das evidências de arte móvel sidérica surgirem integradas em estruturas, levou também a que fossem interpretadas como estando fora do seu contexto original, questão que poderá ser bastante mais complexa considerando, por exemplo, uma grande vigência cronológica destas materialidades e a sua constante reutilização.

Assim, não é tarefa fácil estabelecer analogias que nos permitam um quadro mais completo do papel desempenhado pelas placas gravadas. Seria este um fenómeno mais comum, que está ainda por revelar, ou os sítios do Castelinho e de Crestelos são uma exceção? Não pretendemos encontrar neste trabalho resposta para esta pergunta. Esperamos, no entanto, dar um contributo sério para que mais perguntas possam surgir e metodologias capazes de as apoiar.

3.2. Objetivos do estudo

Os primeiros estudos da arte móvel da Idade do Ferro do Baixo Sabor foram realizados no âmbito dos estudos arqueológicos desenvolvidos durante o Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor. Nessa altura, foi organizada toda a informação relativa aos suportes e motivos, realizando-se análises de conjunto sobre os mesmos.

Todavia, estes primeiros estudos foram concretizados no contexto da arqueologia empresarial, com prazos limitados e objetivos mais técnicos. Por isso, consideramos desde o início realizar uma revisão ao trabalho efetuado, assim como aprofundar os conhecimentos sobre a arte rupestre da Idade do Ferro. De forma a concretizar estes objetivos gerais, propusemo-nos cumprir as seguintes etapas:

- 1) Enquadrar a arte móvel do Baixo Sabor no contexto das estações de arte rupestre da Idade do Ferro do Vale do Douro;
- 2) Realizar um segundo levantamento de todas as placas a estudar, usando um novo método apoiado nas tecnologias digitais;
- 3) Proceder a um segundo inventário das placas, corrigindo e acrescentando dados ao trabalho anteriormente efetuado;
- 4) Analisar as sobreposições iconográficas de modo a identificar as diferentes fases de gravação e da composição;
- 5) Datar os exemplares móveis, com base nos dados das escavações, nos paralelismos regionais e peninsulares, assim como nos pormenores da indumentária e do armamento;
- 6) Propor uma primeira tabela tipológica para as representações humanas da Idade do Ferro;
- 7) Identificar narrativas e perceber a sua mensagem, reconhecendo ideologias e costumes da época, que ajudem a perceber o modo de vida das sociedades proto-históricas.

Os objetivos específicos enumerados foram, no geral, cumpridos, com exceção dos que passamos a descrever.

Relativamente ao ponto 2, após uma análise cuidada de todos os levantamentos realizados, e também devido a dificuldades no acesso e transporte das placas depositadas no Museu do Côa, optamos por efetuar um segundo levantamento digital das lajes mais complexas. Assim, foram transportadas para a Unidade de Arqueologia as 8 lajes que mais dúvidas ofereciam, com um campo figurativo mais intrincado. A validação dos levantamentos anteriores realizou-se no Museu do Côa, tendo sido também realizada uma análise fotográfica.

Quanto ao ponto 6, à medida que fomos individualizando os motivos antropomorfos, percebemos que pela quantidade destes motivos, cerca de 39, não se justificava a criação de uma tipologia. Para a concretização deste objetivo, terão de ser realizados mais trabalhos de levantamento em suportes onde figurem antropomorfos. No entanto, pese embora este ponto não ter sido cumprido, não podemos deixar de referir que foi constatado um padrão de representação deste tipo de motivos. Ou seja, existem diferentes versões da representação humana que, no futuro e com mais elementos, se poderão organizar numa tipologia. Percebendo esta situação, reservamos uma parte do inventário à descrição desses aspetos, relacionados com a representação da cabeça, do tronco e dos membros inferiores e superiores.

4. Metodologias

4.1. Conceitos teóricos

Na realização deste trabalho fomos empregando uma série de conceitos que se encontram mais ou menos definidos e que servem um propósito que importa explicar.

Quando nos referimos a representações humanas, estamos cientes de que algumas formas antropomórficas poderão simbolizar outros seres, semelhantes a humanos, como deuses ou antepassados. De acordo com M. Lorblanchet (1993: 211), os motivos figurativos tanto podem ser uma representação de um aspeto físico real, como se podem reportar a uma produção consciente de uma forma imaginária. Nos estudos centrados na Pré-História Recente, por exemplo, muitas figurações antropomórficas são interpretadas como representações de antepassados que legitimam uma linhagem e/ou uma identidade (Bueno Ramírez, 2010; Bueno Ramírez *et al.*, 2017). Já para o período Proto-Histórico, muitas representações são entendidas como guerreiros, heróis míticos ou deuses (Lemos e Cruz, 2008; Tristão, 2012). Assim, ao longo deste trabalho, quando nos referimos a representações antropomórficas, estamos a assinalar personagens que assumem a forma humana, mas que tanto poderão ser seres-humanos como seres divinizados.

A escolha do conceito de Proto-história em vez de Idade do Ferro também não foi casual, uma vez que sentimos haver nessa designação uma maior flexibilidade para integrar expressões gráficas. Uma vez que o estabelecimento de cronologias para a arte rupestre se constitui sempre como problemática, conceitos mais elásticos permitem uma maior liberdade no manusear dos motivos representados. Esta ideia ganha mais força quando consideramos que as gravuras de Crestelos poderão ser de uma fase mais antiga que as do Castelinho e, ainda, que a sua arte ao ar livre poderá remontar à Idade do Bronze.

Relativamente ao termo “arte”, já muita tinta se fez correr sobre se esta será, ou não, uma terminologia correta para designar as manifestações rupestres (Figueiredo *et al.*, 2012). Não se tratando de um tema fácil, mas não sendo nosso intuito desenvolvê-lo demasiado, à semelhança de outros trabalhos de que fizemos parte (Figueiredo, 2015), optamos por adotar o termo “arte” seguindo a definição estabelecida por M. Lorblanchet:

(...) alarguemos assim a definição de arte... Consideramos como manifestações de arte no seu começo as realizações que são as marcas do espírito sobre a natureza, a apropriação pelo homem das produções curiosas da natureza e as criações humanas que, quaisquer que sejam os seus objetivos e conteúdos (que ignoramos), implicam um jogo de materiais, de cores e de formas (das quais nos apercebemos) (Lorblanchet 2009: 24).

Por fim, importa discutir o conceito de arte móvel. Difundido pelo estudo da arte paleolítica (Errico e Vanhaeren, 1999: 31) e aplicado pontualmente à categorização de algumas peças de períodos posteriores (Oliveira, 2014: 1). De acordo com a maioria dos investigadores, o conceito de arte móvel integra todos os objetos decorados (estatuetas, seixos, placas, artefactos de adorno e utilitários) que possam ser transportados (Averbouh e Feruglio, 2012: 1268). Porém, isto não impede que se verifiquem algumas dificuldades na definição de certas materialidades, sendo por vezes intrincado perceber qual o limite entre uma peça executada originalmente como elemento de arte móvel ou, um destacamento natural do substrato geológico (Averbouh e Feruglio, 2012: 1268).

Deparamo-nos, também, com esta complexidade de determinação nos suportes gravados do Castelinho e de Crestelos. Poderíamos classificar como arte móvel as lajes inseridas em estruturas? E, uma vez que foram encontradas tanto em Crestelos como no Castelinho gravuras realizadas na rocha, poderíamos estar perante destacamentos? Dado o grande volume de peças, o facto de algumas estarem gravadas dos dois lados e a reutilização das mesmas, pensamos que a designação de arte móvel é a que melhor se adequa à realidade encontrada. Ainda em termos metodológicos, optamos por nos guiar sobretudo pelos estudos da arte móvel paleolítica, dada a tradição de que gozam e onde, por exemplo, placas usadas no revestimento do chão de cabanas continuam a ser designadas de arte móvel (Errico e Vanhaeren, 1999: 31).

Com base no referencial rochoso seguido por T. Aubry e J. Sampaio (Aubry e Sampaio 2012: 188) para o Vale do Côa, subdividimos esses elementos em quatro categorias distintas:

- 1) Plaquetas: todos os elementos rochosos com ambas as faces planas e de dimensões reduzidas, que não ultrapassavam os 20cm de comprimento;
- 2) Placas: pedaços de rocha bastante idênticos às placas, mas com dimensões superiores, nomeadamente no que diz respeito ao comprimento;
- 3) Blocos: os núcleos rochosos com uma espessura de pelo menos metade do seu comprimento máximo;
- 4) Seixos: placas ou plaquetas de xisto roladas por ação fluvial.

As plaquetas, placas e seixos resultaram muito provavelmente da fragmentação dos metagrauvaques pelo plano de xistosidade. Enquanto que os blocos, terão fragmentado ou sido extraídos pela diáclase dos afloramentos (Cunha, 2009).

4.2. Levantamento das gravuras

Para o trabalho aqui apresentado, foram utilizados documentos gráficos provenientes de dois métodos de levantamento distintos. Os primeiros, realizados ainda no âmbito da construção da barragem do Baixo Sabor, seguiram os preceitos clássicos, conforme o documento do Plano de Salvaguarda do Património (PSP) aprovado pela Tutela (DGPS). Referimo-nos ao decalque direto, realizado sobre plástico polivinil, método que tem vindo a ser colocado em causa já há uns anos por se tratar de um método intrusivo e suscetível de produzir facilmente erros de levantamento (o plástico pode movimentar-se com facilidade ou mesmo ocultar pormenores).

No método do decalque direto, foi esticado um plástico polivinil transparente sobre o suporte. Na representação dos motivos foram usadas canetas de acetato com cores e dimensões distintas de forma a reproduzir fielmente as gravuras (incisão, abrasão, picotado), os contornos dos suportes e algumas das características naturais da rocha (fissuras, nódulos de quartzo, estalamentos) (Figueiredo, 2015: 76).

Para que fosse mais fácil identificar os motivos, nomeadamente as incisões mais finas e ténues, os decalques foram realizados numa câmara escura, recorrendo-se apenas ao apoio de dispositivos de luzes leds.

Depois de terminado o decalque, numa das extremidades do plástico polivinil eram colocados alguns dados relativos ao suporte e ao levantamento: o número de inventário da peça, data, a escala, a legenda e o responsável pelo registo. Numa das extremidades da folha era ainda representada uma das secções da peça, com o objetivo de se ter uma ideia da espessura do suporte. O método usado na representação das secções foi o utilizado no desenho dos materiais arqueológicos.

Finalizado o trabalho de decalque, procedeu-se à digitalização dos levantamentos através de uma impressora scâner. Posteriormente, realizou-se a vectorização das imagens com base no programa *Adobe Illustrator*, que permite a representação dos grafismos por camadas (*layers*) (Figueiredo, 2015: 78).

No âmbito da elaboração desta dissertação, constatou-se que alguns desenhos apresentavam algumas lacunas, fruto do tempo escasso em que foram realizados os trabalhos empresarias. Assim sendo, optou-se por realizar novos levantamentos gráficos dos suportes mais complexos a analisar.

Nesta segunda fase do levantamento gráfico, recorreu-se a uma técnica de decalque distinta, que consistiu na representação gráfica das figuras sobre imagens 3D ortorretificadas. Começou-se por definir os pontos de referência que iriam permitir escalar e orientar as imagens dos suportes. Posteriormente, realizou-se o registo fotográfico desses elementos com uma máquina Canon 5D Mark IV, com resolução

de 30,4 *megapixels*, auxiliada por 2 flashes rebatidos ao teto, com uma abertura de 9, de forma a uniformizar a luz. As fotografias foram obtidas perpendicularmente ao plano da superfície gravada e num ângulo de 45° em redor da laje.

Terminado o registo fotográfico, as imagens digitais em formato JPG foram importadas para o software *Agisoft Photoscan* profissional, que criou um modelo 3D do suporte e, posteriormente, uma imagem ortorretificada sobre a qual trabalhamos. Contudo, antes do levantamento, esta imagem foi editada no programa *Adobe Photoshop CC 2018*, tendo-se alterado o seu fundo e acrescentado uma escala gráfica.

O decalque foi efetuado sobre a imagem ortorretificada do suporte usando o programa *Autodesk Sketchbook*, com o apoio de uma placa gráfica da marca *Wacom Intuos* versão 6.3.38-2. Neste programa de desenho agrupou-se as diferentes fases de gravação por camadas (*layers*). Para a representação dos motivos, utilizou-se a caneta branca, uma vez que se trata do tom mais aproximado à cor que as incisões teriam no momento imediato da sua gravação. À medida que realizámos o decalque, apoiamo-nos nas fotografias de pormenor e gerais das gravuras, sobre as quais aplicamos filtros através da aplicação *Fotografias Microsoft 2020*, de forma a conseguirmos perceber melhor a sobreposição das incisões. Paralelamente, realizamos a observação direta do suporte, utilizando iluminação led para criar o efeito de luz rasante que nos permitisse identificar os traços mais finos. Quando as sobreposições geraram dúvidas, recorreremos ainda a uma lupa binocular para uma observação mais detalhada das incisões.

4.3. Organização e sistematização dos dados

Os elementos de arte móvel estudados neste trabalho começaram a ser sistematizados em 2014, no âmbito dos trabalhos arqueológicos da Barragem do Baixo Sabor. Na altura, com base no estudo da pintura esquemática de Trás-os-Montes (Figueiredo, 2013: 139), os dados foram organizados em três unidades de estudo: contextos, suportes e motivos (Figueiredo, 2015: 149). Neste trabalho seguimos esta metodologia, ainda que com algumas poucas alterações que passamos a expor.

Relativamente aos **contextos** de escavação, definiram-se os seguintes parâmetros: sector, quadrado, unidade estratigráfica, latitude, longitude e altitude do achado, bem como a sua proveniência no sítio (escavação, superfície ou escombreira).

Quanto aos **suportes**, as variáveis tidas em conta foram: a matéria-prima (xisto, granito e quartzito); o tipo de suporte (placa e seixo); a forma do suporte (irregular, alongada, triangular, trapezoidal, retangular, oval, quadrangular); o aspeto da superfície (polida ou em estado bruto); as

características principais do suporte (como a presença de veios de quartzo ou nódulos); se a placa se encontrava completa ou fraturada; se apresentava ou não sinais de termo alteração; as dimensões; o estado de conservação (mau, regular e bom); o número de faces gravadas; e, finalmente, se remontava ou não com outras placas.

Para os **motivos**, consideraram-se os seguintes aspetos: conjunto figurativo ou unidade figurativa; o grupo de motivos (geométricos, abstratos, figurativos, alfabetiformes, indeterminados); dentro do grupo, o tipo (antropomorfo, mãos, podomorfos, cruciforme, zoomorfo, esteliforme, ramiforme, escalariforme, armas, labirintiforme, reticulado, circular, quadrangular, triangular, organização linear, tabuleiro jogo, forma linear, forma angulosa) e, posteriormente, o subtipo (cruz grega, latina e galgote; antropomorfo orante, braços horizontais, em asa, com toucado, arma, dança, esquemático e cavaleiro; equídeo, caprídeo, cervídeo, bovino, suíno, ave, serpentiforme, quadrupede e canídeo; soliforme, asterisco; arboriforme; escalariforme vertical e horizontal; punhais, alabardas, espadas, lanças, punhos, falcata, seta; reticulado aberto e fechado; oval, círculo, covinha, pontos, semicírculo, covinha unida, complexo; quadrado, losango, reta; triângulo; paralela vertical, horizontal e diagonal, feixe, X, T, mais; formas lineares isoladas, conjunto sem ordem e disperso, curvas; formas angulares abertas e fechadas, ziguezagues; picotado disperso e raspagem); associações entre motivos; fases de gravação; técnicas (incisão filiforme ou ténue, picotado e abrasão) e variações técnicas; patina (ausente, elevada e muito elevada); estado de conservação (mau, regular e bom); dimensões; localização no painel e; a cronologia.

Durante a elaboração desta dissertação, todos os dados que integravam os campos enumerados foram inseridos, via *Web*, no sistema de informação *2ArchIS* da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, criado originalmente para armazenar, gerir, estudar e divulgar a informação associada ao Projecto *Bracara Augusta* (Botica e Martins, 2008) mas que, ultimamente, se tem alargado a outros estudos (Botica, 2017), nomeadamente os da Arte Rupestre (Figueiredo *et al.*, 2020). Para facilitar este processo, foi criado um aplicativo *Back Office*, em HTML e PHP, dedicado à arte rupestre da Idade do Ferro, estruturado da seguinte forma: Monumento, Intervenção, Materiais, Matriz Motivos, Documentação, Relatórios, Estatísticas e Pesquisas. A construção dos formulários dos Suportes e dos Motivos, integrados no item Materiais, baseou-se nos campos referidos anteriormente, definidos no contexto do estudo da arte rupestre da Barragem do Baixo Sabor.

Todavia, no formulário relativo aos motivos das lajes, reconhecendo-se um padrão na figuração dos antropomorfos, foram acrescentados novos campos que permitiram uma caracterização mais específica dessas figuras por se tratarem do nosso tema de estudo. Esses campos foram estruturados de acordo com as diferentes partes do corpo humano. Para a cabeça considerou-se a sua forma (circular,

retangular, triangular, pentagonal, ovalada e losango) e os elementos representados (simples, toucado, penacho, bico de pássaro, véu/cabelo e capacete). Quanto ao corpo, a forma como este era representado (linhas paralelas abertas ou fechadas, uma linha). Por fim, para os membros inferiores e superiores a forma como estes eram representados (linhas paralelas abertas ou fechadas, uma linha), a sua posição (fletidos, oblíquos, horizontais e retos) e a presença ou não de mãos.

Permitindo o *2ArchIS* a interligação e sobreposição dos dados, a cada suporte foi relacionado, no item Documentação, vários tipos de imagens: as fotografias das lajes e dos motivos e os decalques realizados pela técnica tradicional ou sobre imagens 3D ortorretificadas.

No final foi criado um formulário modelo para apresentar os dados inseridos dos suportes e motivos, onde constam as imagens e a lista dos motivos. Este formulário constitui os últimos anexos desta dissertação (Apêndice II e III).

Todos os mapas presentes neste trabalho foram criados através do *ArcMap*, tendo a georreferenciação dos sítios sido realizada pelo sistema Datum 73, Elipsóide de *Hayford*, com origem das coordenadas em Melriça.

PARTE II

Parte II- Contexto arqueológico das placas gravadas

1. Castelinho

1.1. Enquadramento arqueológico

O sítio do Castelinho, atualmente submerso pela albufeira da Barragem do Baixo Sabor, situa-se na freguesia de Felgar, no concelho de Torre de Moncorvo e no distrito de Bragança (M: 97498,03; P: 175150,46 - PT-TM06/ETRS89) (Figura 3). Implantado num pequeno outeiro (212,50 m) sobranceiro à margem direita do Rio Sabor e embora se encontrasse encaixado no vale, detinha um ótimo campo de visão sobre a envolvente.

Oficialmente, esta estação arqueológica é conhecida por Sítio Fortificado do Castelinho (nº de inventário 149). Contudo, nesta dissertação, para facilitar o discurso, optamos por designá-la, apenas, de Castelinho.

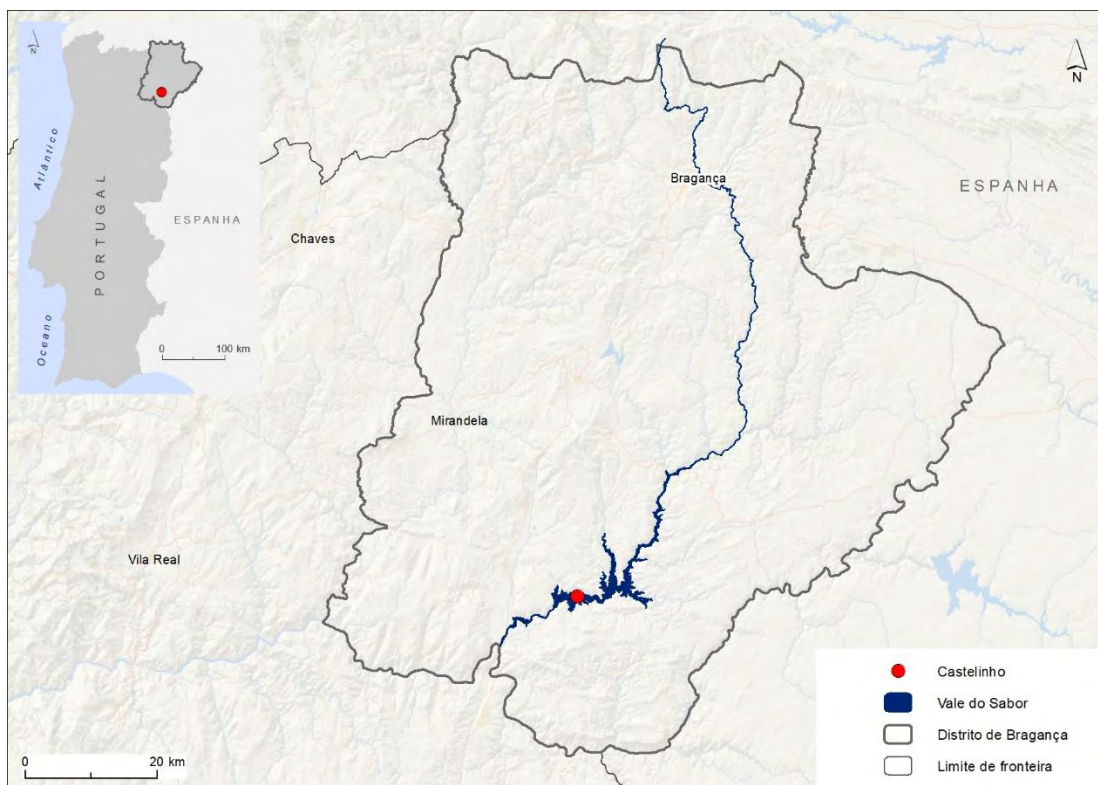


Figura 3. Localização do Castelinho em Portugal e Trás-os-Montes.

Conhecido desde a década de 1920 (Alves, 1934: 575) e referenciado em vários trabalhos ao longo do século XX (Brandão, 1961; Prósper e Redentor, 2007; Neto, 1975, PARM, 1992; Lemos, 1993:

364), o Castelinho só foi intervencionado no século XXI. A sua escavação, realizada no âmbito do empreendimento hidroelétrico do Baixo Sabor, decorreu entre Fevereiro de 2011 e Novembro de 2013, em duas fases distintas. Num primeiro momento, integradas no plano de diagnóstico de Cilhades, foram realizadas sondagens preliminares (120m²) (Santos *et al.*, 2014). Ainda se encontrava a decorrer esta primeira intervenção quando se avançou para a escavação em área (Figura 4), tendo esta fase sido mais duradoira (34 meses) e intervencionada por uma equipa mais numerosa, dirigida por F. Santos, E. Pinheiro, F. Rocha e J. Sastre (Santos *et al.*, 2014). Durante esta segunda fase dos trabalhos, pôde-se ainda distinguir dois grandes momentos de organização dos trabalhos: um primeiro que decorreu até à descoberta ocasional da primeira laje gravada, inserida numa estrutura localizada na zona mais elevada do sítio, durante um trabalho de topografia; a partir daqui a responsável pelos estudos de arte rupestre, S. Figueiredo, integra a direção dos trabalhos, passando a intervenção a ser acompanhada permanentemente por elementos especializados nesta área. Concomitantemente, é realizada uma revisão às terras provenientes da escavação (escombreyras), retiradas antes da identificação do primeiro suporte gravado.



Figura 4. Escavação do Castelinho vista de Este.

Quanto à escavação, de forma a melhor organizar os trabalhos e as equipas, a área intervencionada foi dividida em 4 zonas, a saber: a plataforma inferior, a intermédia, a superior e a Norte.

Não obstante, no tratamento dos dados relativos à arte rupestre, uma vez que não é clara a separação entre a plataforma inferior e intermédia, optamos por analisar os dados dessas plataformas em conjunto. As plataformas intermedia e inferior, localizadas na área Sul, integravam os sectores I e II. A plataforma superior, que correspondia à zona mais elevada do esporão, incorporava os sectores III e IV. Por fim, a plataforma Norte, que englobava o terreno aplanado a Norte, era composta pelos sectores V e VI.

Nas áreas referidas, foram identificados vestígios arqueológicos que permitiram uma primeira interpretação do Castelinho. Este tratava-se de um sítio fortificado romanizado para o qual foram propostas, tendo em conta o estudo da muralha, 6 fases, reportando-se apenas 4 destas a momentos de ocupação (Fase II, III, IV e V) (Santos, 2015: 248). De uma forma geral, estes quatro momentos de ocupação foram datados entre o século III/1º quartel do século II a.C. e o os finais do século I/inícios século II d.C. (Santos, 2015: 273-274).

A fase I corresponde a substratos anteriores à construção do perímetro muralhado ovalado, onde foram registadas escassas cerâmicas manuais, afetados por níveis posteriores e sobre os quais é difícil definir uma cronologia (Santos *et al.*, 2014: 606).

A muralha foi erguida na fase II (Figura 5), entre o século III e o 1º quartel do século II a.C., apresentando na altura 3 entradas: uma a Sudeste, no sector II e, duas a Este e Oeste, implantadas na plataforma superior (Santos, 2015: 273). Não é claro se são desta fase as estruturas negativas constituídas pelo Fosso III e Fosso IV (Santos, 2015: 259). Os Fossos I e V, por se encontrarem numa posição paralela ao Fosso III, poderão ser contemporâneos deste (Santos, 2015: 256).

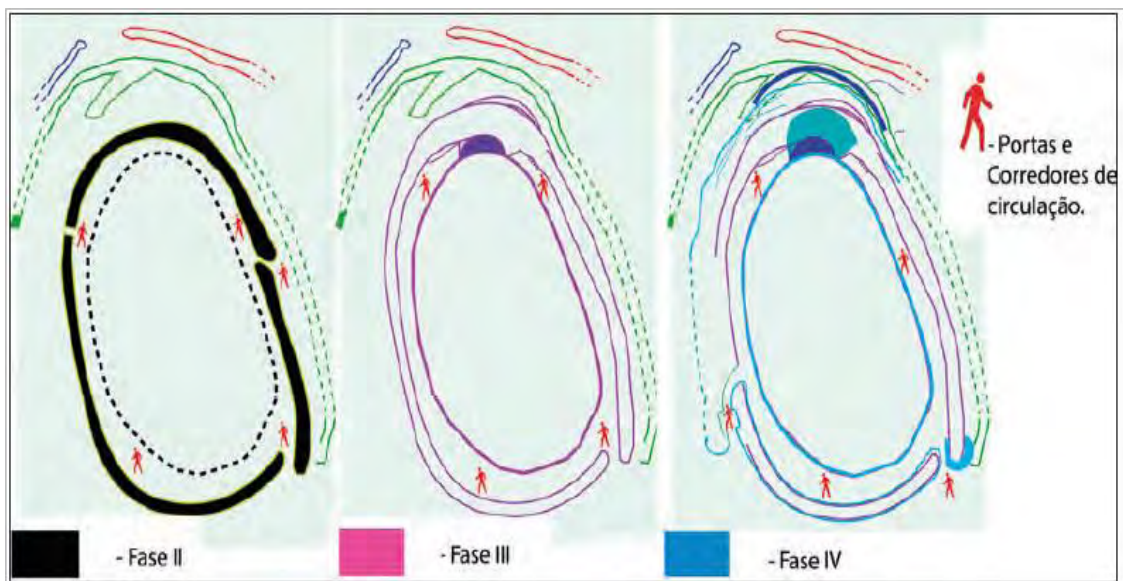


Figura 5. Planta do processo evolutivo defensivo de Castelinho (Santos, 2015: 275).

Posteriormente, na fase III (Figura 5), assiste-se a uma primeira remodelação da estrutura muralhada, construindo-se na plataforma Norte o Torreão Norte Primitivo e condenando-se as entradas Este e Oeste (Santos, 2015: 250). Além disso, verifica-se uma reformulação dos corredores de circulação interiores e conservam-se alguns dos troços do Fosso III (Santos, 2015: 248). Esta terceira fase, em termos temporais, não estaria muito distante da fase subsequente, em que se assiste a uma verdadeira monumentalização do sítio (Santos, 2015: 255).

Na fase IV (Figura 5), imediatamente anterior à chegada dos romanos (2^a metade do séc. I a.C.) (Santos, 2015: 256), na plataforma Norte ergue-se um novo torreão (Torreão Norte Tardio), constrói-se a muralha escalonada e escava-se o fosso II sobre o fosso III, o que obrigou à construção de um muro em alvenaria na extremidade Este desta estrutura para sustentar o enchimento da antiga estrutura em negativo (Santos, 2015: 271). Na plataforma intermédia e inferior, abre-se a monumental porta rampeada Sudoeste, constituída por um sugão retangular e um corredor curvilíneo, e edifica-se um pequeno torreão junto a esta entrada e à porta Sudeste, mantendo-se em funcionamento junta desta última entrada um troço do Fosso III (Santos, 2015: 268).

A fase V corresponde já à ocupação romana (finais séc. I a.C. - início do séc. II d.C.), quando os corredores de circulação, os fossos e as entradas Sudeste e Sudoeste foram colmatados para regularização do terreno (Santos, 2015: 270). Na plataforma superior e intermédia, surgem estruturas relacionadas com o armazenamento de cereais.

A última etapa, fase VI, diz respeito aos momentos posteriores ao século II d.C., em que se verifica um progressivo abandono do sítio e a sua transformação num espaço agrícola (Santos, 2015: 249).

Além das estruturas referidas, o Castelinho destacou-se pela descoberta de uma excecional coleção de arte rupestre móvel, com um total de 521 exemplares (Figueiredo *et al.*, 2014). Estes foram exumados em todas as áreas escavadas do Castelinho, embora se tenha verificado uma maior concentração em determinadas zonas. Os suportes gravados foram identificados não só em substratos e em estruturas (muralhas, celeiros e edifícios, lajeados) integradas nas Fases III, IV e V, mas também em camadas agrícolas recentes.

O maior conjunto de placas com gravação foi encontrado na plataforma Norte (Figura 6), onde foram registadas 180 placas nos fossos e na muralha, assim como à superfície. Destacamos aqui a presença de 97 exemplares no depósito de enchimento do fosso II (Figura 6), colmatado, segundo os responsáveis da escavação (Santos, 2015: 255), com o objetivo de regularizar o terreno, no período romano (Fase V). Neste mesmo fosso, também foi assinalado um bloco gravado no muro de alvenaria Este, que substituíu o substrato rochoso, removido anteriormente pela abertura do Fosso III (Santos,

2015: 250). Um total de 32 placas foi registado no nível de derrube da muralha que sobrepunha três fossos (Fosso II, III e IV) da plataforma Norte, podendo estas tratarem-se de evidências de origem anterior reutilizadas na muralha, ou de elementos contemporâneos dessa mesma estrutura. Um número ainda significativo de exemplares, 17 placas, foram recolhidos em níveis interpretados como de abandono, do Fosso III. 9 placas foram registadas na estrutura defensiva, ora associadas a níveis relacionados com o Torreão Norte Primitivo (Fase III) e na muralha primitiva, ora integradas no Torreão Norte Tardio e na muralha escalonada (Fase IV). As restantes placas foram recolhidas em níveis de abandono da II Idade do Ferro. Apenas 9 ocorrências foram registadas à superfície.

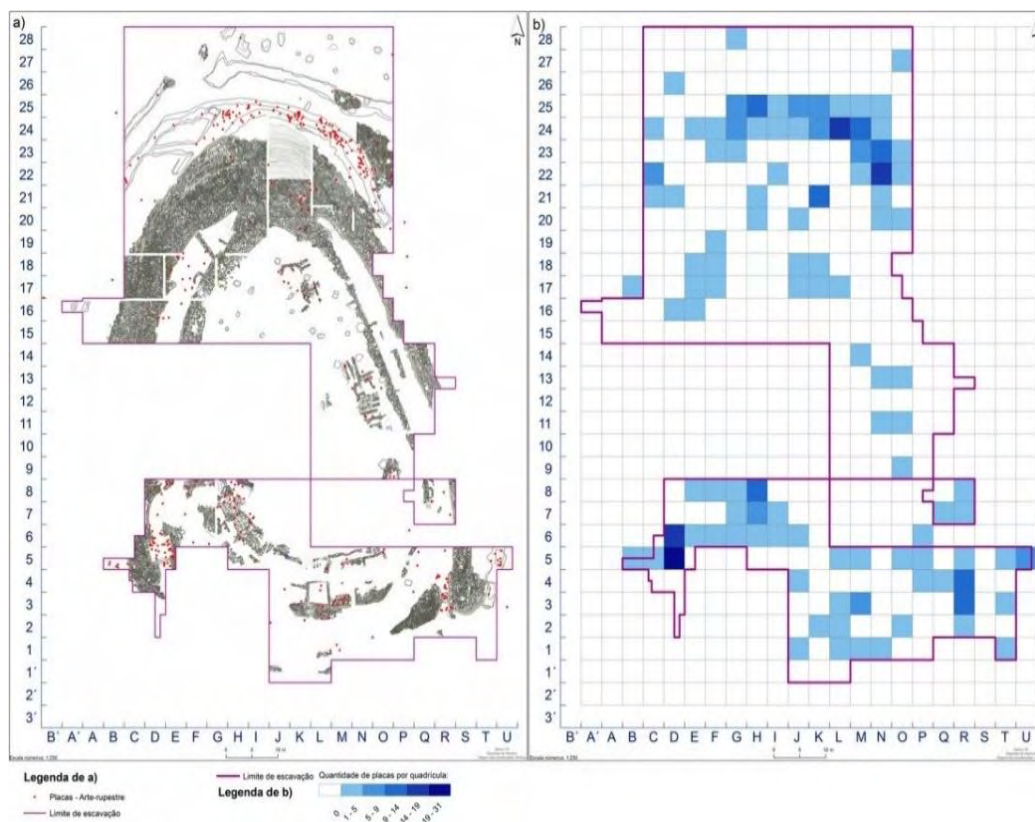


Figura 6. Dispersão dos suportes gravados na área escavada do Castelinho.

A segunda área onde foram registadas mais placas foi nas Plataformas Intermédia e Inferior (Figura 6), que corresponde à extremidade sul do sítio arqueológico. Aqui, no total foram contabilizados 177 suportes gravados, tendo-se registado 98 no sector I e 79 no sector II.

No sector I, a maioria das placas, 43 exemplares, foram recuperadas durante a escavação do depósito que colmatou a porta Sudoeste, assim como no seu sugão e no seu corredor interno curvilíneo. O abandono desta zona verificou-se já em época romana (Fase V), de uma forma organizada, encontrando-se as lajes dispostas de forma coerente. No corredor interno, que ligava ao sugão da porta

Sudoeste, foram encontradas 9 placas gravadas. No lajeado que compunha a soleira da porta Sudoeste, com a face gravada voltada para baixo, foram registadas 4 placas, duas delas gravadas nas duas faces. A porta Sudoeste, assim como o sugão e o corredor que ligava a este compartimento foram abertos na Idade do Ferro, na fase de monumentalização do Castelinho (Fase IV) (Santos, 2015: 268). Quanto ao sector II, foram registados 22 exemplares figurados na entrada Sudeste, nomeadamente nos níveis de colmatação desta entrada depositados durante a ocupação romana do sítio (Fase V). No fosso III, que esteve em funcionamento até à Fase IV, localizado para Este desta entrada, foram contabilizadas 6 placas gravadas. No pequeno torreão que ladeava a porta Sudeste, incorporados na sua parede exterior, foram detetados 3 blocos. A maioria dos restantes suportes gravados foram identificados em celeiros e estruturas ou, em níveis a estes associados, destacando-se aqui uma laje que integrava um pavimento localizado entre o celeiro III e IV. Em níveis agrícolas e à superfície foram recolhidas no total 28 placas.

No afloramento que sustentava as estruturas identificadas na plataforma intermédia e junto a um muro de contenção de terras da Fase IV foram ainda identificados vários painéis gravados.

A zona onde foram identificados menos suportes móveis foi na plataforma superior (Figura 6), onde foram contabilizados 36 elementos. Nesta zona, destaca-se a presença de 13 placas nos níveis de aterro para regularização do terreno durante a ocupação romana (Fase V). As restantes placas surgiram distribuídas por estruturas de armazenamento e níveis de abandono da Fase IV e V. Destacamos, ainda, três placas associadas a estruturas da Fase III, nomeadamente uma identificada no emparedamento da porta Oeste.

Um total de 117 elementos pétreos gravados foram recolhidos em escombrelas resultantes da escavação do Castelinho, de uma fase anterior à identificação da primeira placa, no celeiro VII, situado na plataforma superior.

1.2. As placas gravadas

Durante a escavação do Castelinho foram identificadas 521 lajes de xisto gravadas, assim como um afloramento de xisto ao ar livre com motivos figurados.

Relativamente aos suportes móveis, a maioria integra (98,7%) a categoria das plaquetas, placas e blocos, tendo-se também registado iconografia em 6 pesos e num polidor. Embora se tenha realizado a remontagem de 7 placas, quase a totalidade das evidências se encontram fragmentadas, não permitindo uma leitura de conjunto.

Apesar da fragmentação das peças, um número (88,1%) muito significativo de suportes apresentava-se em condições regulares de preservação, revelando-se apenas uma pequena percentagem em bom (10,2%) e mau (1,8%) estado de conservação.

Os elementos figurados apresentavam formatos e dimensões variadas. Quanto à morfologia, quase metade das peças patenteavam um formato retangular (40,3%). Os restantes exemplares enquadravam-se na categoria dos triangulares (14,2%), alongados (9,0%), quadrangulares (7,1%), trapezoidais (2,3%) e ovais (0,5%). Um pouco mais de um quarto (26,5%) da totalidade dos suportes não demonstrava uma configuração definida, integrando o grupo dos suportes irregulares.

No que concerne ao tamanho, o comprimento e a largura dos suportes era bastante variável e dispar, sendo possível para a primeira unidade de medida encontrar suportes entre os 6cm e os 127cm de comprimento e para a segunda exemplares entre os 3cm e os 70,5cm de largura. A espessura dos suportes, por outro lado, não apresentava dimensões tão oscilantes, revelando a peça menos espessa 0,5cm e a mais espessa 12cm.

A maioria dos suportes encontravam-se gravados apenas numa das faces (94,2%), tendo sido identificadas gravuras em ambas as faces apenas em 30 placas (5,7%).

Nas superfícies gravadas dos suportes móveis identificados no Castelinho foram individualizados, segundo uma primeira análise, 1420 motivos (Figueiredo *et al.*, 2014: 48). Estas gravuras foram integradas em diferentes grupos temáticos: geométricos, abstratos, figurativos, alfabéticos e indeterminados.

O grupo temático mais representado na totalidade das composições gráficas do Castelinho foi o dos geométricos (40,85%), destacando-se aqui o conjunto das organizações lineares (59,5) e, posteriormente, o dos reticulados (30,9%). Os motivos circulares (7,4%), quadrangulares (1,9) e triangulares (0,2%) foram aqueles que menos representatividade assumiram.

Quase um terço da globalidade das gravuras individualizadas foram incluídas no grupo dos abstratos (29,8%), que podiam assumir tanto formas angulosas como lineares. Dentro das figuras angulosas, destacavam-se os zigzagues com 25 representações contabilizadas.

O terceiro grande grupo iconográfico, representando aproximadamente um quarto da totalidade dos motivos (24,4%), foi o dos figurativos. Neste grupo, bastante variado, o tipo de gravuras que mais vezes surgiu figurada foi a dos zoomorfos (78,9%), sendo os equídeos os animais mais representados, com um total de 150 figuras. Estes apareciam representados associados a antropomorfos, isolados ou em manadas.

Excetuando o significativo grupo dos quadrúpedes (87), classificação atribuída aos zoomorfos de tipologia indeterminada, os segundos animais mais representados foram os cervídeos, embora com um número bem mais reduzido de imagens, um total de 15.

Além destes animais, com uma representatividade substancialmente mais reduzida, mas não menos importante, foram identificadas 5 aves, 2 bovídeos, 4 canídeos e 6 suínos, a maioria deles correspondendo a javalis.

Entre o grupo dos figurativos, destacamos ainda o sub-grupo dos antropomorfos, onde foram incluídas 34 figuras. Dentro deste conjunto de gravuras, tema do nosso trabalho, os cavaleiros foram as representações que melhor se destacaram, surgindo a maioria associados a armas ofensivas, nomeadamente a lanças ou javalinas, mas também a armas defensivas, como escudos ou capacetes.

Uma percentagem muito reduzida de imagens gravadas (5%) foi integrada no grupo dos alfabéticos e dos indeterminados (4,5%).

Os motivos identificados na arte móvel do Castelhinho foram gravados sobretudo através da técnica da incisão (90%), tendo-se também identificado motivos efetuados com base na técnica da abrasão (5%) e da picotagem (2%). Alguns dos motivos executados através da técnica da abrasão correspondiam a gravuras fusiformes, vulgarmente conhecidas por “unhadas do diabo”. Outras figuras, ainda que escassas, gravadas através da picotagem, correspondiam a fossetes. Um número muito reduzido de motivos (1%) combinava estas três distintas metodologias de gravação.

Quanto ao afloramento ao ar livre, foram individualizados três painéis gravados em posição sub-horizontal, voltados para Sul. Nos diferentes painéis, foram contabilizados um total de 9 motivos incisos, integrados na categoria dos geométricos e abstratos, destacando-se aqui a presença de 2 reticulados. A técnica de gravação usada foi a incisão fina que, associada ao mau estado de conservação dos painéis, tornava os motivos quase impercetíveis.

2. Crestelos

2.1. Enquadramento arqueológico

O sítio de Crestelos, igualmente submergido pelas águas da Barragem do Baixo Sabor, localiza-se na freguesia de Meirinhos, integrada no concelho de Mogadouro e no distrito de Bragança (Figura 7). Situado na margem esquerda do Rio Sabor, numa zona onde este rio formava um meandro e numa área aberta do vale, ocupava o topo de um pequeno outeiro (220m), estendendo-se para as vertentes suaves Sul/Sudeste e Sudeste dessa elevação e para uma plataforma aplanada situada a Sudeste.

Tal como o Castelinho, este sítio é conhecido, em termos oficiais, por Povoado da Quinta de Crestelos (nº de inventário 1652). Todavia, numa perspetiva de simplificação, será, nesta dissertação, designado apenas de Crestelos.

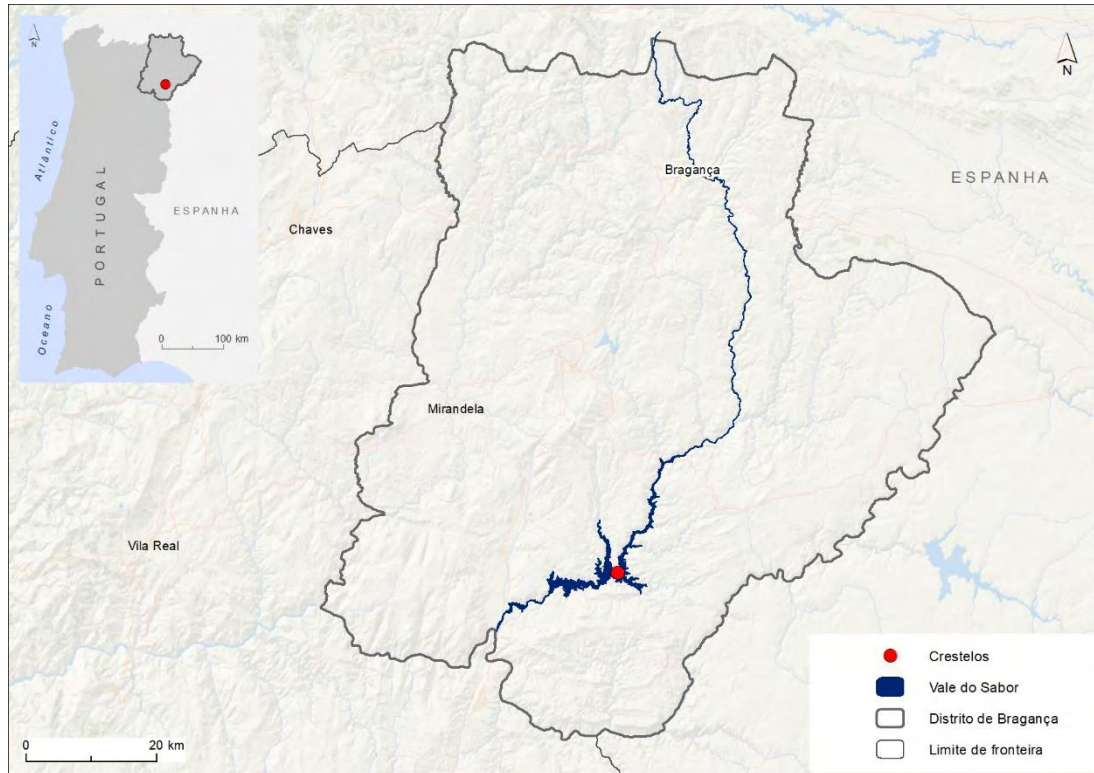


Figura 7. Localização de Crestelos em Portugal e Trás-os-Montes.

Identificado durante os trabalhos prévios da Barragem do Baixo Sabor (Pereira *et al.*, 2013: 104), Crestelos foi intervencionado entre 2012 e 2013, em dois momentos distintos. Em meados de 2012, dando cumprimento ao Plano de Salvaguarda do Património (PSP), foram realizadas oito sondagens arqueológicas de diagnóstico na zona mais elevada do outeiro, nomeadamente junto ao Abrigo 2 da Quinta de Crestelos, e na área aplanada a Sudeste. Perante o resultado promissor desta intervenção, foi posteriormente levada a cabo uma grande campanha de escavação (10.700 m²) (Figura 8) (Pereira *et al.*, 2015: 163).

Ao contrário do que se verificou no Castelinho, onde a intervenção em área esteve sempre a cargo da mesma equipa, em Crestelos, dadas as dimensões (Figura 8) e diacronias do sítio, bem como o curto período de tempo para a execução dos trabalhos, estiveram em campo diferentes empresas e equipas. Desta realidade resultaram inúmeros relatórios cujas informações não foram cruzadas ou devidamente interpretadas para nos dar uma visão mais completa da ocupação deste espaço. Relativamente à Idade do Ferro, encontra-se neste momento em elaboração uma tese doutoral, da autoria de J. Larrazabal

Galarza, onde se procura conseguir uma leitura mais completa e fundamentada de Crestelos, o que nos permitirá futuramente uma interpretação mais fecunda e coerente do sítio.



Figura 8. Escavação de Crestelos vista de Sul.

Ainda assim e de acordo com as primeiras análises, podemos referir que a escavação de Crestelos permitiu identificar vestígios materiais com uma longa diacronia de ocupação, desde a Pré-história Recente até à Idade Média, tendo as ocupações da Idade do Ferro e romanas sido aquelas que mais se destacaram.

Relativamente aos vestígios da Idade do Ferro e romanos, estes estendiam-se desde a zona mais elevada do esporão até à plataforma sobranceira a Sudeste. No topo desse esporão verificaram-se vários fossos, linhas de muralha, torreões, portas, plataformas e estruturas de armazenamento. Entre estas construções destaca-se o Fosso 1, no interior do qual foram registadas, na sua zona mais profunda, várias estruturas de combustão, relacionadas com vários momentos da II Idade do Ferro. Segundo os dados preliminares da escavação (Pereira *et al.*, 2015: 284), este fosso foi colmatado entre finais da Idade do Ferro e os inícios da época romana, momento em que, nesta zona, se verificou uma multiplicação das estruturas de armazenamento. Na plataforma inferior Sudeste, considerada a área habitacional, foram identificadas cabanas circulares e outras estruturas de várias fases da Idade do Ferro

(Pereira *et al.*, 2015: 285), assim como construções sobretudo agrícolas do período romano, que sofreram várias obras de reformulação até ao século XII d.C. (Tereso *et al.*, 2018c).

Ainda na plataforma Sudeste, num terreno ligeiramente elevado, sobre construções da Idade do Ferro e Romanas, foi escavada a Necrópole Oeste de Crestelos, onde foram contabilizadas 56 sepulturas de inumação do século V-VI d.C. (Fraga *et al.*, 2013: 427).

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos nas diferentes zonas descritas, à semelhança do que aconteceu no Castelinho, foram acompanhados por uma equipa de arte rupestre, nomeadamente nas zonas com vestígios da Idade do Ferro. Durante estes trabalhos foram identificados 104 suportes móveis gravados e 4 afloramentos ao ar livre com iconografia, designados de Rocha 8, 9, 10 e 11 da Quinta de Crestelos (Figueiredo *et al.*, 2015). Quanto aos suportes móveis, a maioria dos exemplares, 73, foram registados no topo do esporão e os restantes 31 exemplares na plataforma aplanada a Sudeste.

Ao contrário do Castelinho, para Crestelos, nomeadamente para a zona mais elevada, não foi possível contextualizar as lajes gravadas. Embora tenham sido consultados os diferentes relatórios da escavação (Sastre Blanco, 2015), devido à ausência de uma lista e caracterização pormenorizada das unidades estratigráficas, não conseguimos perceber a que tipo de estrutura ou camada correspondiam as unidades estratigráficas assinaladas nas etiquetas das lajes. Apenas podemos garantir que um bloco gravado foi identificado no paramento exterior de um dos troços de muralha, cuja cronologia não foi possível apurar e que 4 elementos foram recolhidos à superfície.

Na plataforma Sudeste, grande parte das lajes figuradas surgiram integradas em paredes e em níveis de abandono desses muros datados entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média, dando a entender um reaproveitamento das mesmas em períodos posteriores à sua execução. Uma das placas foi detetada no capeamento de uma canalização, que servia um tanque dos finais do século XIX e inícios do século XX (Figueiredo *et al.*, 2015: 67-68).

Relativamente à arte parietal, duas estações, a Rocha 8 e 11 da Quinta de Crestelos, correspondiam a painéis identificados em paredes opostas da extremidade Oeste do Fosso I, datado da II Idade do Ferro. É de assinalar que os painéis da Rocha 11 de Crestelos, situados na zona mais elevada da parede do Fosso I, encontravam-se imediatamente atrás de um conjunto de estruturas de combustão.

No topo do esporão foram ainda registadas as Rochas 9 e 10 da Quinta de Crestelos. A primeira, situada no lado Norte do esporão, foi revelada durante os trabalhos de limpeza e análise dos afloramentos realizados com o intuito de detetar arte rupestre. A segunda, sob os substratos que cobriam a zona Norte do topo do outeiro.

O Abrigo 2 da Quinta de Crestelos, identificado antes do início da escavação e onde se realizaram as primeiras intervenções de Crestelos, situava-se na zona mais elevada da cumeada, encontrando-se a sua entrada orientada para Oeste.

2.2. As placas gravadas

Em Crestelos foram contabilizados 104 suportes enquadrados na categoria de arte móvel, 4 afloramentos ao ar livre, 2 deles decorando as paredes de uma estrutura em negativo, e 1 pequeno abrigo com escassas figuras. À exceção de um seixo rolado em quartzito, os restantes suportes são todos em xisto.

Relativamente à arte móvel, a maioria dos exemplares correspondem a plaquetas, placas e blocos, registando-se apenas dois pesos e um seixo rolado. Todos estes elementos pétreos gravados encontram-se fragmentados, tendo sido possível realizar a remontagem em apenas duas peças. Ainda assim, dois terços das lajes (63,10%) apresentam um grau de conservação regular e quase um quarto (22,34%) encontram-se em bom estado de conservação, sendo o número de lajes em más condições diminuto (14,56%).

No que diz respeito à configuração das lajes, ainda que fragmentadas, foi possível perceber que algumas revelam uma morfologia trapezoidal (26,21%), retangular (7,76%), alongada (5,82), oval (3,89%) e triangular (3,89%). Contudo, a maioria dos exemplares (52,43%) demonstra uma configuração irregular.

A dimensão dos suportes é bastante variável sobretudo no que concerne ao comprimento, uma vez que a laje de maior dimensão apresenta 103 cm e a de menor 5,4 cm. No que diz respeito à largura e à espessura esta diferença de medidas não é tão marcada, apresentado a de menor largura 3 cm e a de maior 33,2 cm e, a de maior espessura 11,3 cm, enquanto que a mais estreita ronda os 0,4 cm.

Tal como no Castelinho, em Crestelos a maioria dos suportes móveis encontram-se gravados em apenas uma das faces (91,26%), verificando-se motivos em duas superfícies apenas em 9 lajes (8,74%). Quanto às superfícies gravadas, assinalamos o facto de em 40 exemplares se ter preparado previamente os painéis onde se efetuou a gravação dos motivos, de forma a que estes ficassem com uma base regular.

Nas superfícies das 104 lajes de Crestelos, foram individualizados, segundo os estudos prévios desta estação, 277 motivos integrados em diferentes temáticas iconográficas (geométricos, abstratos, figurativos, alfabetiformes e indeterminados) e executados através de várias técnicas de gravação.

Quanto à iconografia das gravuras, o grupo dos geométricos (52%) foi o mais representado, destacando-se aqui as organizações lineares. Seguem-se as composições circulares, onde as fossetes são as gravuras mais representadas. A terceira posição é ocupada pelos reticulados, nomeadamente os abertos.

Numa posição bastante inferior encontramos as grafias abstratas (19%), compostas sobretudo por representações lineares, seguidas das formas angulosas, onde se incluíram os ziguezagues.

Uma reduzida percentagem de motivos integrava o grupo dos figurativos (13%), destacando-se, à semelhança do Castelinho, o sub-grupo dos zoomorfos, representados sobretudo pelos equídeos que surgem figurados 15 vezes. Além destes animais, foram individualizados 7 quadrúpedes (zoomorfos indeterminados) e 1 canídeo, provavelmente uma raposa.

Subsequentemente, e ainda na temática figurativa, foram distinguidos 4 cavaleiros e 1 antropomorfo isolado.

Um número ainda significativo de motivos (19%), foram considerados indeterminados.

Quanto à tecnologia de gravação, foram detetadas diferentes técnicas de execução: incisão, picotagem e conjugação da abrasão com a incisão. Entre estas, a técnica mais usada foi a incisão (69%) que podia ser fina ou ténue. Quase um terço das gravuras (30%) foram realizadas através da técnica da picotagem. Em três casos combinou-se a técnica da abrasão com a da incisão.

Na arte parietal os motivos verificados foram variados. Nos dois painéis da rocha 8 da Quinta de Crestelos foram identificados 2 equídeos incisos, associados a pontos picotados dispersos. Em ambos os painéis da Rocha 11 da Quinta de Crestelos foram contabilizados 5 motivos lineares incisos, destacando-se a representação de um asterisco e de um ziguezague delimitado por duas linhas incisas horizontais. Na Rocha 9 e 10 da Quinta de Crestelos, bem como no Abrigo 2 da Quinta de Crestelos, a tipologia das gravuras enquadrava-se no mesmo estilo gráfico. Nestes afloramentos, foram registadas algumas dezenas de fossetes, incisões finas e fusiformes.

PARTE III

Parte III- Representações humanas na Proto-história e possíveis interpretações

1. Observações práticas

1.1. Os antropomorfos

Tanto no Castelinho, como em Crestelos foram identificadas 39 representações antropomórficas, sobretudo incisas, distribuídas por 25 lajes gravadas (Apêndice II e III). Essas representações, tendo em conta o tipo de iconografia e os elementos associados, foram integradas em quatro categorias distintas: **cavaleiros, antropomorfos com armas, antropomorfos sem armas e outros**. No presente capítulo serão apresentadas, em função das categorias definidas, as figuras humanas em análise por ordem de descoberta.

Para identificar as lajes gravadas e os antropomorfos ou motivos, mantivemos o acrónimo atribuído durante os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na construção da Barragem do Baixo Sabor (ex.149/001/A/01). Este é composto pela seguinte informação: o primeiro algarismo corresponde ao número atribuído ao elemento patrimonial, ou sítio arqueológico onde foi exumada a peça; o segundo à numeração atribuída à laje gravada; segue-se a designação da face gravada onde se encontra o motivo; e, por fim, o número atribuído ao motivo, que na identificação da laje não surge.

1.1.1. Cavaleiros

O grupo dos cavaleiros ou *jinetes* é aquele que surge representado com mais frequência no conjunto das figuras antropomórficas da arte móvel da Idade do Ferro do vale do Sabor, conhecendo-se um total de 22 representações, repartidas por 17 lajes gravadas.

A maioria das placas, cerca de três terços da totalidade dos suportes (75%), apresenta um único cavaleiro figurado. Em duas placas distintas surgem 2 cavaleiros representados (Apêndice II, 149/001/A, Apêndice III, 1652/5531/A) Apenas numa laje foram contabilizados 3 cavaleiros (Apêndice II, 149/108/A).

Na **placa 1** (Apêndice II, 149/001/A), a laje com mais antropomorfos figurados, foram gravados em espelho 2 cavaleiros com um estilo muito idêntico (Figuras 9 e 10), embora um deles se revele quase impercetível. Ambos as figuras se encontram representadas da anca para cima, a segurar as rédeas de um grande equídeo de pescoço longo e curvado, corpos largos e desenvolvidos e a empunhar uma lança

de cabo curto em posição de arremesso. Um dos antropomorfos (Figura 10) apresenta o que parece ser um capacete de formato sub-retangular, com uma pequena aba repuxada na zona da nuca e uma possível viseira ou bico de pássaro na parte frontal.

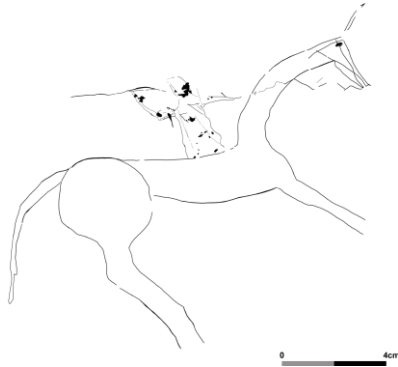


Figura 9. 149/001/A/03.

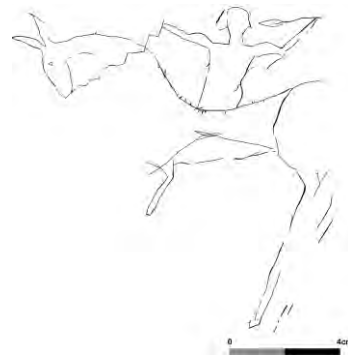


Figura 10. 149/001/A/07.

Na **placa 12** (Apêndice II, 149/012/A) foi contabilizado apenas um cavaleiro semi-esquemático (Figura 11), posicionado de frente e de pé, com cabeça circular, voltada para a sua esquerda, rematada por um penacho e um tronco reto e alongado, composto por duas linhas paralelas que terminam junto à linha ventral do equídeo. À cintura apresenta o que parece ser um punhal embaiado, com possíveis travessas. Os braços encontram-se fletidos, segurando o da sua direita uma lança em posição de arremesso, de cabo curto e lamina oval e o da esquerda, as rédeas do equídeo.

Na **placa 36** (Apêndice II, 149/036/A) surge representado parte de um cavaleiro (Figura 12), composto por um braço aberto, formado por duas linhas paralelas que se intercetam na sua extremidade, atravessado por uma linha vertical que poderá representar uma arma ou vara.

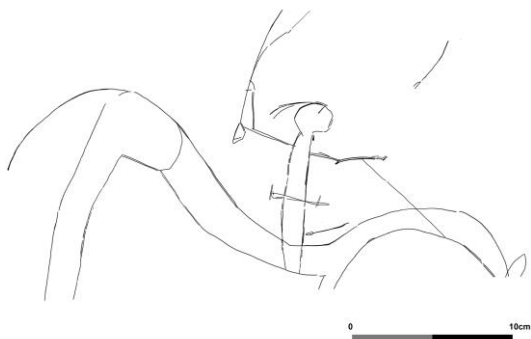


Figura 11. 149/012/A/02.

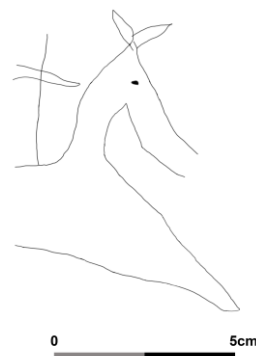


Figura 12. 149/036/A/02.

Na **placa 85** (Apêndice II, 149/085/A) foi contabilizado um cavaleiro semi-esquemático (Figura 13). Representado de frente e de pé, parece tratar-se de uma figura masculina, com um falo desenvolvido, que sobrepõe uma figura mais antiga provavelmente feminina. Por outro lado, esta forma alongada, identificada como o órgão masculino, pode ainda corresponder à bainha de uma espada. Apresenta uma cabeça circular e alguns pormenores anatómicos, como os olhos, os mamilos, o umbigo e os dedos das mãos abertos e longos, e os pés oblíquos e curtos. Um traço longo sobre o braço direito poderá corresponder a uma arma, talvez uma espada.

A **placa 92** (Apêndice II, 149/092/A) ostenta um cavaleiro posicionado ao centro semi-esquemático (Figura 14), de cabeça oval, de tronco reto, estreito e alongando, constituído por duas linhas paralelas que terminam junto à linha ventral do equídeo. No seu braço direito fletido e de extremidade aberta segura uma lança curta de lamina larga e sub-triangular, em posição de arremesso.

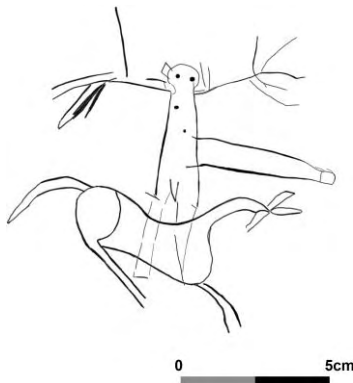


Figura 13. 149/085/A/01.



Figura 14. 149/092/A/01.

A **placa 108** (Apêndice II, 149/108/A) é a que apresenta mais cavaleiros gravados, um total de três figuras (Figuras 15, 16 e 17). Com um estilo tendencial esquemático muito idêntico, estes antropomorfos, representados sentados, revelam troncos retos, braços lineares horizontais e abertos, membros inferiores com joelhos fletidos e pés retos e curtos. Dois deles (Figuras 15 e 17) apresentam uma cabeça circular em forma de bico de pássaro e, o de maior dimensão (Figura 16), uma cabeça oval ladeada por duas orelhas. Empunham todos armas em posição passiva no seu braço direito, segurando o da esquerda as rédeas dos equídeos. O antropomorfo do centro (Figura 16) segura uma lança que parece revelar duas pontas e os restantes espadas. Um dos *jinetes* (Figura 17), além da espada, segura igualmente um escudo, quase impercetível, de tamanho reduzido e circular.

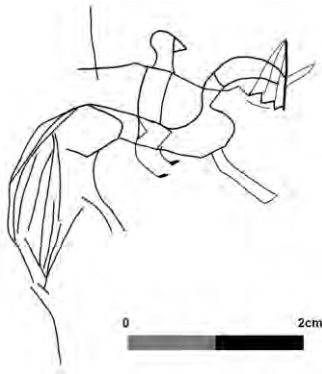


Figura 15. 149/108/A/01.



Figura 16. 149/108/A/02.

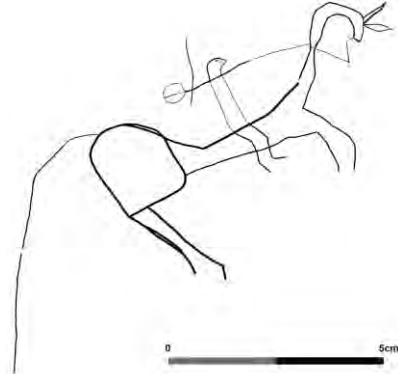


Figura 17. 149/108/A/04.

Na **placa 237** (Apêndice II, 149/237/A) é representado um cavaleiro semi-esquemático (Figura 18), de pé, com o corpo voltado para o quadril traseiro do equídeo. A cabeça pentagonal e de perfil ostenta possivelmente um penacho curto. A sua dimensão reduzida é desproporcional ao restante corpo estreito e longo, formado por duas linhas paralelas que ultrapassam os contornos do equídeo. O único braço linear representado, posicionado na diagonal, segura a longa rédea do zoomorfo e o que pode corresponder a um arco ou uma arma de arremesso.

A figura da **placa 261-263** (Apêndice II, 149/261-263/A), embora se encontre incompleta devido à fracturação do suporte, parece tratar-se de um cavaleiro (Figura 19), em detrimento da presença de uma linha horizontal no limite inferior da laje que parece fazer parte do dorso de um zoomorfo. Trata-se de um antropomorfo representado de frente, com cabeça retangular que ostenta possivelmente um capacete decorado com traços paralelos. Nos membros superiores horizontais e abertos, surge representado o cotovelo. O seu braço da esquerda, que afunila na ponta, segura um escudo circular de tamanho mediano, com a representação da manilha interior que sustenta a braçadeira e o punho. O braço direito, com extremidade reta, parece segurar um zoomorfo em forma de pássaro.

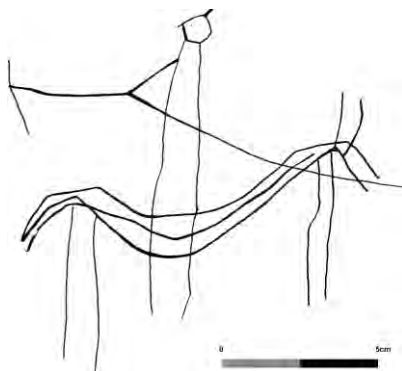


Figura 18. 149/237/A/01.

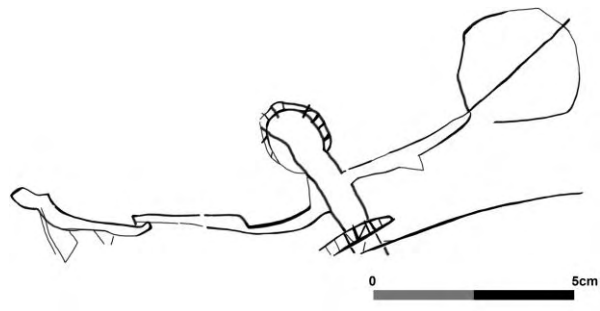


Figura 19. 149/261-263/A/01.

Na **placa 271** (Apêndice II, 149/271/A) foi identificado um cavaleiro esquemático (Figura 20) composto por uma grande cabeça inclinada e oval e um tronco constituído por um aglomerado de linhas, que parecem à sua esquerda desenhar um braço levantado de extremidade pontiaguda. O cavaleiro segura um escudo, em posição passiva, de dimensão elevada, que cobre todo o quadril traseiro e parte do tronco do equídeo. Um traço longo e oblíquo que atravessa o escudo poderá representar uma vara, uma lança ou uma javalina.

O único cavaleiro da **placa 320** (Apêndice II, 149/320/A) (Figura 21), de carácter sub-naturalista, representado de frente para o observador, revela-se desproporcional em relação ao equídeo. Apresenta uma cabeça retangular, coberta por um véu ou cabelo comprido. Nos membros superiores, arqueados, encontram-se representados os ombros, um deles bastante desenvolvido. No seu braço esquerdo, de extremidade pontiaguda, segura a rédea do equídeo. O seu braço direito de extremidade aberta, empunha duas lanças ou javalinas de dimensões distintas. Um dos membros inferiores é representado sobre o dorso do equídeo, por duas linhas paralelas que estreitam na ponta, desenhando um pé.

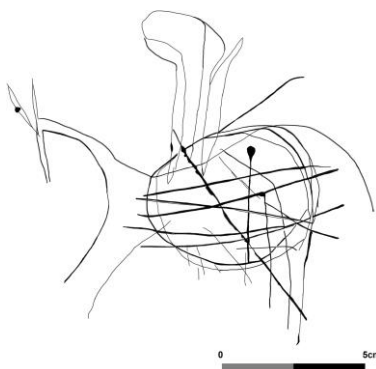


Figura 20. 149/271/A/04.

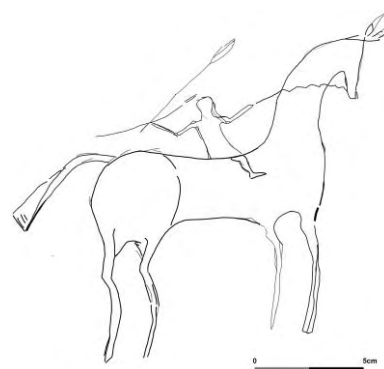


Figura 21. 149/320/A/01.

Relativamente à **placa 325** (Apêndice II, 149/325/A), esta apresenta um cavaleiro sub-esquemático (Figura 22), com o tronco representado de frente e a cabeça em perfil. A cabeça circular, voltada para a sua direita, ou seja, para os quartos traseiros do equídeo, apresenta o que parece corresponder a um capacete triangular. Do seu lado direito sai uma linha horizontal rematada por um traço vertical, ligeiramente arqueado, que poderá corresponder a um arco ou uma arma de arremesso. O tronco é estreito e formado por duas linhas mais ou menos retas, paralelas e desproporcionais, que se confundem com os membros inferiores. Os membros superiores, lineares e curtos, encontram-se abertos e posicionados na horizontal, segurando o da esquerda o que poderá ser uma vara, uma lança ou javalina.

Na **placa 336** (Apêndice II, 149/336/A), verifica-se um cavaleiro semi-esquemático (Figura 23), representado de frente para o observador e de pé sobre o dorso do equídeo. A cabeça é inexistente devido à fracturação da rocha. As linhas do seu pescoço simétrico confundem-se com o tronco e os membros inferiores, rematados por pequenos pés lineares. O corpo é alongado, abrindo ligeiramente na parte inferior. Os braços, horizontais abertos, não apresentam mãos representadas. As linhas do seu braço esquerdo prolongam-se, desenhando um utensílio em forma de foice. O seu braço direito parece segurar a rédea do equídeo.

A **placa 485** (Apêndice II, 149/485/A) apresenta um cavaleiro sub-naturalista (Figura 24), sentado, com alguns pormenores curiosos. Na cabeça de formato sub-quadrangular, voltada para a sua esquerda, parece ostentar um véu ou cabelo comprido que se prolonga para o tronco ligeiramente curvado na zona da retaguarda. Os membros superiores abertos, formados por duas linhas paralelas, exibem a curvatura dos ombros e as extremidades abertas, sem representação de mãos. O seu braço esquerdo, de ombro mais ou menos desenvolvido, agarra o pescoço do equídeo. O seu braço direito segura uma lança ou javalina na diagonal, voltada para cima, de cabo de porte médio com lamina curta e estreita, sem nervura. Um dos membros inferiores encontra-se ligeiramente fletido na zona do joelho.

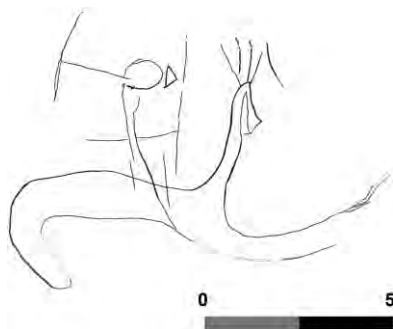


Figura 22. 149/325/A/01.



Figura 23. 149/336/A/01.

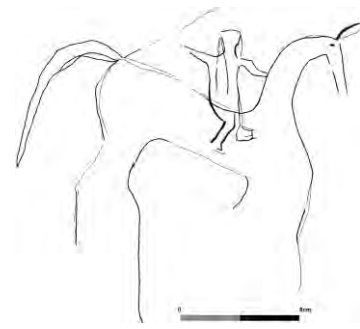


Figura 24. 149/485/A/02.

Na **placa 488** (Apêndice II, 149/488/A), entre os vários antropomorfos figurados, verifica-se um cavaleiro semi-esquemático (Figura 25), representado de pé e de frente para o observador. De cabeça sub-retangular, apresenta um tronco reto, alongado e estreito, formado por duas linhas paralelas. Os membros superiores, formados por uma única linha, encontram-se abertos e dispostos na horizontal. O seu braço da esquerda segura a rédea do equídeo e uma lança na vertical, voltada para baixo, em posição passiva, com lamina oval. O braço oposto, longo e curvado na extremidade, segura uma vara ou javalina.

O cavaleiro da **placa 508** (Apêndice II, 149/508/A) (Figura 26), de carácter sub-naturalista, é o único que não se encontra associado a armamento. Embora apresente um tronco ligeiramente arqueado

e representado a partir da anca, parece cavalgar de pé. A cabeça revela um formato semi-pentagonal. Os membros superiores, elevados, encontram-se arqueados. O seu braço direito não revela mãos, sendo a sua extremidade aberta. As linhas paralelas que formam o seu braço esquerdo estreitam em direção à sua ponta.

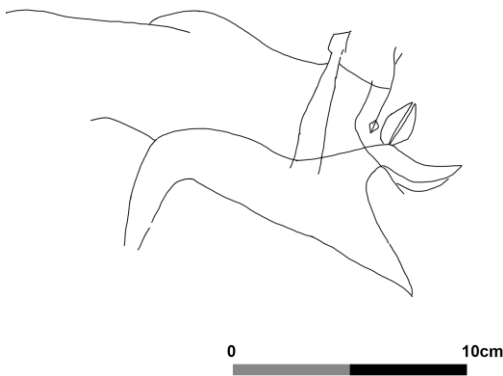


Figura 25. 149/488/A/04.

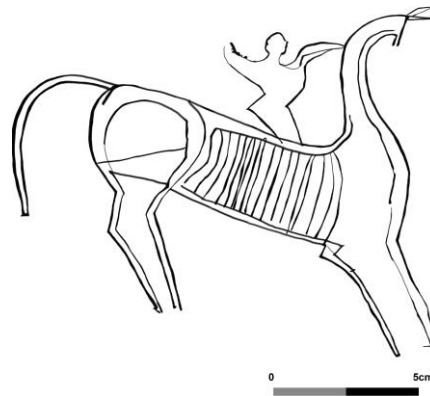


Figura 26. 149/508/A/01.

Na **placa 5531** (Apêndice III, 1652/5531/A), proveniente do Povoado da Quinta de Crestelos, foram sinalizados dois cavaleiros (Figuras 27 e 28), estilisticamente muito semelhantes. De carácter semi-esquemático, encontram-se representados de pé e de frente para o observador. Revelam uma cabeça sub-retangular, cujo os traços se prolongam para o tronco, rematado num deles por pequenos pés curvos. Os membros superiores, formados por uma única linha, encontram-se dispostos na diagonal, segurando os seus braços da esquerda as rédeas e os da direita uma arma que poderá corresponder a uma vara, lança ou arco. Um dos cavaleiros (Figura 28) revela ainda uns toscos olhos arredondados dispostos de forma assimétrica e as linhas do queixo. É encimado por um toucado esvoaçante.

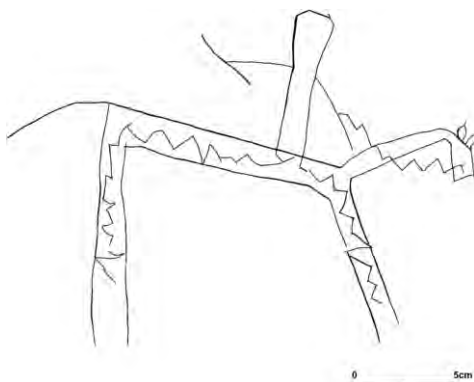


Figura 27. 1652/5531/A/01.

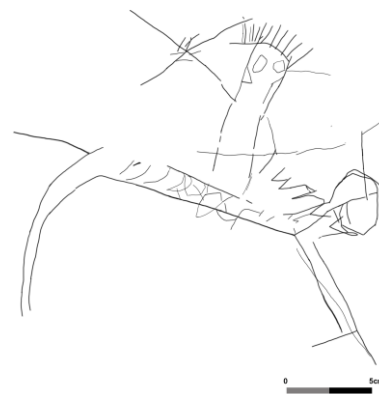


Figura 28. 1652/5531/A/02.

Na **placa 5534** (Apêndice III, 1652/5534/A) foram identificados dois cavaleiros semi-esquemáticos (Figuras 29 e 30) em faces opostas da mesma laje. Representados de frente para o observador, revelam uma cabeça circular. Em ambas as imagens, o tronco é constituído por uma única linha vertical, trespassada por uma linha horizontal que forma os braços abertos, rematados nas extremidades por linhas a representar os dedos. Um dos antropomorfos (Figura 29) é atravessado na sua mão direita por um longo traço, que poderá corresponder a uma espada de grande porte.

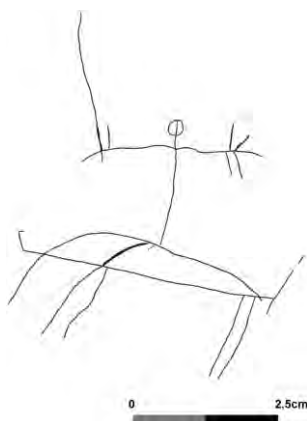


Figura 29. 1652/5534/A/02.

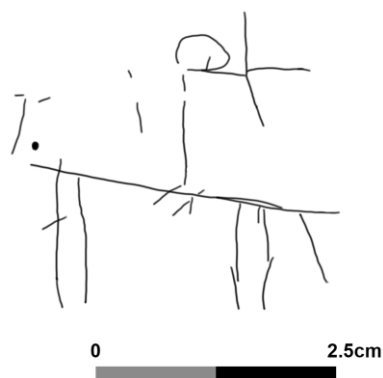


Figura 30. 1652/5534/B/03.

1.1.2. Antropomorfos com armas

Neste subcapítulo serão caracterizados os antropomorfos em posição bípede, associados a armas, que poderão fazer parte do corpo de infantaria de um exército ou de uma cena de caça. Foram contabilizados 5 antropomorfos deste género em 2 placas distintas (Apêndice II, 149/001/A e 149/488/A).

É na **placa 1** (Apêndice II, 149/001/A) onde se verifica o maior número de antropomorfos isolados com armas, contabilizando-se aqui 3 figuras sub-naturalistas (Figuras 31, 32 e 33), com alguns paralelos entre si. Todos apresentam cabeças circulares, ombros desenvolvidos, braços abertos e fletidos segurando, nomeadamente, na sua mão direita armas de haste de grande a médio porte, em posição passiva ou ativa, com laminas estreitas, curtas ou alongadas. Entre as figuras referidas, destaca-se o primeiro antropomorfo (Figura 31), que apresenta uma cabeça ligeiramente inclinada para a direita, delimitada por uma segunda linha que pode corresponder ao cabelo do indivíduo ou um capacete. Os membros inferiores apresentam uma musculatura desenvolvida na zona da coxa e dos gêmeos e joelhos pronunciados. Os pés revelam um formato concavo. À cinta transporta uma arma de grande porte curva, com punho oval e cabo decorado, inserida numa bainha rematada por conto arredondado.

O segundo antropomorfo (Figura 32) com a cabeça voltada para a sua direita, segura duas lanças, em cada um dos braços, encontrando-se uma delas dirigida ao único suíno figurado. O terceiro antropomorfo (Figura 33) , embora incompleto devido à fracturação da rocha, com a cabeça voltada, na perspectiva do observador, para a direita, parece estar relacionado com um grande cavaleiro aí implantado e já aqui descrito.

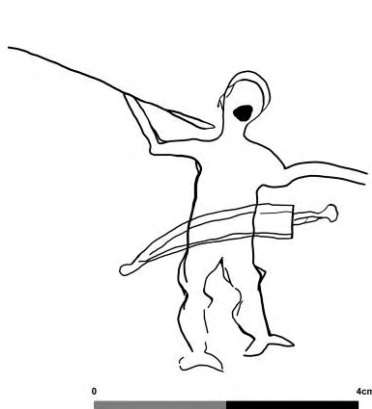


Figura 31. 149/001/A/02.



Figura 32. 149/001/A/06.

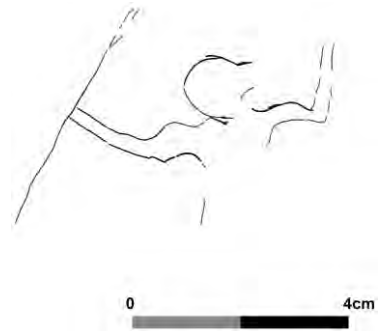


Figura 33. 149/001/A/08.

Na **placa 488** (Apêndice II, 149/488/A) foram registados dois antropomorfos associados a armas (Figuras 34 e 35), muito idênticos em termos estilísticos. Ambos apresentam corpos esquemáticos, alongados e estreitos, formados por duas linhas paralelas, que sustentam pequenas cabeças de tendência retangular a circular e braços horizontais e longos, constituídos por uma única linha. Um dos antropomorfos (Figura 35) é rematado no seu braço esquerdo por uma mão em forma de losango, assim como por uma lança de grande porte e de lamina sub-triangular, posicionada na horizontal, no seu braço direito. Este apresenta um curto penacho na cabeça e parece vestir um saio retangular.

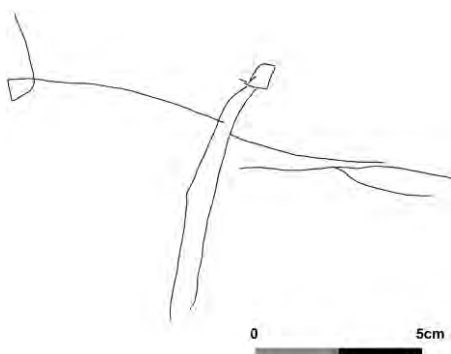


Figura 34. 149/488/A/03.

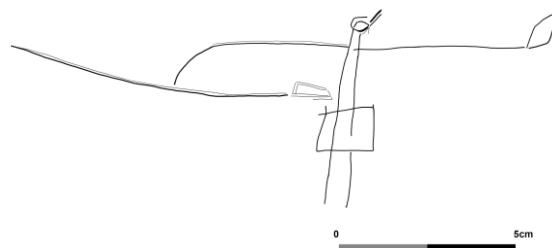


Figura 35. 149/488/A/07.

1.1.3. Antropomorfos sem armas

Neste ponto serão analisados os antropomorfos representados sem armas. Deste conjunto fazem parte 6 figuras, repartidas por 6 placas diferentes (Apêndice II, 149/131/A, 149/150/A, 149/158/A, 149/336/A, 149/457/A, Apêndice III, 1652/5534/A).

Na **placa 131** (Apêndice II, 149/131/A) foi identificado um antropomorfo semi-esquemático (Figura 36), representado em perspetiva, de cabeça circular, voltada para a direita do observador e coberta por um véu ou cabelo. O corpo é estreito e alongado, atravessado na zona do peito por três traços horizontais. Apresenta apenas um braço representado à direita do observador, constituído por duas linhas paralelas abertas na extremidade, que segura uma arma de haste com duas pontas. Do corpo sai uma longa linha que inflete para a direita onde se cruza sobre si própria.

Infrapostos aos membros inferiores de uma figura humana incompleta, foram registados na **placa 150** (Apêndice II, 149/150/A) vestígios de um antropomorfo (Figura 37). Deste resta apenas parte do tronco desenvolvido e dos membros superiores, assim como os membros inferiores. Tanto os braços como as pernas são formadas, no geral, por duas linhas paralelas que afunilam em direção às extremidades.

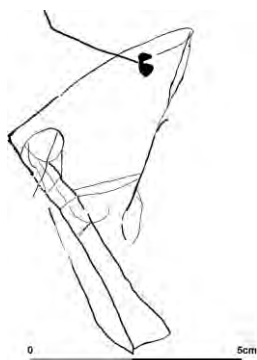


Figura 36. 149/131/A/01.

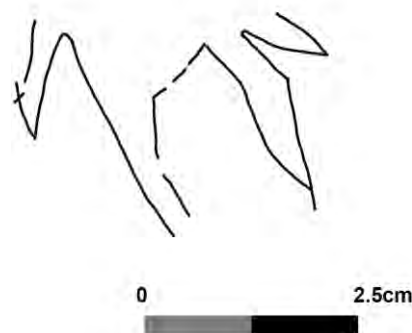


Figura 37. 149/150/A/02.

O antropomorfo quase impercetível da **placa 158** (Apêndice II, 149/158/A) (Figura 38), ainda que denuncie alguma perspetiva, revela um aspeto bastante esquemático. Desprovido de cabeça, é composto na zona do tronco por uma complexidade de traços, onde se distingue um braço curto constituído por duas linhas paralelas rematadas por quatro dedos. Os membros inferiores são formados por uma única linha, também eles rematados por alguns dedos dos pés.

Na **placa 336** (Apêndice II, 149/336/A) foi registado um antropomorfo semi-esquemático (Figura 39), representado com a cabeça e os pés em perfil, e o restante corpo de frente para o observador.

Apresenta uma cabeça de morfologia triangular em forma de bico de pássaro e braços abertos formados por duas linhas paralelas, que no seu braço esquerdo, mais largo, vão estreitando na direção da sua extremidade e, no direito, são fechadas por uma linha reta. Os membros inferiores são formados por dois simples traços, que curvam ligeiramente na ponta de forma a desenharem uns pequenos pés.

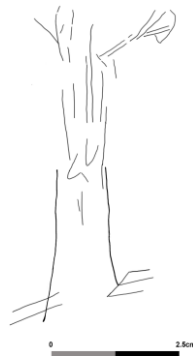


Figura 38. 149/158/A/02.

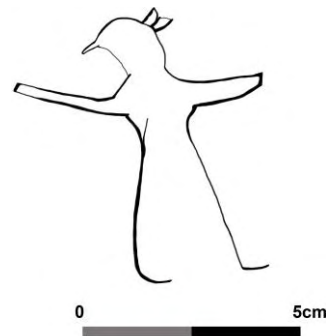


Figura 39. 149/336/A/02.

Num polidor, registado como **placa 457** (Apêndice II, 149/457/A), foi distinguido um grande antropomorfo (Figura 40) que, embora de estilo semi-esquemático, apresenta uma forma algo diferente da maioria dos exemplares aqui descritos. Trata-se de uma figura gravada com largos e fundos traços, com a cabeça e os membros inferiores voltados para a direita do observador e o restante corpo, incluindo os braços abertos, figurados de frente. Na cabeça arredondada desenha-se a linha do nariz e do queixo e apresenta um pequeno olho gravado pela técnica do picotado. É encimada por um elemento cónico, possivelmente um capacete. O tronco desenvolvido é delimitado no interior por um segundo conjunto de linhas ligadas a meio por duas linhas horizontais que poderão corresponder a um cinturão. Na metade inferior do tronco verifica-se, ao alto, um motivo de formato oval associado a dois pequenos círculos picotados, um no seu interior e outro no seu exterior. Pela posição e forma, julgamos que este motivo se trata de uma vulva. Os membros inferiores, desproporcionais em relação ao resto do corpo, são curtos e encontram-se ligeiramente arqueados.

A última figura sem armas (Figura 41) corresponde a um dos 3 antropomorfos assinalados na **placa 5534** (Apêndice III, 1652/5534/A) do Povoado da Quinta de Crestelos. Este diz respeito a uma figura linear esquemática, representada de frente, com um tronco composto por uma única linha que sustenta uma cabeça circular e se abre na extremidade oposta em dois traços em forma de v invertido, que correspondem a pernas curtas. Entre os membros inferiores desenha-se um motivo em forma de seta voltado para baixo, que poderá tratar-se tanto do órgão sexual masculino, como feminino. Os braços encontram-se abertos e rematados na ponta por uma linha vertical.



Figura 40. 149/457/A/01.

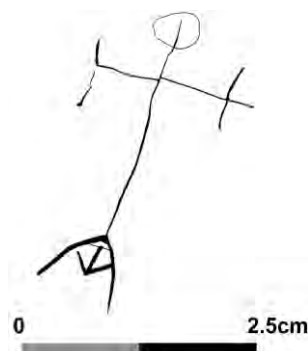


Figura 41. 1652/5534/A/01.

1.1.4. Outros

No subcapítulo dos “outros” foram integrados todos aqueles antropomorfos que não foram possíveis de ser incluídos nos pontos anteriores, bem como um conjunto de meia dezena de representações incompletas devido à fracturação da rocha, que faziam parte de figuras humanas. É composto, no total, por 6 figuras ou restos de imagens antropomórficas.

Na **placa 25** (Apêndice II, 149/25/A), a sobrepor um bovídeo, foi registada uma figura humana sub-naturalista (Figura 42) representada de frente para o observador, com braços abertos. Demonstra uma cabeça, com representação do cabelo, circular e de tamanho reduzido, desproporcional em relação ao restante corpo. O seu braço esquerdo encontra-se incompleto devido à fragmentação da laje e os restantes membros revelam uma morfologia idêntica, constituindo-se por duas linhas paralelas que se intercetam nos extremos.

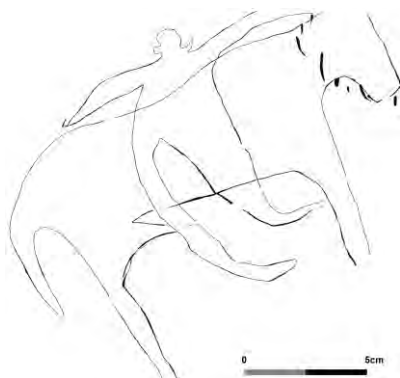


Figura 42. 149/025/A/01.

Além das placas referidas, foram contabilizadas 5 figuras incompletas de antropomorfos, nomeadamente de representações de pernas, em 5 placas distintas, designadamente na **placa 131**

(Apêndice II, 149/131/A) (Figura 43), **150** (Apêndice II, 149/150/A) (Figura 44), **174** (Apêndice II, 149/174/A) (Figura 45), **354** (Apêndice II, 149/354/A) (Figura 46) e **383** (Apêndice II, 149/383/A) (Figura 47). Os membros inferiores aqui referidos apresentam características variadas: em duas placas (Figuras 43 e 46) as pernas e pés são compostos por duas linhas paralelas que se intercetam na sua extremidade; noutras duas placas (Figura 45 e 47) apresentam uma morfologia concava e, apenas numa placa a extremidade de umas das pernas é reta (Figura 44).

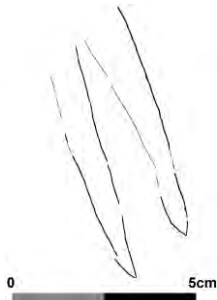


Figura 43. 149/131/A/06.

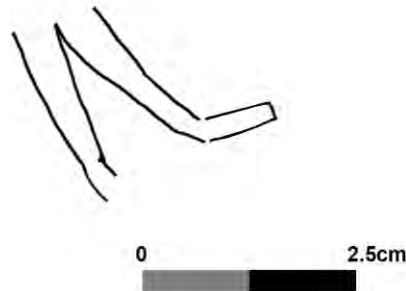


Figura 44. 149/150/A/01.

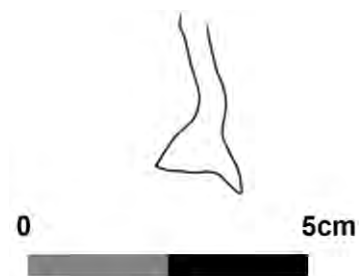


Figura 45. 149/174/A/02.

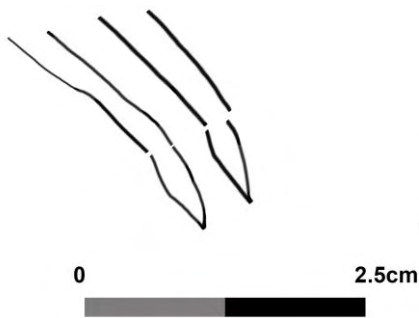


Figura 46. 149/354/A/03.

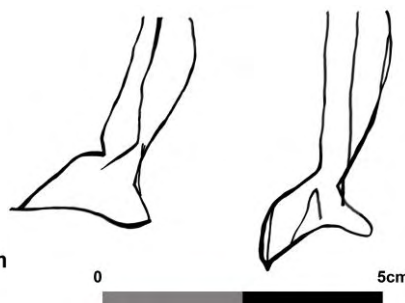


Figura 47. 149/383/A/01.

1.2. As sobreposições

Na arte móvel do vale do Sabor foram registados, tal como na arte parietal do vale do Côa (Royo Guillén, 2005: 181), bastantes suportes com motivos sobrepostos. Entre as lajes analisadas neste trabalho, esta característica é particularmente visível em 7 suportes gravados, sendo 6 provenientes do Castelinho e 1 de Crestelos.

No que respeita aos suportes do Castelinho, na **placa 1** (Apêndice II, 149/001/A) verificaram-se 6 momentos de gravação. O primeiro corresponde a um conjunto de picotados (Figura 48) que podem ter sido realizados com o intuito de preparar a superfície para a gravação. Posteriormente, foram gravadas várias linhas abstratas (Figura 49), cujo significado é intrincado de determinar. Sobre estas

incisões, foi gravado um grande reticulado (Figura 50), sobre o qual foram representadas as figuras humanas e zoomórficas (Figura 51). Num penúltimo momento, foram gravados os motivos escalariformes (Figura 52), sobrepostos, por fim, pelo motivo com decoração em espinha (Figura 53) posicionado no centro do campo iconográfico.



Figura 48. 149/001/A – Momento 1.



Figura 49. 149/001/A – Momento 2.



Figura 50. 149/001/A – Momento 3.



Figura 51. 149/001/A – Momento 4.



Figura 52. 149/001/A – Momento 5.



Figura 53. 149/001/A – Momento 6.

Na **placa 85** (Apêndice II, 149/085/A) do Castelinho foram registadas 8 fases de gravação. Tal como na placa 1, o primeiro momento de gravação corresponde a um conjunto disperso de picotados (Figura 54), que parecem ter um objetivo funcional. Em seguida, foi gravado um fusiforme e um motivo de formato circular com pontas de seta ou lanças a convergir para um círculo mais reduzido posicionado ao centro (Figura 55). Posteriormente, foi traçado um conjunto indeterminado de linhas abstratas (Figura 56). Sobre estas linhas, foi gravado um conjunto de linhas diagonais com um traço ligeiramente mais

profundo (Figura 57). O emaranhado de linhas foi sobreposto de seguida por um cervídeo, na secção inferior do campo iconográfico, e por duas figuras de equídeos incompletos, um na zona inferior do painel, outro junto ao motivo circular central (Figura 58), dando a entender uma preparação para a fase seguinte. Portanto, em dois momentos posteriores foram gravados os equídeos mais visíveis do suporte, tendo-se representado primeiro os cavalos mais pequenos (Figura 59) e, imediatamente a seguir, os grandes equídeos centrais, assim como o cavaleiro armado de braços abertos, que sobrepõe uma figura humana anterior do género feminino (Figura 60). Numa última fase, foram rasuradas as patas do grande equídeo com traços paralelos sequenciais (Figura 61).



Figura 54. 149/085/A – Momento 1.



Figura 55. 149/085/A – Momento 2.



Figura 56. 149/085/A – Momento 3.



Figura 57. 149/085/A – Momento 4.

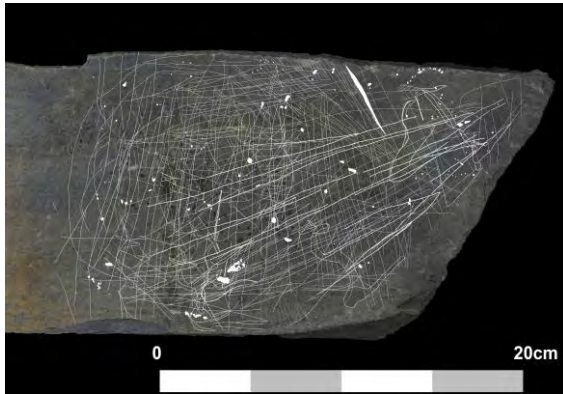


Figura 58. 149/085/A – Momento 5.

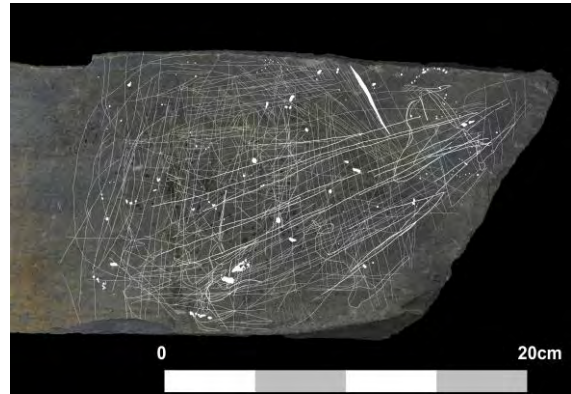


Figura 59. 149/085/A – Momento 6.



Figura 60. 149/085/A – Momento 7.



Figura 61. 149/085/A – Momento 8.

Na **placa 271** (Apêndice II, 149/271/A) do Castelinho foram contabilizadas 5 fases de gravação, correspondendo a primeira a um conjunto disperso de picotados (Figura 62) realizados, atendendo à morfologia dos mesmos, com uma peça metálica. Sobre estas marcas de pico foi gravado um emaranhado de linhas incisas (Figura 63), tendencialmente circulares, no centro do suporte, como se se estivesse a definir um campo iconográfico. Em seguida, foram gravados dois equídeos incompletos (Figura 64) que, tal como no bloco anterior, parecem corresponder a um momento de preparação para a fase seguinte de gravação (Figura 65), em que surgem os motivos figurativos mais marcantes compostos por vários equídeos e um cavaleiro. Sobre os motivos figurativos, nomeadamente sobre o equídeo de dimensões mais reduzidas, posicionado ao centro, é gravada a cabeça de um bovídeo de tendência esquemática (Figura 66).



Figura 62. 149/271/A – Momento 1.

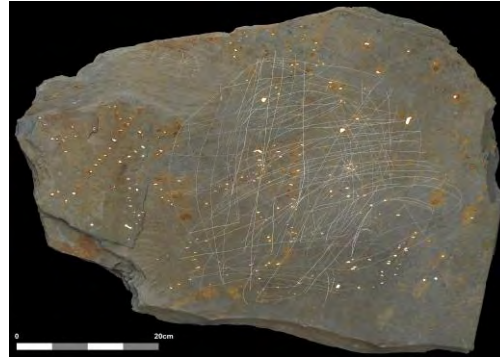


Figura 63. 149/271/A – Momento 2.



Figura 64. 149/271/A – Momento 3.

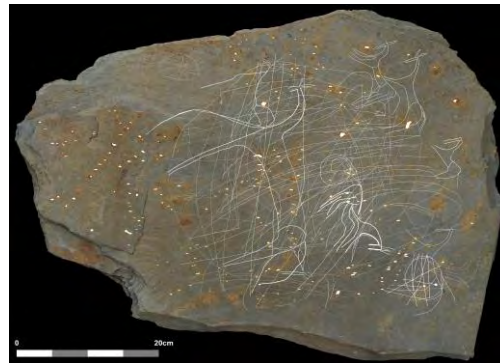


Figura 65. 149/271/A – Momento 4.

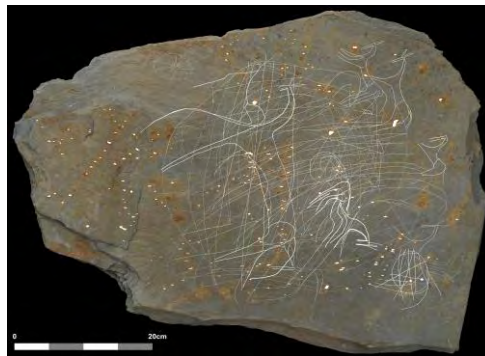


Figura 66. 149/271/A – Momento 5.

Na **laje 321** (Apêndice II, 149/321/A) do Castelinho foram registadas 6 fases de gravação, sendo o primeiro momento composto por alguns picotados (Figura 67) realizados, tal como nos outros suportes, com o objetivo de regularizar o campo iconográfico. Numa fase posterior (Figura 68), foram gravadas várias linhas incisas finas, que formam um motivo abstrato e um reticulado irregular na zona inferior da laje. Sobre estes motivos foi desenhado um reticulado de traços mais profundos (Figura 69), sobre o qual foram gravadas várias linhas diagonais paralelas (Figura 70). Seguiu-se a gravação dos motivos figurativos (Figura 71), compostos por um grande cavaleiro e um zoomorfo incompleto devido à

fracturação da placa, mas que poderá corresponder a um cervideo dada a morfologia da cauda. Num momento posterior e final (Figura 72), a morfologia da cauda do equideo foi alterada, tornando-se pontiaguda. Também se modificaram as suas orelhas que se tornaram mais compridas. Ao braço direito do cavaleiro foi acrescentada, com um traço ténue, uma lança de grande porte.

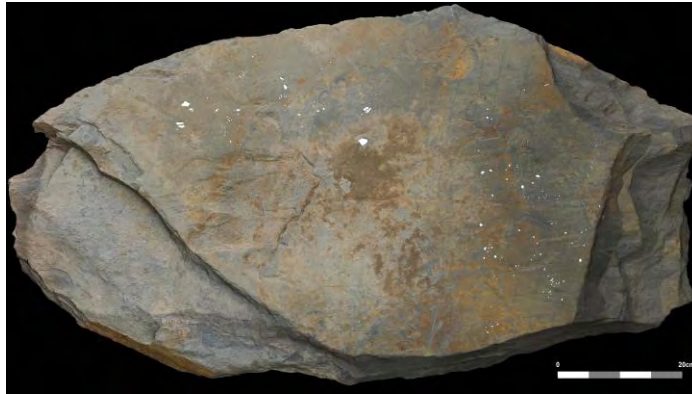


Figura 67. 149/321/A – Momento 1.

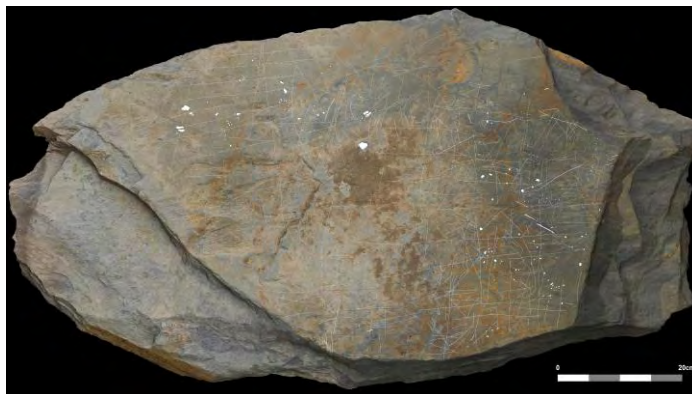


Figura 68. 149/321/A – Momento 2.

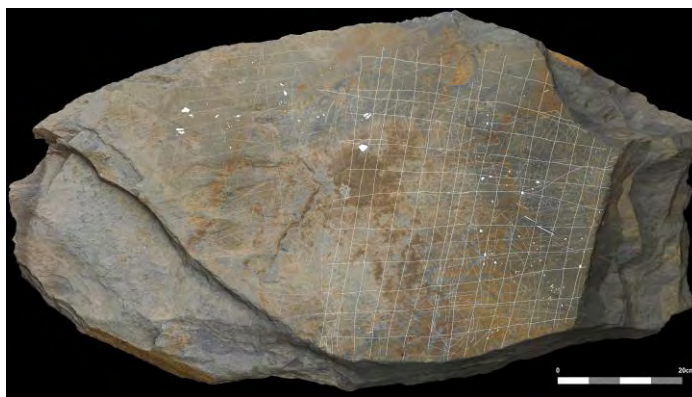


Figura 69. 149/321/A – Momento 3.



Figura 70. 149/321/A – Momento 4.

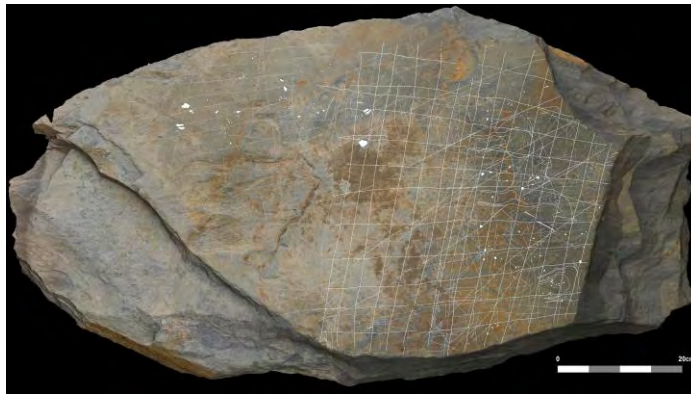


Figura 71. 149/321/A – Momento 5.

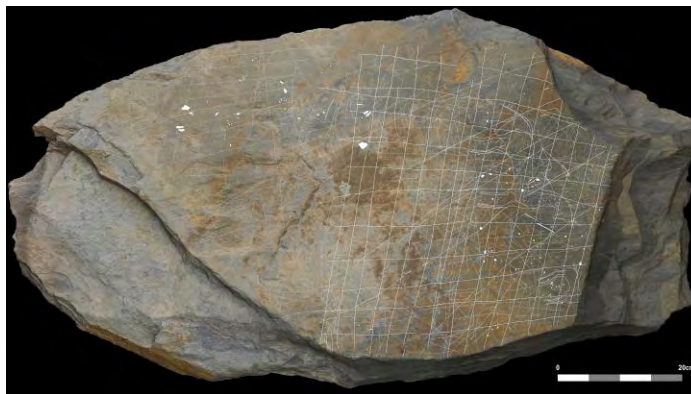


Figura 72. 149/321/A – Momento 6.

A **placa 336** (Apêndice II, 149/336/A) é composta por um conjunto variado de zoomorfos que se misturam de forma complexa, sendo difícil determinar com exatidão, sobretudo para as primeiras incisões, as diferentes fases de gravação. Ainda assim, da análise realizada conseguimos determinar pelo menos 5 momentos distintos de figuração. A um primeiro momento correspondem vários zoomorfos esquemáticos e de pescoço alongado (Figura 73). Posteriormente, são gravados três zoomorfos de estilo semelhante (Figura 74), constituídos por corpos alongados, de linhas curvas e cabeças abertas. Em

seguida, são executas as maiores gravuras da placa, pelo menos as mais significativas, como os antropomorfos, os suínos e as aves (Figura 75). Numa quarta fase (Figura 76), é gravado o grande veado na secção direita inferior da placa. Por fim, sobre este grande animal, surge um zoomorfo esquemático e algumas linhas dispersas (Figura 77).

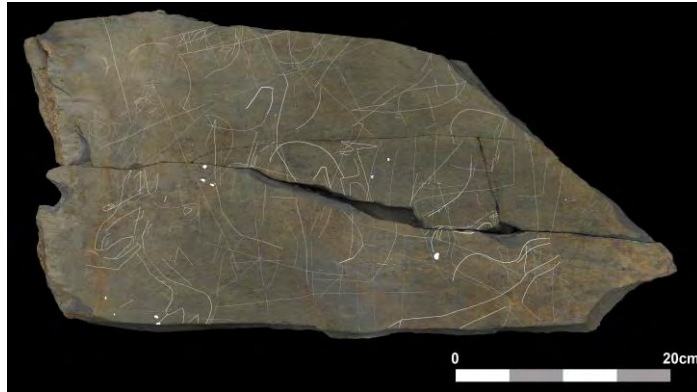


Figura 73. 149/336/A – Momento 1.



Figura 74. 149/336/A – Momento 2.



Figura 75. 149/336/A – Momento 3.

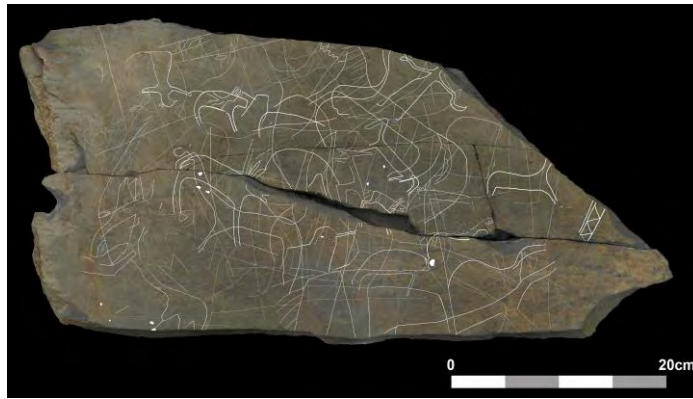


Figura 76. 149/336/A – Momento 4.

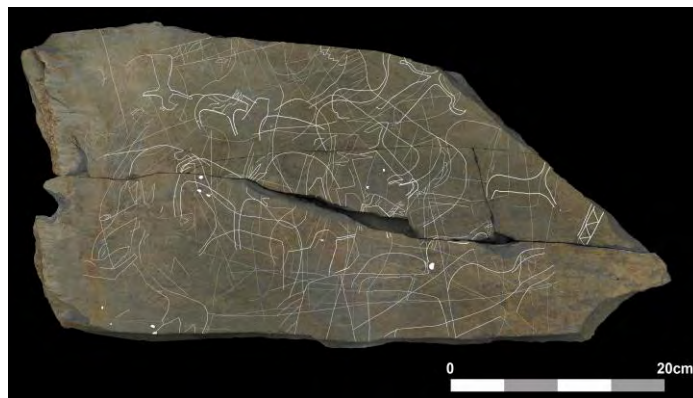


Figura 77 149/336/A – Momento 5.

No bloco 485 do Castelinho (Apêndice II, 149/485/A) foi possível distinguir 5 momentos distintos de figuração. O primeiro momento corresponde aos picotados (Figura 78) dispostos por toda a superfície e de proporções variadas. Tal como na laje 271 (Apêndice II, 49/271/A), também neste suporte, e provavelmente em dois momentos contemporâneos, foram gravados motivos abstratos e dois reticulados distintos (Figuras 79 e 80), que parecem ter tido como objetivo definir o campo iconográfico. Posteriormente, foram gravados os motivos figurativos (Figura 81), constituídos sobretudo por equídeos. A morfologia das patas dos equídeos de maior porte faz lembrar um dos equídeos da placa 271 (Apêndice II, 149/271/A), o que nos leva a considerar que os dois suportes foram realizados pelo mesmo gravador ou obedeceram às mesmas regras iconográficas, sendo, portanto, contemporâneos. Sobre os motivos figurativos são ainda gravadas, num último momento (Figura 82), várias linhas curvas e longas, sendo que algumas parecem desenhar as asas de uma possível ave.



Figura 78. 149/485/A – Momento 1.



Figura 79. 149/485/A – Momento 2.



Figura 80. 149/485/A – Momento 3.



Figura 81. 149/485/A – Momento 4.



Figura 82. 149/485/A – Momento 5.

Quanto à **placa 5531** (Apêndice III, 1652/5531/A) de Crestelos, ainda que apresente uma iconografia menos complexa que a das lajes do Castelinho, foi possível reconhecer 5 fases de gravação. Os escassos picotados concentrados à esquerda correspondem ao primeiro momento (Figura 83). À semelhança do que acontece nos suportes do Castelinho, seguiu-se uma fase em que foram gravadas algumas linhas abstratas (Figura 84), neste caso dispersas, sobre as quais foi desenhado um reticulado (Figura 85). Numa posição posterior (Figura 86) a este motivo geométrico foram figurados três

zoomorfos, aos quais, num momento seguinte, são acrescentados os dois cavaleiros e o canídeo à direita (Figura 87), que formam a cena mais emblemática deste campo iconográfico.



Figura 83. 1652/5531/A – Momento 1.



Figura 84. 1652/5531/A – Momento 2.



Figura 85. 1652/5531/A – Momento 3.



Figura 86. 1652/5531/A – Momento 4.



Figura 87. 1652/5531/A – Momento 5.

1.3. Os contextos

Como já referimos anteriormente, a localização das lajes gravadas de Crestelos foi difícil de determinar, por causa da distribuição da informação da escavação por diferentes relatórios.

Consultamos estes (Sastre Blanco, 2015) com o objetivo de identificar as unidades estratigráficas mencionadas nas etiquetas das peças. Porém, não conseguimos reconhecer a maioria das camadas ou estruturas a que correspondiam as respetivas unidades, nomeadamente a das lajes gravadas aqui estudadas, devido à falta de uniformização da informação e à ausência de uma lista pormenorizada das unidades. Por este motivo, neste capítulo sobre os contextos, abordaremos apenas o caso do Castelinho, local onde foram registados, aliás, mais suportes móveis com gravuras antropomórficas.

Tal como para o restante conjunto móvel gravado, no Castelinho a maioria dos suportes com antropomorfos foram identificados na plataforma Norte (35%) e na plataforma Sul/intermedia (31%) (Figura 88). Apenas um número reduzido de evidências foi constatado na plataforma superior (13%) (Figura 88), a zona mais elevada do sítio e com menor potência estratigráfica. Uma quantia ainda considerável de exemplares foi recolhida na escombreira 1 (17%) (Figura 88), sendo impossível determinar exatamente a sua área de proveniência na escavação. Foi recolhido um único exemplar à superfície (4%) (Figura 88), em níveis recentes, relacionados com a prática da agricultura.

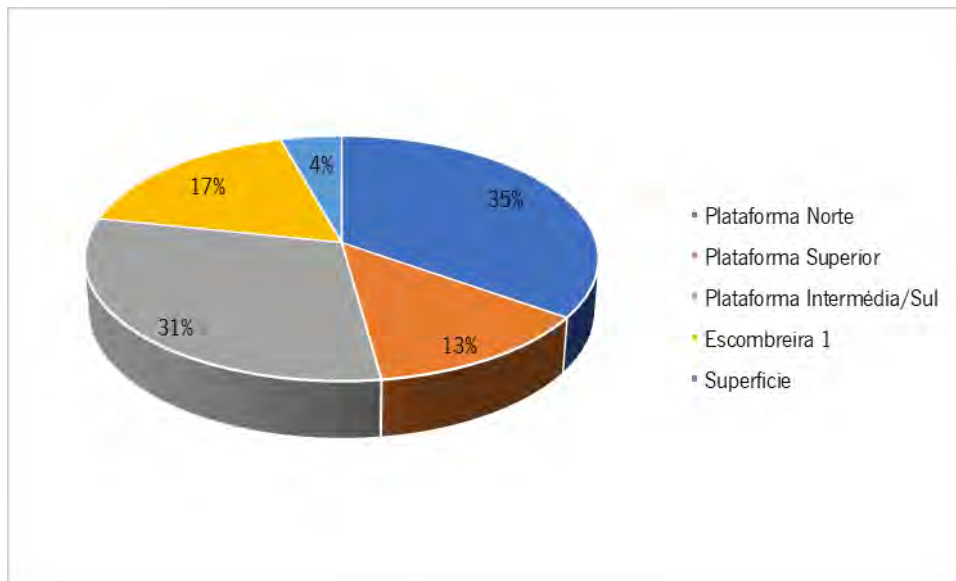


Figura 88. Percentagem de placas distribuídas pelas diferentes zonas do Castelinho.

Na **Plataforma Norte**, o maior número de lajes com antropomorfos foi registado no interior do Fosso II, supostamente em níveis de aterro. Os restantes exemplares foram exumados em níveis relacionados com a estrutura muralhada ou integrados nos seus paramentos.

Quanto à **Plataforma Sul/Intermédia**, onde foi registada uma percentagem idêntica de exemplares, as lajes com antropomorfos surgiram sobretudo em níveis de aterro e colmatação relacionados com as entradas Sudoeste e Nordeste. Alguns exemplares foram recolhidos em substratos relacionados com as estruturas de armazenamento, destacando-se aqui a presença de um polidor gravado no interior de um buraco de poste de uma estrutura de apoio a um celeiro.

Na **Plataforma Superior** foram identificados dois suportes gravados com antropomorfos, um numa estrutura de combustão e outro integrado no muro de um celeiro.

Todas as placas referidas foram recolhidas em níveis arqueológicos posteriores à construção da muralha a qual, segundo uma datação de radiocarbono, se verificou algures entre o século III e os inícios do século II a.C. (Santos, 2015: 272-273).

A posição dos suportes com antropomorfos no Castelinho coincide, como se constatou na Parte II deste trabalho, com a verificada para os restantes exemplares, podendo funcionar, portanto, esta pequena análise, como uma amostra do panorama geral registado neste sítio.

2. Discussão dos resultados

2.1. Personagens e armas: entre o real e o imaginário

Os antropomorfos da arte móvel sidérica do vale do Sabor revelam estilos iconográficos que variam entre formas mais esquemáticas e, outras, de cariz mais naturalista. Estas figuras encontram paralelo sobretudo na arte rupestre peninsular proto-histórica, mas também em peças de cerâmica, de ourivesaria e estelas.

Ao contrário da ideia formada pela publicação da primeira placa do Castelinho (Santos *et al.*, 2016), a maioria das figuras humanas sidéricas do vale do Sabor apresentam corpos formados por duas linhas paralelas simples, que apesar de demonstrarem alguns detalhes como mãos, pés, joelhos e olhos, aproximam-se mais das figuras de cariz esquemático do que das formas naturalistas. Como estas imagens apresentam, no entanto, alguns pormenores anatómicos e um certo movimento, optamos por as designar de semi-esquemáticas.

Os antropomorfos semi-esquemáticos do vale do Sabor encontram paralelo em algumas figuras do vale do Côa. Embora a arte rupestre da Idade do Ferro deste complexo ainda não tenha sido alvo de trabalhos aprofundados (Luís, 2010: 55), estudos preliminares apontam uma cronologia genérica para estas gravuras situada entre o século III e I a.C. (Luís, 2016: 62) podendo, porém, alguns motivos remontar a períodos mais recuados, que se prolongam até ao século VIII a.C. (Reis, 2014: 52). Não muito longe deste complexo artístico foram identificados vários antropomorfos incisos que, iconograficamente, também se aproximam das formas estilizadas do vale do Sabor. Referimo-nos às figuras registadas em Arroyo de las Almas (Salamanca) inseridas cronologicamente e pela proximidade ao vale do Côa, na Idade do Ferro (Reis e Vázquez Marcos, 2019: 236). Ligeiramente mais afastados, no Nordeste Peninsular, no abrigo de Peña de Cuarto (Navarra), apontamos ainda dois cavaleiros incisos lineares, que compõem um conjunto iconográfico balizado entre o Neolítico e a Idade do Ferro (Royo Guillén, 1999: 223). Embora picotados, é de destacar ainda as semelhanças entre as figuras analisadas e os antropomorfos de Yecla de Yeltes (Salamanca), que surgem representados sobre silhares da muralha datada da II Idade do Ferro (Martin Valls, 1983: 223) e com algumas gravuras do Noroeste Peninsular como, por exemplo, os cavaleiros de Campo Lameiro (Pontevedra) (Royo Guillén, 2005: 161).

Além da arte rupestre, os antropomorfos semi-esquemáticos do vale do Sabor podem ter paralelos com figuras patentes noutras materialidades. Do Castro de Cogotas (Ávila) conhece-se um fragmento de cerâmica pintada, onde surgem dois cavaleiros de cariz tendencialmente esquemático que seguram varas. Esta peça foi datada, segundo os dados da escavação, entre o século III e o I a.C. (Lorrio, 2008:

258). O antropomorfo da estela I da necrópole de Abóbada (Almodôvar) (Gomes, 1990-91: 30), com um saio retangular, demonstra algumas afinidades com o antropomorfo 149/488/A/07 (Figura 35) do Castelinho. Reutilizada como tampa numa sepultura da II Idade do Ferro, esta peça foi considerada um exemplar mais antigo, do século VI a.C., devido às semelhanças com alguns ex-votos ibéricos (Gomes, 1990-91: 30).

Ainda dentro do grupo dos antropomorfos de tendência semi-esquemática, não podemos deixar de referir as emblemáticas figuras com cabeça de pássaro (Figuras 15, 17 e 39). Antropomorfos com ornitocefalismo conhecem-se não só em várias rochas gravadas do complexo de arte rupestre do Côa (Vermelha 1 e 3, Rocha 3 de Vale Cabrões, Foz Côa 42, Broeira 3) (Luís, 2016: 69), mas também sobre cerâmicas pintadas, designadamente em alguns exemplares de vasos de Numância (Romero Carnicero, 1976) e de San Miguel de Liria (Pérez Ferrandis, 2013: 15). Ambos os conjuntos cerâmicos se enquadram dentro do mesmo período cronológico, entre o século II e o século I a.C. Nos diademas de Monos, de origem desconhecida mas datados dos finais da Idade do Ferro (Romero Carnicero, 2010: 477), também se reconhecem algumas figuras com cabeça de pássaro, associadas a crenças mitológicas célticas que defendiam que os guerreiros depois da morte eram sujeitos a uma metamorfose, que os transformava em aves (Luís, 2010: 55).

No que concerne às figuras humanas de pendor sub-naturalista (Figuras 10, 21, 24, 26, 31, 32, 33 e 42), cujo número é mais escasso, estas podem também ser comparadas com imagens presentes em diferentes tipos de materialidades. Na arte rupestre parietal, apontamos o cavaleiro de Estação XI Ñete, inserido na fase 4 do conjunto gravado de Molino Mansanez (Cáceres), balizada entre o século V a.C. e o período da Romanização (Collado Giraldo, 2006: 447), assim como a pintura antropomorfa do Abrigo de la Vacada (Teruel) associada à representação de uma ânfora, que colocou estas pinturas já dentro do período de contacto com os romanos, posterior ao século II a.C. (Martínez Bea, 2004: 122). Na arte móvel, são de referir duas placas, consideradas estelas funerárias, do povoado de la Hoya (Guardia), com antropomorfos acéfalos, de corpos desenvolvidos e providos de cinturões, que testemunham o rito das cabeças cortadas da Idade do Ferro, referido na literatura clássica (Ortiz de Landaluze, 2007-2008: 1275). Na ourivesaria, destacamos uma cena de luta entre dois antropomorfos na placa de cinturão com decoração damasquina da necrópole de La Osera (Ávila), proveniente de uma sepultura balizada entre o século IV e II a.C. (Lorrio, 2008: 258). E ainda uma representação muito idêntica, presente no pomo do punhal de tipo Monte Bernorio da sepultura 32 da necrópole de las Ruedas de *Pintia* (Valladolid), (Romero Carnicero, 2010: 483). Quanto à cerâmica, a semelhança entre os antropomorfos de tendência sub-naturalista do Sabor e algumas figuras humanas da cerâmica de

Numância é também evidente. Como já foi referido anteriormente, esta cerâmica insere-se cronologicamente na II Idade do Ferro (Romero Carnicero, 1976). Não podemos deixar de assinalar a aproximação destas figuras a algumas representadas das estelas das Astúrias, de Leão e de Aragão, entre as quais destacamos as de Lara dos Infantes, de Clunia (Burgos), de El Palao (Teruel) e de Palermo de Caspe (Zaragoza). Apesar de algumas destas representações reportarem já a uma fase de ocupação romana, parecem retratar guerreiros heroicizados indígenas (Abásolo, 1977: 90).

Concluindo, as representações antropomórficas do vale do Sabor de período sidérico, apresentam semelhanças com figuras de arte rupestre, mas também patentes noutros tipos de vestígios, como cerâmicas ou estelas, balizadas no geral entre o século IV a.C. e o século I a.C.

Relativamente à representação de armas, na arte sidérica do vale do Sabor foram compatibilizadas 42 armas associadas a figuras antropomórficas, distribuídas por 17 suportes. Entre este armamento, a maioria enquadra-se no grupo das armas ofensivas e, apenas uma pequena parte nas armas defensivas (Figura 89).

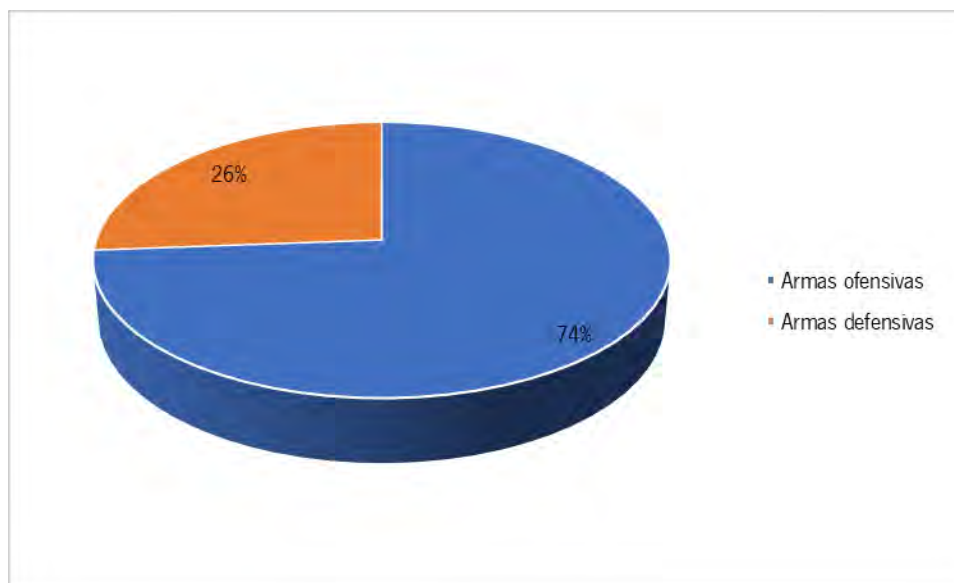


Figura 89. Percentagem de armas ofensivas e defensivas constatadas no vale do Sabor associadas a antropomorfos.

No que concerne o armamento ofensivo, a par do que se constata no registo arqueológico e na iconografia peninsular, no vale do Sabor as armas que surgem com mais frequência são as armas de haste (61%), que integramos no grupo das lanças ou javalinas (Figura 90). Na iconografia, distinguir entre uma lança e uma javalina é bastante difícil, devido ao esquematismo das imagens (Quesada Sanz, 1997: 409). Contudo, tendo em conta que nas gravuras em análise se verificam sobretudo armas de haste em posição de arremesso, associadas a cenas de caça ao javali, é bem provável que alguns dos exemplares

correspondam a javalinas que surgem nos contextos arqueológicos do Noroeste da meseta Norte, a partir do final do século IV a.C. (Sánchez Nicolás e Mateos Leal, 2014: 246).

As javalinas, tal como as lanças, podiam apresentar ponteiros bastante largos, com dimensões quase tão elevadas como as suas lâminas (Quesada Sanz, 1997: 427). No vale do Sabor, este detalhe é representado em duas armas de haste associadas a antropomorfos, designadamente nos motivos 149/108/A/02 (Figura 16) e 149/131/A/01 (Figura 36). Na realidade, a representação da ponteira da lança ou da javalina no vale do Douro é bem mais comum do que se julgava, documentando-se vários figuras do género na arte parietal do Vale do Côa, nomeadamente na Rocha 3 e 1 da Vermelha e uma na placa proveniente da *villa* ou *vicus* do Paço (Foz Côa) (Luís, 2016: 63). O único exemplar conhecido, situado fora do vale do Douro, localiza-se na Rocha 23 do Rio Guadalefra (Campanario), e corresponde a uma arma de haste retratada de forma isolada, datada, à semelhança das restantes gravuras filiformes aí identificados, entre o século V e III a.C. (Collado Giraldo, 2006: 421).

As ponteiros das armas de haste funcionavam como contrapeso nos lançamentos, protegiam a madeira da haste e permitiam que a lança ou javalina se segurasse na vertical sobre a terra. Circunstancialmente, eram utilizadas, durante as batalhas, como armas para deferir golpes sobre o inimigo quando a lâmina partia (Quesada Sanz, 1997: 347).

As armas de haste que não apresentam a representação da lâmina, têm sido consideradas, comparativamente às representações esquemáticas do alto douro espanhol (Gómez-Barrera, 1992) e dos cavaleiros de Yecla de Yeltes (Martín Valls, 1983), igualmente lanças ou javalinas. Contudo, tal como Lorrio (2008: 258) defendeu para os cavaleiros pintados da cerâmica de Castro de Las Cogotas (Ávila), estes elementos também poderão corresponder a varas utilizadas na pastorícia e na agricultura. O uso de varas de madeira entre as sociedades agro-pastoris era muito habitual até tempos relativamente recentes, como por exemplo as designadas de *aguilhada*, com ou sem ferrão, destinadas a picar os animais durante os trabalhos do campo. Mas as varas, além de apoiarem em trabalhos agrícolas e de pastoreio, eram, também, consideradas elementos de apoio, podendo ser utilizadas para retirar um feixe de silvas num portelo ou como arma de defesa contra animais selvagens que podiam surgir no caminho. O uso de varas entre as comunidades campesinas era tão significativo que os homens, além de ter o hábito de se fazer acompanhar por varas no seu dia-a-dia, também as levavam consigo às feiras (Janeiro, 2014: 84). É possível que este valor funcional e de prestígio das varas de madeira, tão típicas das comunidades agro-pastoris, já se verificasse entre as povoações proto-históricas, cuja economia dependia muito das atividades praticadas no campo e na floresta.

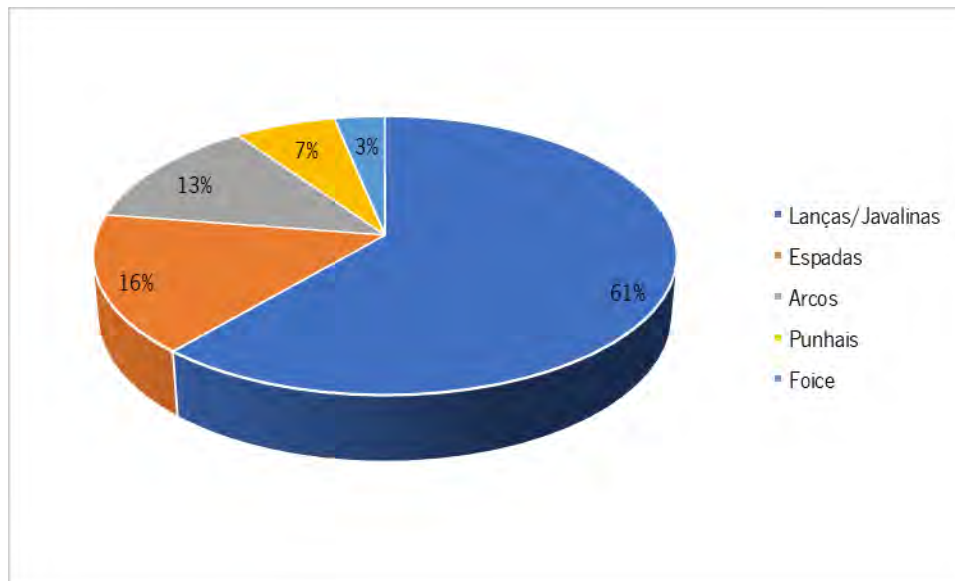


Figura 90. Percentagem de armas ofensivas do vale do Sabor associadas a antropomorfos.

A segunda arma mais representada no conjunto do armamento associado aos antropomorfos da arte móvel do vale do Sabor são as espadas (16%) (Figura 90), embora com um número total de casos bem inferior. A maioria destes elementos corresponde a figurações muito esquemáticas, sendo impossível determinar a sua tipologia.

Contudo, distingue-se a espada do antropomorfo 149/001/A/02 (Figura 31) por apresentar bastantes detalhes iconográficos, embora isso não seja sinónimo de um mais fácil enquadramento tipológico. De facto, esta arma apresenta, por um lado uma lâmina curva própria das falcatas de origem ibérica, presentes no ocidente da meseta Norte a partir do século V-IV a.C. (Sánchez Nicolás e Mateos Leal, 2014: 245), mas, por outro, revela uma empunhadura semicircular e uma bainha com conto arredondado, que a aproxima das espadas de frontão mais antigas (séc. V-IV a.C.) ou das espadas de antenas atrofiadas ligeiramente mais tardias (finas séc. IV-III a.C.). Esta arma pode ainda corresponder a um punhal de tipo frontão, conhecido na meseta Norte a partir do século III a.C., representado de forma exagerada, com o objetivo de enaltecer o indivíduo retratado (Lorrio, 2008: 265). Na realidade, a mistura de características leva-nos a ponderar estar perante uma representação idealizada de uma arma gravada por um indivíduo com pouco contacto com o armamento bélico da época ou, à semelhança do que acontece com as estátuas de guerreiros galaicos, que também apresentam armas figuradas, perante a imagem de um herói do passado.

Uma outra arma que surge algumas vezes representada no vale do Sabor é o arco (13%) (Figura 90), embora com uma morfologia distinta do habitual. Em alguns sítios da região, nomeadamente na Rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (Torre de Moncorvo) (Neves *et al.*, 2012: 171) ou na Rocha 10 de Vale

da Casa (Foz Côa) (Baptista, 1983: 61), foram registadas algumas imagens de arcos, com uma iconografia que as aproxima mais das representações da Idade do Bronze. Os exemplares registados na arte móvel sidérica do Sabor (Figuras 18 e 22) apresentam uma morfologia ligeiramente distinta e mais simplificada.

De acordo com Quesada Sanz (1997: 464), o arco desapareceu do registo arqueológico peninsular entre o século V e II a.C., reaparecendo apenas nos finais do 1º milénio a. C., já durante o período da conquista romana. Tendo em conta os contextos das lajes gravadas do vale do Sabor, não descartamos a hipótese de estarmos perante motivos enquadrados nesta época.

Um número reduzido de armas embaídas correspondem a punhais (7%) (Figura 90). Na zona ocidental da meseta Norte, estas armas surgem nos finais do século IV a.C., generalizando-se apenas na centúria seguinte (Sánchez Nicolás e Mateos Leal, 2014: 247). A sua escassa representatividade parece dever-se ao facto de a iconografia do vale do Sabor retratar comunidades agro-pastoris, onde o uso de armas de haste era mais habitual, em detrimento dos punhais usados sobretudo em contextos de guerra, nas lutas corpo a corpo.

Associada a um cavaleiro (Figura 23) foi registada uma foice (3%) (Figura 90), que integramos no grupo das armas, pelo facto de se terem identificado vários exemplares em sepulturas de guerreiros da necrópole de Osera (Avila). De acordo com Lorrio (1994: 239), estas armas, presentes no interior das sepulturas mais ricas, não eram usadas nas lutas, devendo tratar-se apenas de peças simbólicas, próprias das sociedades agro-pastoris.

Quanto às armas defensivas, a maioria das representações diz respeito a capacetes (37%) (Figura 91), tendo-se contabilizado 4 exemplares. Contudo, não podemos deixar de assinalar que alguns penachos ou toucados (36%) registados (Figura 91), podem corresponder a capacetes de tipo Montefortino, os capacetes mais frequentes na II Idade do Ferro (Quesada Sanz, 1997: 554). Um dos penachos de Crestelos, designadamente o do antropomorfo 1652/5531/A/02 (Figura 28), faz lembrar um capacete ibérico com uma grande crista flutuante pintada sobre um vaso de San Miguel de Liria (Valencia) dos finais do século III a.C. (Quesada Sanz, 2010: 154).

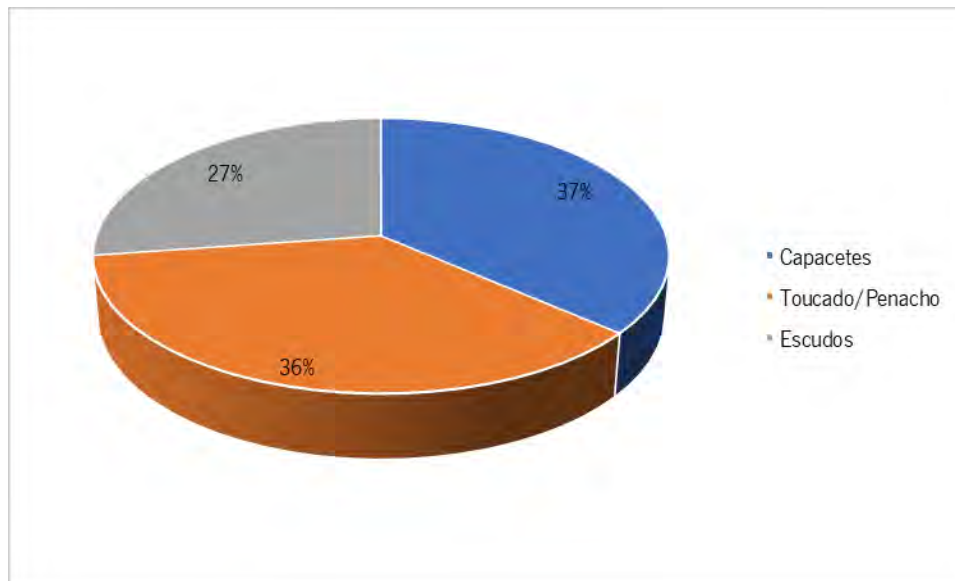


Figura 91. Percentagem de armas de defensivas registadas no vale do Sabor associadas a antropomorfos.

Nos antropomorfos do vale do Sabor foram ainda contabilizados 3 escudos circulares (27%) (Figura 91), de tamanhos distintos. Julgamos que as representações de dimensões mais reduzidas (Figuras 17 e 19) correspondem à *Caetra*, o escudo de formato circular que chegou ao Sudeste da meseta nos finais do século IV a.C. (Lorrio, 2008: 268). Um exemplar de maior calibre (Figura 20) recorda uma *parma* figurada sobre uma moeda de bronze de Carisa (Cádiz) provavelmente do século I a.C. (Quesada Sanz, 2010: 141). Contudo, é de assinalar, que ao contrário do mito criado à volta do porte reduzido da *caetra*, este tipo de escudo podia apresentar dimensões variadas, atingindo, em alguns casos excepcionais, 1m de diâmetro (Quesada Sanz, 2010: 138).

A panóplia armamentística representada na arte móvel sidérica do Sabor, no geral, corresponde às armas conhecidas nos contextos arqueológicos da meseta Norte, destacando-se as armas de haste. Relativamente à cronologia, esta apresenta exemplares que se inserem claramente na II Idade do Ferro, balizados, mais especificamente, entre o século IV e o século I a.C.

2.2. Narrativas proto-históricas

Tanto nas lajes de Crestelos, como de Castelinho foi possível identificar sobretudo temáticas próprias das comunidades agrícolas e pastoris da Idade do Ferro, destacando-se a simbologia da elite equestre, que se encontrava em processo de afirmação do poder.

Apesar da fragmentação da maioria dos suportes, nas lajes com antropomorfos do vale do Sabor nota-se uma clara preferência pela representação de cavaleiros. Na Península Ibérica, esta temática é

comum entre as comunidades da segunda metade do I Milénio a.C., surgindo sobre diferentes suportes, como estelas, fíbulas, cerâmicas e estatuária, arte rupestre e moedas (Royo Guillén, 2005). É normalmente associada à representação de elites equestres (Almagro-Gorbea, 2005).

Ainda que a presença de equídeos na Península Ibérica se testemunhe desde a Pré-história, a introdução da sua domesticação e da prática da equitação ainda não se encontra perfeitamente esclarecida, existindo investigadores que defendem a sua chegada por via continental, desde a Europa central, enquanto outros, aceitam a sua entrada pelo mediterrâneo, num período anterior aos finais do século VIII a.C. (Tirador Garcia, 2011: 84). As primeiras imagens de cavaleiros começam a registar-se no século VII a.C., mas só a partir do século V a.C. é que estas aumentam consideravelmente (Tirador Garcia, 2011: 84). Isto aconteceu porque surgiu uma elite equestre que passou a representar os seus antepassados heroizados à sua semelhança, de forma a legitimar o seu poder e a aumentar o seu prestígio. A representação de cavaleiros heroizados prolonga-se até ao século I a.C., ultrapassando-o em algumas zonas, como se pode constatar pelas estelas de Leão, Catalunha e Aragão do período romano, onde se encontra patente uma iconografia tipicamente indígena (Luís, 2010: 58). Parece-nos, portanto, que as representações de cavaleiros do vale do Sabor se integram nesta prática do culto dos antepassados heroizados, que se desenvolveu fortemente entre as comunidades agro-pastoris pré-romanas.

Entre as lajes com cavaleiros, destacamos a placa 1 (Apêndice II, 149/001/A), que apresenta uma evidente cena de caça ao javali (Figura 51). No vale do Sabor, o javali também é representado noutras lajes gravadas, como na placa 131 (Apêndice II, 149/131/A) e 336 (Apêndice II, 149/336/A), mas devido à fragmentação das peças, não se percebe a sua verdadeira narrativa. Na laje 448 (Apêndice II, 149/448/A), com uma outra evidente cena de caça envolvendo antropomorfos a pé e cavaleiros, parece surgir representado um javali, mas também corços, o que nos leva a ter algumas dúvidas relativamente ao tipo de caça que se pretende figurar.

Regressando à placa 1 (Apêndice II, 149/001/A), esta apresenta dois cavaleiros gravados em espelho (Apêndice II, 149/001/A/03 e 07), um deles acompanhado por um canídeo (Apêndice II, 149/001/A/14), que seguram armas de arremesso, lanças ou javalinas, que atiram sobre um javali (Apêndice II, 149/001/A/04) rodeado por algumas dessas armas. Os cavaleiros encontram-se acompanhados por antropomorfos a pé (Apêndice II, 149/001/A/02, 06 e 08), armados sobretudo com armas de arremesso. Um desses antropomorfos (Apêndice II, 149/001/A/06) segura, na sua mão esquerda, uma arma de haste que espeta no lombo do suíno (Apêndice II, 149/001/A/04).

Os antropomorfos da placa 1 (Apêndice II, 149/001/A) parecem fazer parte do corpo de infantaria de um exército. Um dos cavaleiros apresenta um capacete (Apêndice II, 149/001/A/07) (Figura 10), arma defensiva habitual da panóplia militar, que provavelmente era pouco confortável na prática da caça (Mata Parreño, 2014: 171). Tal como C. Mata Parreño (2014: 171) defendeu para as fíbulas ibéricas com cenas de caça onde surgem cavaleiros com escudos tipicamente bélicos, consideramos que as características militares da iconografia da placa 1 (Apêndice II, 149/001/A), tinham um carácter simbólico, de reforço do valor e do prestígio das elites equestres.

Embora se conheçam várias imagens de javalis no centro da Península Ibérica, por exemplo em fíbulas, armas e arte rupestre, as cenas de caça ao javali são mais comuns no território ibérico, surgindo aqui sobretudo sobre fíbulas de prata e em cerâmicas pintadas, ambos os tipos de peças datadas entre o século II e I a.C. (Mata Parreño, 2014: 172). A peça ibérica que mais se aproxima da nossa área de estudo e da iconografia da placa 1 (Apêndice II, 149/001/A) corresponde ao carro ritual de Mérida, composto por um cavaleiro com uma arma de haste, acompanhado por dois canídeos que perseguem um javali. De origem desconhecida e, portanto, cronologia controversa, esta peça geralmente é balizada entre os séculos VI-V a.C. e os séculos II-I a.C. (Mata Parreño, 2014: 172). Num dos silhares da muralha de Yecla de Yeltas, que apresenta claramente uma cena de caça, Martín Valls (1983: 223) reconheceu uma cena de caça ao javali. Porém, o esquematismo de ambas as figuras colocam-nos algumas dúvidas, podendo tratar-se também de uma cena de caça ao lobo.

Tratando-se o javali de uma fera noturna e selvagem, é normalmente associado ao mundo da morte, do mal e do perigo (Mata Parreño, 2014: 171- 172) . Por este motivo, alguns autores consideram que as cenas de caça ao javali sobre fíbulas representavam a vitória do herói sobre a morte (Prieto e López, 2002: 49-50). Contudo, a maioria das representações deste animal são provenientes de contextos habitacionais, o que levou outros investigadores a defenderem um carácter iniciático e de emancipação para estas imagens, pois a caça de este animal selvagem e noturno requeria grande destreza e valor (Mata Parreño, 2014: 171). É muito provável que a cena da laje 1 (Apêndice II, 149/001/A) se enquadre nesta última ideologia, embora também se encontre patente a heroicização dos antepassados.

Para além da caça ao javali, numa outra laje com antropomorfos, designadamente na placa 5534 de Crestelos (Apêndice III, 1652/5534/A), reconheceu-se uma cena de caça à raposa ou lobo (Figura 87). Nesta laje, dois cavaleiros (Apêndice III, 1652/5534/A/01 e 02) acompanhados por canídeos à esquerda (Apêndice III, 1652/5534/A/05 e 06), perseguem um animal, com uma arma no dorso (Apêndice III, 1652/5534/A/04), da família dos canídeos, que poderá tratar-se de uma raposa ou lobo.

Na iconografia peninsular sidérica não se conhecem representações de raposas. Todavia, a representação do lobo entre as comunidades da Idade do Ferro era frequente, conhecendo-se algumas cenas de caça a este animal, nomeadamente no mundo ibérico. Normalmente, aqui os caçadores surgem, ao contrário do que acontece na placa de Crestelos, representados a pé. Apenas numa estela de Palermo (Caspe), se verifica um cavaleiro armado, acompanhado por um peão que arrasta um canídeo, que parece tratar-se de um lobo (Mata Parreño, 2014: 172).

O lobo sempre teve um grande peso nas comunidades agro-pastoris, pois era temido devido à sua ferocidade e astúcia (Blanco García 2012: 53). Presente em alguns ambientes funerários, este animal é associado, tal como o javali, ao mundo da morte, à viagem para o além, mas também à ressurreição (Abarquero Moras, 2006-07: 197). Alguns autores associam-no ao Deus *Sucellus*, uma divindade gaulesa que vestia uma pele de um lobo (Abarquero Moras, 2006-07: 197), mas cuja a presença não foi ainda comprovada na Península Ibérica (Alfayé Villa, 2003). Um outro conjunto de investigadores vincula-o aos ritos iniciáticos, mas também às reuniões guerreiras (Abarquero Moras, 2006-07: 197), sendo muito provavelmente este o significado da cena de caça da placa 5534 (Apêndice III, 1652/5334/A). Devido ao seu forte simbolismo, a imagem do lobo era ainda usada como talismã, como símbolo apotrópico. Isto é evidente em algumas representações zenitais típicas da zona do centro da Península Ibérica, datadas entre os finais do século III a.C. e o século I d.C. (Abarquero Moras, 2006-07: 195), como no vaso de armazenamento de Rauda, em várias fíbulas de bronze e numa tampa de um forno de Píntia (Blanco García, 2012: 53). Tendo em conta os contextos dos achados, tanto do Castelinho como de Crestelos, é possível que a imagem do lobo no vale do Sabor também revele um carácter apotrópico.

Ainda que pouco evidentes, acreditamos que em pelo menos duas lajes, na placa 320 (Apêndice II, 149/320/A) e 85 (Apêndice II, 149/085/A), se encontram patentes cenas de caça ao cervídeo.

Relativamente à primeira placa, a placa 320 (Apêndice II, 149/320/A), embora o animal (Apêndice II, 149/320/A/02) que se apresenta à frente do cavaleiro (Apêndice II, 149/320/A/01) que suporta uma arma de haste, se encontre incompleto devido à fracturação da rocha, a forma da sua cauda curta assemelha-se às caudas dos corços.

Já na placa 85 (Apêndice II, 149/085/A), na secção inferior do campo iconográfico, é bem visível um cervídeo estilizado (Apêndice II, 149/085/A/10), provavelmente um jovem macho, devido à pouca quantidade de galhadas nas hastes, que apresenta sobre os quadris traseiros uma ponta de seta. O animal não parece estar associado ao grande cavaleiro (Apêndice II, 149/085/A/01) (Figura 13) disposto mais acima, pois este não segura nenhuma arma de arremesso. Assim sendo, colocamos a hipótese de se encontrar relacionado à figura adjacente (Figura 13) a este cavaleiro que, devido à

representação dos órgãos femininos, se parece tratar de uma imagem feminina. Sendo assim, constatamos que esta figura surge numa cena de caça que, tal como nas outras placas, parece testemunhar a legitimação do poder. De facto, estudos recentes em necrópoles (Chloé, 2014; Rísquez Cuenca, 2015), normalmente sobre questões de género, têm vindo a demonstrar que as mulheres da Idade do Ferro eram enterradas com objetos de prestígio idênticos aos dos homens da mesma comunidade. Uma vez que a forma como os indivíduos são enterrados é normalmente um reflexo do estatuto social em vida, tem-se considerado que a sociedade da Idade do Ferro era mais igualitária do que a arqueologia tradicionalmente defendia, assumindo, igualmente, as mulheres cargos de poder (Chloé, 2014: 293).

Mais comuns no mundo ibérico, nomeadamente sobre cerâmica, a cena de caça ao cervídeo mais próxima verifica-se no vale do Côa, na rocha 23 de Vale da Casa (Luís, 2010: 58). Nesta, cavaleiros acompanhados por canídeos perseguem um conjunto de veados liderados por um macho de hastes mais desenvolvidas. Esta representação é associada ao Deus céltico *Cernunnos*, representado habitualmente com hastes desenvolvidas (Luís, 2010: 58).

Numa outra laje, na placa 108 (Apêndice II, 149/108/A), também é visível um grande cervídeo macho (Apêndice II, 149/108/A/03), mas com idade mais avançada, devido ao volume das hastes. O animal parece desafiar o grande cavaleiro (Apêndice II, 149/108/A/02) (Figura 16), que segura uma lança ou javalina com ponteira, colocado à sua frente. Na época de acasalamento, que decorre entre Setembro e Novembro, os cervídeos machos tornam-se bastante agressivos, podendo esta cena representar essa época do ano. Por outro lado, esta imagem pode simbolizar a virilidade do macho, significado aliás atribuído às poucas imagens de cervídeos que se conhecem na região *vaccea*, sobre artefactos em cerâmica da necrópole de Eras del Bosque, do povoado de Cauca e de Montealegre de Campos (Valadolid) (Blanco García, 2012).

De acordo com o estudo da fauna do Castelinho (Detry, 2014: 8), o animal mais consumido neste sítio terá sido o bovídeo doméstico (*bos tauros*). Contudo, não é o mais representado, reconhecendo-se dentro da coleção de lajes analisadas apenas duas figuras que consideramos tratarem-se de touros (Apêndice II, 149/025/A/01 e 149/271/A/05). Entre essas imagens destacamos a primeira, onde é visível um antropomorfo sobre um touro (Apêndice II, 149/025/A/01) (Figura 42), numa posição que se assemelha a uma cena tauromáquica.

Embora a imagem do touro seja habitual no centro da Península Ibérica em diferentes artefactos (Lorrio e Olivares Pedreño, 2004), apenas em território ibérico se conhece uma cena tauromáquica, ligeiramente diferente da do Castelinho. Numa peça de cerâmica pintada de Tossal de Sant Miquel,

verificam-se dois indivíduos a pé a desafiar um touro com grandes cornos (Mata Parreño, 2014: 211). A posição dos antropomorfos nesta imagem representa a força e valor dos indivíduos em desafiar um animal de natureza selvagem, significado que também parece estar patente na placa 25 do Castelhinho (Apêndice II, 149/025/A).

De acordo com alguns investigadores (Mata Parreño, 2014: 210), a representação dos órgãos genitais nas imagens dos touros simbolizava a força, a realeza e virilidade masculina.

Um dos animais que surge com alguma regularidade nos suportes analisados são as aves, tendo-se contabilizado 5 elementos distribuídos pelas placas 261+263 (Apêndice II, 149/261+263/A), 336 (Apêndice II, 149/336/A) e 488 (Apêndice II, 149/488/A). Tratam-se de aves de tamanhos distintos, com características muito variadas, que não foi possível associar a nenhuma espécie concreta.

Embora não seja possível definir o tipo de ave dos suportes, este tipo de imagem é recorrente na iconografia da Idade do Ferro, surgindo em diferentes tipos de peças (cerâmica, arte rupestre, estatuária, moedas) (Mata Parreño, 2014: 55). Quando se percebe o género da ave representada, é possível associá-las a determinados rituais. Em várias fontes clássicas, é retratado o costume de colocar o corpo dos defuntos em descampados para serem devorados por abutres (Luís, 2010: 59). No sul da Península ibérica, algumas imagens de aves são associadas à deusa Astarté, originária do próximo oriente (Arruda, 2016: 421).

Relativamente às cenas ou narrativas representadas no vale do Sabor, estas parecem distanciar-se em parte das de Foz Côa, onde, para além das temáticas da caça, se registam também lutas guerreiras (Luís, 2010). No vale do Sabor surgem apenas representações de atividades cinegéticas, que retratam o quotidiano das comunidades agro-pastoris, mas também as suas crenças e cosmogonias. A afirmação do poder das elites, transversal a todos sítios com representações de antropomorfos, também se encontra bem patente.

Importa ainda mencionar as diferentes fases de gravação das placas, intentando uma primeira aproximação a possíveis interpretações.

Da observação das diferentes fases de gravação das lajes mais complexas com antropomorfos do vale do Sabor, percebemos que a maioria dos motivos figurativos foi gravada sobre motivos abstratos e geométricos, nomeadamente sobre reticulados, alguns deles de grandes dimensões. Coloca-se, então, a hipótese de estes reticulados terem funcionado como um sistema de quadricula, de apoio ao processo de gravação.

Por outro lado, percebeu-se, pelo menos em dois suportes, na placa 271 (Apêndice II, 149/271/A) e na 445 (Apêndice II, 149/445/A), que os abstratos foram realizados com o intuito de delimitar o

campo iconográfico. Noutros casos, como no bloco 85 (Apêndice II, 149/085/A), estes motivos podem ter servido para aniquilar representações gráficas e ideológicas anteriores. Assim sendo, parece-nos que, ainda que em alguns casos o período de tempo entre uma ou mais fases seja curto, dando a entender que foram realizadas na mesma altura, em algumas placas nota-se pelo menos duas fases cronologicamente distintas, o que nos parece constituir um sinal evidente da reutilização destas materialidades.

2.3. Contextos e seus possíveis significados

A deposição dos suportes gravados do Castelinho em diferentes contextos, supostamente associados a níveis de desaterro e colmatção de portas e fossos (fosso II e III) e integrados em muros de celeiros e nos paramentos da muralha, levou os responsáveis da escavação a considerarem desde a publicação dos primeiros artigos sobre o sítio (Santos *et al.*, 2016: 213; Neves e Figueiredo, 2015: 1596), que a arte móvel desta estação se encontrava descontextualizada. A mesma tese foi aplicada, posteriormente, a Crestelos (Silva *et al.*, 2016: 75), onde as placas gravadas foram recolhidas igualmente no interior de fossos e associadas a estruturas de armazenamento de cereais. Numa última publicação (Santos, 2015: 248) sobre a evolução do perímetro muralhado do Castelinho, foi mesmo considerado que a arte móvel teria sido produzida no período de construção da muralha, que se situa, segundo uma datação C14, entre o século III a.C. e os inícios do século II a.C., embora não tenha sido encontrado nenhum exemplar gravado nos níveis escavados associados a este período.

Depois de analisarmos com detalhe os contextos dos achados e os seus motivos, colocamos a hipótese da arte móvel do Castelinho, assim como a de Crestelos, estar relacionada com outra realidade.

Nos últimos anos, na Península Ibérica, restos ósseos de animais e humanos (alguns infantis) (Alfayé Villa e Rodríguez-Corral, 2009), depósitos de armas ou estatuária identificados junto ou no interior de muralhas, têm sido interpretados, à semelhança do que acontece noutras zonas da Europa, como testemunhos de ritos fundacionais, apotropaicos ou sacralizadores da estrutura defensiva. Alguns desses achados, como o depósito identificado no Castro de Saceda (Ourense), composto por duas espadas afalcatadas, tenazes de ferro e um pico, surgiram junto das portas das muralhas (González Ruibal, 2006: 581). Também as cabeças pétreas de San Cibrán de Las (Ourense) e do povoado de A Graña (Corunha) foram encontradas junto às entradas, tendo sido interpretadas como divindades ou indivíduos heroicizados que protegiam as comunidades de ameaças externas (Alfayé Villa e Rodríguez-Corral, 2009: 109). São ainda de referir as estátuas de guerreiros galaico-lusitanos, muito provavelmente posicionadas

originalmente nas entradas dos povoados (Bettencourt, 2003: 137; Silva, 2007: 424), como parecem atestar os pés calçados achados em Sanfins, sendo também por vezes interpretados como elementos protetores das comunidades (Alfayé Villa e Rodríguez-Corral, 2009: 110), garantindo a prosperidade a todos os níveis (Bettencourt, 2003: 138). Estes locais de passagem, para além de serem zonas frágeis nas estruturas defensivas, representam também as zonas de transição entre um mundo conhecido e humanizado e outro, selvagem e desconhecido, do qual era necessária proteção através da presença de elemento apotropaicos.

São ainda de sublinhar os povoados de Castro de Saceda (Ourense) (González Ruibal, 2006: 581) e Cerro Sorbán (La Rioja) (Alfayé Villa, 2007: 33) onde, para além de se terem identificado depósitos rituais, foram também assinaladas estruturas de combustão, que poderão estar relacionadas com fogos rituais, tal como no Castelinho e em Crestelos (Santos, 2015: 274).

Assim sendo, tendo em conta que, tanto no Castelinho como em Crestelos, a concentração dos suportes gravados se verificou nas entradas e nas estruturas defensivas, consideramos que a arte móvel sidérica do vale do Sabor poderá, à semelhança dos casos assinalados, ser o testemunho de ritos apotropaicos ou de sacralização do espaço muralhado. Uma vez que as lajes surgem, sobretudo, em níveis associados às fases de reformulação da muralha, ainda que algumas possam ter origem em etapas anteriores, o mais provável é que estas tenham tido um papel mais preponderante nos momentos de renovação do espaço fortificado.

Outros aspetos concorrem ainda para reforçar esta tese do carácter protetor da arte móvel sidérica do vale do Sabor. No Castelinho, conhecem-se duas placas gravadas com motivos zenitais, um tipo de gravura típica da área da meseta Norte que surge em diferentes tipos de objetos datados entre os finais do século III a.C. e I d.C. (Abarquero Moras, 2006-07: 195; Silva e Figueiredo, 2018). O animal que surge normalmente neste tipo de representação é o lobo, que é considerado um animal protetor, conhecendo-se vários talismãs com esta figura. Além disso, à semelhança do que acontece no Castro de Formigueiros (Meijide Cameselle, 2009b: 132), no Castelinho foram identificadas várias placas com representações de labirintos, considerados por alguns autores símbolos de defesa física de um território ou cidade através da sua proteção mágico-religiosa (Alfayé Villa e Rodríguez-Corral, 2009: 110). Neste sítio fortificado foi ainda encontrada fortuitamente uma cabeça de antropomorfo (Santos e Ladra, 2011) que, como já vimos, também pode ser interpretada como um herói ou divindade protetora. O achamento de ferramentas, nomeadamente picaretas, registadas no interior do fosso II e de um vaso decorado encontrado no interior do fosso III, foram considerados depósitos rituais, à semelhança dos vasos registados no povoado da Cachouça do Bronze Final/Ferro Inicial (Idanha-à-Nova) (Santos, 2015: 275).

Nos vários níveis de colmatação do Fosso II, ainda que residuais, também foram exumados restos ósseos de animais, que podem ser testemunhos de rituais fundacionais e protetores (Santos, 2015: 271). Ainda que se tratem de vestígios do período romano, não podemos deixar de assinalar a descoberta de duas aras votivas na aldeia de Cilhades, muito próxima do Castelinho, uma delas dedicada a Denso (Prósper e Redentor, 2007) e outra a Tutela (Pereira *et al.*, 2012). Ambas correspondem a divindades de origem indígena, associadas à proteção das comunidades, que podem refletir a continuidade de um culto simbólico-religioso de períodos anteriores.

É possível que a partir de certa altura, esta crença protetora tenha sido aplicada nas estruturas de armazenamento, tão importantes para o alimento e sobrevivências destas comunidades, assim como para a sua economia.

Na península Ibérica, não se conhecem lajes gravadas associadas a celeiros, mas sobre recipientes de armazenamento registam-se algumas imagens apotrópicas. Num vaso de armazenamento de comida ou sementes da antiga cidade hispano-romana de Rauda, atualmente designada de Las Eras de San Blas (Burgos), foram identificadas duas figuras de um lobo em posição zenital, interpretadas como símbolo de proteção do conteúdo do recipiente (Abarquero Moras, 2006-07: 199). As jarras e púcaros de Palença, usados como utensílios de armazenamento de líquidos ou grão, também demonstram figuras estampilhadas que podiam apresentar a mesma função protetora (Abarquero Moras, 2006-07: 201).

Num contexto ligeiramente diferente, mas ainda assim relacionado com alimentos, registamos ainda a imagem de um lobo na porta em cerâmica de um forno do povoado de Las Quintanas (Valladolid) que, muito provavelmente, tinha como função cuidar do fogo, mas também da comida que se encontrava a cozinhar no seu interior (Blanco García, 2012: 53).

O caráter protetor das gravuras do vale do Sabor poderá também se estender a outros sítios com arte móvel da Península Ibérica. À exceção dos elementos gravados da necrópole da Vinha das Calças 4 (Beja) (Pereira e Barbosa, 2009), do santuário fúnebre de Estacar de Robarinas (Linares) (Blázquez Martínez e Remesal Rodríguez, 1979: 375) e do santuário-palácio de Canho Roana (Zalema de la Serena) (Maluquer de Motes *et al.*, 1986: 25-28), os restantes achados foram identificados todos em sítios fortificados ou próximos destes, tendo-se registado alguns deles integrados em muralhas e outros em zonas de entrada. Todos eles, à exceção dos registados à superfície, verificaram-se em locais de passagem entre dois tipos de espaços, por exemplo entre a zona exterior e interior do povoado, como é bem patente nos castros de Yecla de Yeltes, de Saldeana e de Las Merchanas (Salamanca) (Martín Valls e Romero Carnicero, 2008) ou, junto à entrada de habitações, como no castro de Formigueiros (Meijide

Cameselle *et al.*, 2009: 116), onde foram registadas gravuras *in situ* sobre um lajeado situado junto a uma cozinha. Parece-nos, portanto, que estamos perante rituais idênticos aos do vale do Sabor de proteção de estruturas fortificadas, como Martin Valls e Romero Carnicero (2008: 250) apontaram para as imagens de equídeos de Yecla de Yeltes, mas também de espaços interiores dos povoados que devido à sua importância, por exemplo, relacionada com a alimentação, deveriam ser protegidos com símbolos.

Para finalizar, vários fatores parecem concorrer para considerar os elementos gravados sidéricos do vale do Sabor depósitos intencionais simbólicos associados muito provavelmente a ritos apotropaicos, que se podem ter iniciado, no caso do Castelinho, no período de fundação da muralha, mas que parecem ter tido um papel mais marcante nas fases de reconstrução da mesma. No período de ocupação romana, na colmatação da porta Sudoeste, esta crença parece ainda estar patente. As lajes usadas para tapar esta entrada foram dispostas de forma muito organizada, tendo em algumas destas se registado gravuras incisas. Talvez se trate de um testemunho da perduração de uma ideológica que não terá desaparecido imediatamente, apesar dos esforços empreendidos pelo povo invasor para anular a simbologia do espaço.

REFLEXÕES FINAIS

Reflexões finais

O trabalho apresentado procurou analisar uma parte da coleção de arte móvel Proto-histórica de duas jazidas localizadas no vale do Sabor, designadas de Castelinho e Crestelos. O elevado número de peças exumadas nestes contextos, localizados precisamente na área da Península Ibérica onde se registaram até ao momento mais sítios com arte rupestre sidérica, trouxe um novo impulso para o conhecimento de uma realidade ainda pouco estudada no seio da arqueologia.

Assim, esta dissertação assume-se apenas como uma parte desse novo impulso, centrando-se nas representações antropomórficas presentes nas supracitadas placas. Ainda que se trate de uma análise fragmentária, pensamos que os dados e conclusões preliminares a que chegamos nos permitem estabelecer um bom ponto de partida para trabalhos futuros, tão ansiados e necessários.

Partindo do particular para o geral, da análise dos motivos resultou um quadro complexo, onde personagens mais realistas se cruzam com outras, em maior número, de cariz extremamente esquemático. Definimos 39 tipos de antropomorfos.

Concluimos que a maioria dos motivos antropomórficos presentes nas placas do Castelinho e Crestelos correspondem a cavaleiros. Interpretamos estes motivos como representações do culto da heroicização de antepassados, presente em várias geografias da Península Ibérica, levados a cabo por uma elite equestre que necessitava de afirmar o seu poder, produzindo imagens dos seus ascendentes à sua semelhança (Tirador Garcia, 2011: 83).

No que concerne às narrativas, observamos também características interessantes, como o facto de, ao contrário do que tem vindo a ser verificado no vale do Côa, onde se representam não apenas cenas cinegéticas como, também, bélicas, no vale do Sabor apenas as primeiras surgirem retratadas. Assim, as narrativas desenhadas no Sabor prendem-se sobretudo com a caça a diferentes animais, entre os quais o javali, o veado ou o lobo, onde se denota um cariz extremamente simbólico, próprio das sociedades rurais e agro-pastoris pré-romanas. Em termos interpretativos esta realidade encontra uma forte ligação com o ponto anterior, sendo que, perante uma nova força invasora personificada por Roma, foram precisamente as elites equestres que assumiram o papel de mediadores, sendo por vezes promovidos a lugares de chefia dentro de uma nova estrutura administrativa que precisava de ser legitimada, mantendo, por conseguinte, a sua importância.

Relativamente aos contextos, a análise aprofundada que realizamos, sobretudo no Castelinho, permitiu-nos também esboçar novas interpretações. Por conseguinte, foram alteradas e adicionadas visões a perspetivas anteriores, tanto para o Castelinho como para Crestelos, tendo em conta a análise

da deposição das placas e a sua reutilização, bem como os paralelos peninsulares. Pensamos assim estar perante materialidades que foram usadas em ritos apotropaicos ou sacralizadores fundacionais de estruturas defensivas, que podem ter tido lugar em diferentes épocas de ocupação e/ou reformulação de espaços. Não obstante, as crenças das comunidades proto-históricas parecem ter perdurado para além da ocupação romana do território, sendo que os ritos apotropaicos poderão também ter estado na origem da deposição de lajes gravadas na construção e reconstrução de estruturas de armazenamento de cereais, como meio de proteção do seu conteúdo, essencial para a sobrevivência das populações.

Da variedade de antropomorfos analisados, das narrativas que integram e dos seus contextos arqueológicos, situamos a arte móvel sidérica do vale do Sabor na II Idade do Ferro, mais especificamente entre o século IV e I a.C. Pensamos, portanto, que a prática de gravar lajes teve início num período anterior à entrada dos romanos, tendo-se provavelmente intensificado nas épocas imediatamente anteriores à chegada destes, em que se tiveram de realizar trabalhos de reformulação e reforço das muralhas, podendo ter-se prolongado para lá das primeiras décadas da ocupação desta força no território, como testemunham algumas figuras de cronologia mais tardia (como por exemplo as figuras zenitais) e a deposição de placas em estruturas de armazenamento.

Assim sendo, e ainda que assumindo este trabalho como um prelúdio para investigações futuras, a arte móvel do Vale do Sabor parece estar associada a rituais simbólico-religiosos praticados pelas comunidades agrícolas da 2^o fase do I. Milénio a. C.

Parafraseando E. Bertolt Brecht (2005) através da personagem de Leocádia na obra *Um Homem é um Homem*, “de todas as coisas seguras / a mais segura é a dúvida”. Neste trabalho esta afirmação materializa-se de várias formas. De facto, se por um lado pensamos ter conseguido estruturar alguns pontos seguros para a interpretação da arte móvel da Idade do Ferro, por outro, estende-se à nossa frente todo um mar de dúvidas e questões que nos interessa referir.

Tomando como ponto de partida uma escala reduzida, seria muito importante analisar todos os motivos e placas gravadas do Castelinho e Crestelos.

No que concerne especificamente às representações antropomórficas, uma das maiores novidades relativamente a outras áreas geográficas, como por exemplo o vale do Côa, é a representação de figuras femininas. Esta realidade levanta questões extremamente interessantes, que se ligam à Arqueologia do género. Estudos recentemente realizados em necrópoles da Idade do Ferro (Chloé, 2014; Rísquez Cuenca, 2015), revelaram que muitas das sepulturas interpretadas como sendo de homens, sobretudo devido às armas aí presentes, se tratavam afinal de mulheres. Poderão as personagens rupestres da Idade do Ferro ter sido preferencialmente interpretadas como pertencendo ao género

masculino dadas as armas que lhes estão associadas? Pensamos que um estudo aprofundado das figurações femininas do vale do Sabor, bem como uma revisão de outras, noutras geografias, classificadas enquanto masculinas, nos poderão levar a novas interpretações sobre o papel das mulheres no seio das sociedades proto-históricas.

Quanto aos restantes motivos, seria, porventura, também especialmente vantajoso estudar: as figurações abstratas e geométricas, devido o seu elevado número e às informações que podem proporcionar sobre as fases e processos de gravação; as figurações de equídeos, dado que à semelhança do que acontece na restante iconografia sidérica peninsular, constituem o motivo figurativo mais representado, tornando-se num importante elemento para estabelecer paralelismos; as representações de tipo labirinto, uma vez que integram geralmente períodos mais antigos; e finalmente as figurações em posição zenital, até agora inéditas em território nacional.

No que concerne às placas e à sua distribuição geográfica, importa aprofundar o estudo sobre as estações arqueológicas do Castelinho e Crestelos, tentando clarificar as suas relações. Tendo em conta a quantidade de suportes contabilizados no Castelinho (521) relativamente aos de Crestelos (104) e atendendo às diferenças nos motivos gravados e qualidade dos mesmos (maior no Castelinho), será que poderemos pensar estar perante placas de distintas cronologias, sendo as de Crestelos mais antigas? Poderiam estes dois sítios ter tido diferentes funcionalidades?

Igualmente pertinente é perceber se a prática de gravar lajes era comum a outros locais fortificados da zona, ou se, pelo contrário, aquela se constituía como um fenómeno exclusivo destes dois sítios. A escavação de outros povoados, como o Castro da Cigadonha (Alfândega da Fé), poderia ajudar a clarificar uma questão desta natureza.

Estabelecendo um elo entre a arte móvel e a arte parietal, importaria ainda estudar as relações entre estas duas manifestações. Primeiro, no próprio vale do Sabor, onde também se detetaram painéis ao ar livre com arte sidérica e, depois, com o vale do Côa, que encerra um dos maiores conjuntos peninsular conhecido de arte proto-histórica ao ar livre. Igualmente importante seria compreender as eventuais relações entre as figurações incisas de gramática comum no vale do Sabor e vale do Côa, com outras, que poderão ter a mesma cronologia, representadas por fusiformes, podomorfos e covinhas.

Por fim, toda esta realidade rupestre não se pode desligar de um mundo arqueológico mais abrangente, onde importam os estudos dos edificadros, das cerâmicas e dos processos metalúrgicos entre muitos outros, para perceber fluxos de bens, pessoas e ideias, que se refletem nos grafismos analisados.

Terminamos este trabalho com todas as perguntas acima referidas, por um lado, para assumir a nossa limitada compreensão do fenómeno da arte móvel sidérica e, por outro, porque elas provocam em nós o estímulo e a aspiração de querer saber sempre mais sobre um tema tão rico e fascinante. Se esta dissertação representa para nós um modesto contributo para o desenvolvimento de uma área de saber ainda a dar os primeiros passos, representa também uma vontade de compreender todo um mundo passado, repleto de cosmogonias distantes das nossas. Esperamos, assim, ter contribuído de alguma forma para uma melhor compreensão sobre o modo de viver e de pensar das comunidades proto-históricas do Noroeste Peninsular.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

- Abarquero Moras, F. (2006-07). Simbolismo cenital en el mundo vacceo a propósito de un recipiente de cerâmica de las eras de San Blas (Roa, Burgos), *BSAA Arqueologia*, LXXII-LXXIII, pp. 183-209.
- Abasólo, J. (1977). Las estelas decoradas de la region de Lara de Los Infantes, Estudio Iconografico, *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, XLIII, pp. 61-97.
- Abreu, C. (2000). Mineração e metalurgia em torno da jazida de ferro de Torre de Moncorvo, In *Terrenos da Arqueologia da Península Ibérica, 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 8, Porto, pp. 367-379.
- Alarcão, J. e Barroca, M. (2012). *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Figueirinhas.
- Alfayé Villa, S. (2003). La iconografía divina en celtiberia: una revisión crítica, *Archivo Español De Arqueología*, 76, pp. 77-96.
- Alfayé Villa, S. (2007). Rituales relacionados con murallas en el ámbito celtibérico, *Paleohispanica*, 7, pp. 9-41.
- Alfayé Villa, S. e Rodríguez-Corral, J. (2009). Espacios liminales y prácticas rituales en el noroeste peninsular, *Paleohispanica*, 9, pp. 107-111.
- Almagro-Gorbea, M. (2005). Ideología ecuestre en la Hispania prerromana, *Gladius*, XXV, pp. 151-186.
- Alves, F. (1934). *Memórias arqueológicas-históricas do distrito de Bragança*, Tomo 9, Bragança.
- Alves, L. (2003). The Movement of Signs, Post-glacial rock art in the north-western Iberia. PhD Thesis, Department of Archaeology, University of Reading, Reading, 2 vols.
- Alves, L. (2009). O sentido dos signos. Reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glaciar no Norte de Portugal, In Balbin Behrmann, R. de (coord.), *Arte Prehistórico al aire libre en el sur de Europa*, pp. 381-414.
- Alves, L. e Reis, M. (2009). No limiar das 'artes'? Questões em torno da permeabilidade de fronteiras temporais e espaciais, da arte rupestre de Trás-os-Montes Ocidental, *Revista Aquae Flaviae*, 41, Montalegre, pp. 45-92.
- Alves, L. (2013). A Rocha Gravada de Aqualta 7, In Valera, A. C. (coord.), *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana, 2ª Metade do IV aos inícios do II Milénio AC*, Memórias d'Odiana, 2.ª Série, Estudos Arqueológicos do Alqueva, pp. 505-538.
- Anati, E. (1968). *Arte Rupestre nelle regioni ocidental della Penisola Iberica*, Capo de Ponte: Centro Camuno di Studi Preistorici.

- Arruda, A. (2016). À vol d`Oiseau. Pássaros, passarinhos e passarocos na Idade do Ferro do Sul de Portugal, In Catarina, A., Carvalho A. e Viegas C. (eds) *Terra e Água, Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves, Estudos & Memórias*, 9, pp. 403-423.
- Aubry, T. e Sampaio, J. (2012). Novos dados para a abordagem técnica da arte rupestre e móvel do vale do Côa, *Trabalhos de Arqueologia*, 54, pp. 185-206.
- Averbouth, A. e Feruglio, V. (2012). L`art mobilier pléistocène: un symposium autor des orientations et des recherches actuelles, In Clottes, J. (dir.), *L`art pléistocène dans le monde*, Actas do Congresso IFRAO 2010, pp. 1267-1273 (CD).
- Balbín Behrmann, R. e Moure Romanillo, J. (1988). El arte rupestre de Domingo García (Segovia), *Revista de Arqueología*, 87, pp. 16-24.
- Baldellou, V. (1989). “Il Reunión de Prehistoria aragonesa”: La terminogia en el arte rupestre Post-Paleolítico, *Bolskan*, 6, pp. 5-14.
- Baptista, A. (1983). O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa - (Vila Nova de Foz Côa), *Arqueologia*, 8, Porto, pp. 57-69.
- Baptista, A. (1983-1984). Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva, *Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste, Portugalia*, Vol. IV/V, , Porto, pp. 71-86.
- Baptista, A. (1986). Arte rupestre pós-glaciária, Esquematismo e abstracção, *História de Arte em Portugal*, 1, Do Paleolítico à arte visigótica, Publicações Alfa, pp. 31-55.
- Baptista, A. e Santos, A. (2013). *A arte rupestre do Guadiana português na área de influência do Alqueva*, Memórias d`Odiana, 2.ª Série, Estudos Arqueológicos do Alqueva.
- Bettencourt, A. (2003). Expressões Simbólicas e Rituais da Idade do Ferro do Noroeste de Portugal, In Jorge, V. O. (ed.), *Arquitectando espaços: da natureza à metapolis*, Porto, pp. 131-149.
- Bettencourt, A., Sanches, M., Dinis, A., Cruz, C. (2004). The rock engravings of Penedo do Matrimónio in Campo de Caparinho, Vilar de Perdizes, Montalegre (Northern Portugal), *Journal of Iberian Archeology*, 6, Porto, pp. 61-82.
- Bettencourt, A. e Santos-Estévez, M. (2018). *A geografia mágica do Monte de São Silvestre através da Arte Rupestre*, Coleção Paisagens, Património e Território, Lab2PT, Braga.
- Blanco García, J. (2012). Los animales salvajes en el imaginario vacceo, *Vaccea Anuario*, 5, Valladolid, pp. 52-59.
- Blázquez Martínez, J. e Remesal Rodríguez, J. (1979). VIII- La necrópolis del Estacar de Robarinas, Castulo II, *EAE*, 105, pp. 374-376.

- Botica, N. (2017). Contributo do sistema de informação 2ArchIS para o conhecimento das cidades romanas de Braga e Lugo, *Philtáte*, Vol. 2, Lugo, 387-397.
- Botica, N. e Martins, M. (2008). Sistemas de informação em arqueologia, A experiência de *Bracara Augusta*, *Actas do 1º Congreso Internacional de Arqueoloxía de Vilalba, Férvedes*, 5, Museo de Prehistoria e Arqueoloxía de Vilalba, Vilalba, pp. 9-12.
- Bradley, R. (1997). *Rock art and the prehistory of atlantic Europe: signing the land*, Routledge, London and New York.
- Brandão, D. (1961). Denso – Uma nova divindade bárbara do panteão lusitano, Inscrição de Cilhades-Moncorvo, *Lucerna*, 1, Porto, pp. 26-28.
- Brecht, B. (2005). *Teatro 2*, Lisboa, Cotovia.
- Bueno Ramirez, P. (2010). Ancestros e imágenes antropomorfas muebles en el ámbito del megalitismo occidental: las placas decoradas, In Cacho, C., Maicas, R., Galán, E. y Martos, J. A. (coord.), Ministerio de Cultura *Ojos que nunca se cierran, Idolos en las primeras sociedades campesinas*, Madrid, pp. 39-77.
- Bueno Ramírez, P., Balbín Behrmann, R., Barroso Bermejo, R. (2017). Steles, Time and Ancestors in the Megaliths of Antequera, Málaga (Spain), *Menga*, Revista de Prehistoria de Andalucía, 08, pp. 193-219.
- Cabré Aguiló, J., Cabré de Morán, E., Molinero Pérez, A. (1950). El castro y la necrópolis del Hierro Céltico de Chamartin de la Sierra (Ávila), *Actas Arqueologica Hispanica*, V, Madrid.
- Calado, M., Rocha, L., Santos, I., Pimenta, A. (2008). Rock art in context: late Bronze age motifs in Monsaraz (Alentejo, Portugal), *III Taller Internacional de Arte Rupestre*, Cuba, pp.119-134.
- Campmajo, P. (2008), *Ces pierres que nous parlent. Les gravures rupestres de Cerdagne (Pyrénées orientales), de la fin de l'âge du Fer à l'époque contemporaine*, Toulouse.
- Cardoso, D. (2015). *A Arte Atlântica do Monte de S. Romão (Guimarães) no Contexto da Arte Rupestre Pós-paleolítica da Bacia do Ave – Noroeste Português*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Cardoso, D., Bettencourt, A., Oliveira, N. (2018). Suásticas gravadas no Norte de Portugal, Reflexões sobre a arte rupestre da Idade do Ferro, *Férvedes*, 8, Lugo, pp. 145-153.
- Celestino Pérez, S. (2017). *La Protohistoria en la península Ibérica*, Historia de España II.
- Cerdeño, M. L., Gamo, E., Chordá, M. (2012). Grafitos sobre cerámica y marcas sobre piedra en el oppidum celtíbero-romano de los Rodiles (Guadalajara), *Palaeospanica*, 12, pp. 143-155.

- Chloé, B. (2014). *Les femmes en Champagne pendant l'âge du Fer (dernier tiers VIe- IIIe siècle av. J.-C.) et la notion de genre en archéologie funéraire*. Sciences de l'Homme et Société. Dissertação de doutoramento. École Pratique des Hautes Études, Paris, França.
- Coimbra, F. e Garcês, S. (2013). Arte rupestre incisa entre o Tejo e o Zêzere, contributo para o seu inventário, tipologia e datação, *1º Congresso de Arqueologia do Alto Ribatejo ARKEOS*, 34, Tomar, pp. 245-256.
- Coixão, A. (2008). Proto-história e romanização do Baixo Côa: novos contributos para a sua caracterização, In Lima, A., Baptista, A., Coixão, A., Luís, L. (coord.), *Proto-história e Romanização, guerreiros e colonizadores*, Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Alta, 03, Porto, pp. 29-55.
- Collado Giraldo, H. (2006). *Arte rupestre en la cuenca del Guadiana: el conjunto de grabados del Molino Manzániz (Alconchel-Cheles)*, Memórias d'Ódiana, Estudos Arqueológicos do Alqueva.
- Collado Giraldo, H. e García Arranz, J. (2007). Últimas intervenciones en la cueva del Castillo de Monfragüe (Cáceres): actuaciones de educación para la visita y revisión de sus manifestaciones rupestres, *Cuadernos de Arte Rupeste*, 4, pp. 313-351.
- Cosme, S. (2008). Proto-história e Romanização entre o Côa e o Águeda, In Lima, A., Baptista, A., Coixão, A., Luís, L. (Coord.), *Proto-história e Romanização, guerreiros e colonizadores*, Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Alta, 03, Porto, pp. 72-80.
- Costa, J., Aguiar, C., Capelo, J., Lousã, M., Neto, C. (1999). Biogeografia de Portugal continental, *Quercetea*, 0, pp. 5-55.
- Cristo Roperio, A. (2019). Dos ejemplos de Arte Mueble del Oppidum de Sierra Boyera (Belmez, Córdoba), In García Atienzar e G., Barciela González, V. (coord.), *Sociedades prehistóricas y manifestaciones artísticas, Imágenes, nuevas propuestas e interpretaciones, Petracos*, 2, pp. 193-197.
- Cruz, G. (2018). Ainda sobre a “domus” da encosta da Citânia, *Digital Reflexo*. Consultado em Agosto 15, 2020, em <https://reflexodigital.com/ainda-domus-da-encosta-da-citania/>.
- Cunha, T. (2009). *Carta Geológica de Portugal*, escala 1:25 000, Folha nº 11-D, 1ª Edição, Instituto Geográfico do Exército.
- Errico, F. d' e Vanhaeren, M. (1999). Les méthodes d'analyse de l'art mobilier paléolithique, Quelques exemples issus de la région cantabrique, *Antropologie et Préhistoire*, 110, pp. 31-45.
- Detry, C. (2014). *Estudo Zooarqueológico do Castelinho, Relatório Final*, Plano de Salvaguarda do Património, AHBS Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor, AHBS/RPSP.795.00.

- Dinis, A. e Bettencourt, A. (2009). A arte atlântica do Crastoeiro (Norte de Portugal): contextos e significados, *Gallaecia*, 28, pp. 41-47.
- Domínguez García, A. e Aldecoa Quintana, M. (2007). Arte rupestre en la Zepa de la Serena: Puebla de Alcocer, Esparragosa de Lares y Campanario, In Collado Giraldo, H., García Arranz, J. J. (Coord.), *Corpus de arte rupestre en Extremadura*, Vol. II, Mérida.
- Figueiredo, S. (2007). As gravuras rupestres da Fraga da Pegada: notícia preliminar, Santa Combinha - Macedo de Cavaleiros, *Cadernos Terras Quentes*, 4, pp. 51-64.
- Figueiredo, S. (2008). As gravuras rupestres do concelho de Macedo de Cavaleiros, *Do Paleolítico à Contemporaneidade, Estudos sobre a História da ocupação em Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, Actas das Sessões do Fórum Valorização e Promoção do Património Regional, Vol. 3, Vila Nova de Foz Côa, pp. 43-61.
- Figueiredo, S. (2013). *A arte esquemática do Nordeste Transmontano: contextos e linguagens*, Vol. I. Dissertação doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Figueiredo, S. (2015). *Relatório final de carácter monográfico, Levantamento de Arte Rupestre*, Plano de Salvaguarda do Património, AHBS Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor, AHBS/RPSP.957.00.
- Figueiredo, S., Botica, N., Bueno Ramirez, P., Tsoupra, A., Mirão, J. (2020). Analysis of portable rock art from Foz do Medal (Northwest Iberia): Magdalenian images of horses and aurochs, *Comptes Rendus Palevol*. 19(4), pp.63-77.
- Figueiredo, S., Figueiredo, M. (2008). Novos contributos para o estudo da arte rupestre na bacia do Baixo Paiva, *Pré-história, gestos intemporais, III Congresso de Arqueologia, Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, 01, Foz Côa, pp. 151-167.
- Figueiredo, S., Neves, D., Maciel, J. L. (2015). *Relatório Levantamento de Arte Rupestre*, EP 189 – Quinta dos Crestelos (Povoado Romanizado), EP1652 – Povoado da Quinta dos Crestelos, EP1659 Plataforma da Quinta de Crestelos EP1664; EP2375; EP2376; EP2377; EP2383, Plano de Salvaguarda do Património, AHBS Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor, AHBS/RPSP.951.00.
- Figueiredo, S., Neves, D., Rodrigo, R. (2014). *Relatório Levantamento de Arte Rupestre*, EP 149 – Sítio Fortificado do Castelinho, EP2374 – Rocha 1 do Castelinho, Plano de Salvaguarda do Património, AHBS Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor, AHBS/RPSP.919.00.

- Figueiredo, S. e Santos, A. (2013a). *EP 148 Cemitério dos Mouros: Relatório Levantamento de Arte Rupestre*, Plano de Salvaguarda do Património, AHBS Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor, AHBS/RPSP.913.00.
- Figueiredo, S. e Santos, A. (2013b) *EP 148 Laranjal: Relatório Levantamento de Arte Rupestre*, Plano de Salvaguarda do Património, AHBS Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor, AHBS/RPSP.835.00.
- Figueiredo, S., Xavier, P., Dário, N., Dias, R., Coelho, S. (2012). As teorias da arte no estudo da arte rupestre: limites e possibilidades, In Sanches, M. J. (coord.), *1ª Mesa Redonda, Arte rupestre da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo, Trabalhos de Arqueologia*, 54, Direção Geral do Património Cultural, Lisboa, pp. 81-93.
- Filloy Nieva, I. (1994). Temas iconográficos en las estelas funerarias de la IIª Edad del Hierro en Álava: representaciones astrales, animales y humanas, *Antropología-Etnografía*, 10, pp.343-358.
- Fontes, L., Osório, B., Alves, M., Guerreiro, M. (2017). *Atlas da arqueologia do Parque Arqueológico do Vale Superior do Rio Terva*, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Boticas.
- Fraga, A., Garibo Bodí, J., Paniagua Vara, H., Pereira, S. (2013). El Baixo Sabor y el valle de Vilariça entre los siglos V y XIII. Territorio y espacios funerarios, *Actas das III jornadas de jóvenes investigadores en el valle del Duero, Zamora*, pp. 413-438.
- Freitas, A. (2003). *Carta Arqueológica do Concelho de Valpaços*, Câmara Municipal de Valpaços, Valpaços, 2º Edição.
- García Couto, M. (2011). *Atlas Climático Ibérico, Temperatura do ar e precipitação (1971-2000)*, Agencia Estatal de Meteorologia e Instituto de Meteorologia de Portugal.
- García Quintella, M. e Santos Estévez, M. (2010). Sobre los petroglifos podomorfos y sus interpretaciones, *Zephyrus*, LXVI, pp. 227-235.
- Gaspar, R., Meireles, J., Tereso, J., Detry, C. (2015). *Relatório Final de Carácter Monográfico relativo ao Estudo da Pré-história*, Plano de Salvaguarda do Património, AHBS Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor, AHBS/RPSP.973.00.
- Gomes, M. (1990-91). O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-história do Sul de Portugal: *smiting gods* ou deuses ameaçadores, *Revista ICALP*, Vol. 22 e 23, pp. 125-177.
- Gomes, M. (2002). Arte rupestre em Portugal - perspectiva sobre o último século, *Arqueologia e História*, Vol. 54, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 139-194.
- Gomes, M. (2004-2005). A hierogamia do Penedo do Matrimónio (Montalegre, Vila Real), *Arqueologia e História*, 56/57, pp. 51-63.

- Gomes, M. (2010). *Arte Rupestre do vale do Tejo, Um ciclo artístico-cultural Pré e Proto-Histórico*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Gomes, M. e Ramos, J. (2018). Recursos Mineiros de Trás-os-Montes e Alto Douro, In Balsa, C. e Teixeira, J. S. (eds.) *Recursos Geológicos de Trás-os-Montes: Passado, Presente e Perspetivas de Futuro*, Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, pp. 17-56.
- Gómez-Barrera, J. (1992). *Grabados rupestres postpaleolíticos del Alto Duero*, Soria.
- González Ruibal, R. (2006). Galaicos, poder y comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C.-50 d.C), *Brigantium*, 18, Museo Arqueológico e Histórico, A Coruña.
- González-Tablas Sastre, J. (1980). Las pinturas rupestres de Peña Mingubela (Avila), *Zephyrus*, XXX-XXXI, Salamanca, pp. 43-62.
- Henriques, F., Caninas, J., Joaquineto, A., Pereira, L. (2019). Os podomorfos de Serrasqueira (Castelo Branco) e de Pedreira (Proença-a-Nova), Notícia, *Materiaes*, III Série, 4, Castelo Branco, pp. 81-98.
- Hipólito, P., Ripol Perelló, E. (2017). *Arte rupestre Pospaleolítica, El conjunto de Domingo García (Segovia)*, Ebook.
- Jacinto, M. (2006). Arte rupestre da Serra do Açor/ Serra da Estrela, *ERA Arqueologia*, 7, Era Arqueologia /Colibri, Lisboa, pp. 72-85.
- Jalhay, E. (1947). Uma notável gravura da Citânia de Sanfins, *Brotéria*, 44, Lisboa, pp. 554-563.
- Janeiro, E. (2014). *Agropecuária no concelho de Mogadouro em meados do século XX: técnicas e práticas tradicionais*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Jorge, V. (1983). Gravuras portuguesas, *Zephyrus*, XXXVI, pp. 55-61.
- Jorge, V. (1986). Arte rupestre em Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 26, fasc. 1-4, Porto, pp. 27-50.
- Kamiruaga Lariz, J. (1987). Dos nuevas estelas en Navarra, *Cuadernos de etnologia y etnografía de Navarra*, ano 19, 49, pp. 167-170.
- Larrazabal Galarza, J. (2016). Fragmento cerámico con decoración estampillada e incisa procedente del Alto da Fonte do Milho (Peso da Régua, Portugal), *Boletín Ex Officina Hispana*, 7, Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania, pp. 44-45.
- Lemos, F. (1993). *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*, Vol. I e II. Dissertação de doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

- Lemos, F. e Cruz, G. (2008). Muralhas e Guerreiros na Proto-História do Norte de Portugal, *Proto-História e Romanização: Guerreiros e Colonizadores*, III Congresso de Arqueologia: Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, 03, pp. 8-28.
- Lima, A. (2008-2009). O outeiro rupestre da Botelhinha – Pegarinhos (Alijó): registo e análise do conjunto de rochas gravadas, *Portvgalia*, XXIX-XXX, Porto, pp. 85-138.
- Lorblanchet, M. (1993). – Figuratif – Non Figuratif – Abstrait, In *L'Art Pariétal Paléolithique: Techniques et methods d'étude*, Edition de Comité des Travaux Historique et Scientifiques, pp. 211-217.
- Lorblanchet, M. (2009). *As origens da arte, Cadernos do Côa*, 4, Museu do Côa, IGESPAR.
- Lorrio, A. (1994). La evolución de la panoplia celtibérica, *Madrider Mitteilungen*, 35, pp. 212-257.
- Lorrio, A. (2008). El armamento vettón, In Álvarez-Sanchís, J. R. (coord.), *Arqueología Vettona, La Meseta Occidental en la Edad del Hierro, Zona Arqueológica*, 12, Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid, Madrid, pp. 252-274.
- Lorrio, A. e Olivares Pedreño, J. (2004). Imagen y simbolismo del toro en la Hispania Céltica, *Revista de Estudios Taurinos*, 18, pp. 81-141.
- Luis, L. (2010). A construção do espaço numa sociedade Proto-histórica, A arte rupestre do Vale do Côa, *Espaço e Paisagens, Antiguidade clássica e heranças contemporâneas*, História, Arqueologia e Arte, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Vol. 3, pp. 53-67.
- Luis, L. (2016). As gravuras da Idade do Ferro no vale do Côa, *Vaccea*, 9, Valladolid, pp. 60-70.
- Maluquer de Motes, J. Celestino, S., Gracia, F., Munilla, G. (1986). *El santuario Protohistorico de Zalema de la Serena*, Badajoz, Barcelona.
- Marco Simón, F. e Royo Guillén, J. (2012). Iconografía entre la primera edad del Hierro y la romanización: nuevos documentos y nuevas lecturas, In Belarte Franco, M. C., Benavente Serrano, J. A., Fatás Fernández, L., Diloli Fons, J., Moret, P., Noguera Guillén, J. (coords.), *Iberos del Ebro*, Actas do II Congreso Internacional, Tarragona, pp. 305-320.
- Martínez Bea, M. (2004). Un arte no tan levantino. Perduración ritual de los abrigos pintados: el ejemplo de la Vacada (Castellote, Teruel), *Trabajos de Prehistoria*, 61, nº 2, pp. 111-125.
- Martín Valls, R. (1983). Las insculturas del castro salamantino de Yecla de Yeltes y sus relaciones con os petroglifos gallegos, *Zephyrus*, XXXVI, pp. 217- 231.
- Martín Valls, R. e Romero Carnicero, F. (2008). Las insculturas del castro de Yecla de Yeltes, Nuevas perspectivas para su estudio, *Arqueología Vettona, La Meseta Occidental en la Edad del Hierro*, 12, pp. 232-251.

- Martins, A. (2006). Gravuras rupestres do Noroeste peninsular: a Chã da Rapada, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 1, 1, pp. 47-70.
- Mata Parreño, C. (2014). *Fauna Ibérica, De lo real a lo imaginario (II)*, Serie de Trabajos Varios, 117, Servicio de Investigación de Prehistoria de Valencia, Valencia.
- Meijide Cameselle, G. (2009a). *Memoria do proxecto de intervención Arqueolóxica no Castro de Formigueiros para campo de traballo da consellería de traballo e benestar*, Lugo.
- Meijide Cameselle, G. (2009b). Novas perspectivas sobre a cultura castrexa na provincia de Lugo, As achegas do castro de Formigueiros (Samos), pp. 121-136.
- Meijide Cameselle, G., Vilaseco Vázquez, X., Blaszczyk, J. (2009). Lousas decoradas con círculos, cabalos e peixes procedentes do castro de Formigueiros (Samos, Lugo), *Gallaecia*, 28, pp. 113-130.
- Moreira, J. (2018). *Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste de Portugal, entre os Rios Douro e Minho*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Moreira, M. e Neto, C. (2005). A vegetação, In Ferreira, A. (coord.) e Medeiros, C.(dir.), *Geografia de Portugal: o ambiente físico*, vol. 1, Círculo de Leitores, Rio de Mouro, pp. 417-481.
- Neto, J. (1975). *O leste do território bracarense*, Torres Vedras.
- Neves, D., Dias, R., Coelho, S., Xavier, P., Morais, R., Carvalho, L., Figueiredo, S. (2012). A rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (Cardanha, Torre de Moncorvo): contribuições para o estudo do imaginário guerreiro e cinegético da Idade do Ferro, In Cascalheira, J., Gonçalves, C. (Eds.), *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*, JIA 2011, Vol. I, Universidade do Algarve, pp. 169-175.
- Neves, D. e Figueiredo, S. (2015). Quinhentas placas gravadas da Idade do Ferro do sítio fortificado do Castelinho (Nordeste de Portugal): temas figurados e padrões de distribuição, *ARKEOS*, 37, pp. 1589-1605.
- Nunes, A. (2008a). Evolução recente dos recursos hídricos superficiais em 4 cursos de água tributários do rio Douro, *Territorium*, 15, Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança, pp. 29-38.
- Nunes, A. (2008b). Recursos hídricos na bacia do Rio Sabor: evolução recente e relações com mudanças sócio-ambientais, *6º Congresso Ibérico Sobre Gestão e Planificação da Água*, Vitória-Gasteiz, 10 p. (em CDRom)
- Oliveira, J. (2014). A arte megalítica no Norte do Alentejo, Portugal, *Memorias*, XII Conferencia Internacional de Antropologia, Instituto Cubano de Antropologia, pp. 1-19.

- Oosterbeek, L. (2002). Le culte de l'eau dans le Alto Ribatejo, Portugal, Territórios, In Cruz, A. e Oosterbeek, L. (coord.), *Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo III-Arte Pré-histórica e o seu contexto*, ARKEOS, 12, pp. 227-255.
- Ortiz de Landaluze, A. (2007-2008). El rito de las cabezas cortadas en el poblado de la Hoya (Languardía, Álava), *Veleia*, 24-25, pp. 1273-1281.
- PARM (1992). *Inventário arqueológico de Torre de Moncorvo*, Torre de Moncorvo.
- Pereira, E., Rodrigues, J., Ribeiro, A., Dias, R., Rebelo, J., Silva, A. (2014). *Notícia Explicativa da Folha 11-D, Carviçais*, Laboratório Nacional de Energia e Geologia, Lisboa.
- Pereira, G. e Barbosa, R. (2009). Vinha das Calças, O lento despertar, Revista *National Geographic*, Setembro de 2009.
- Pereira, S., Feio, J., Santos, F., Pinto, J., Rocha, F., Pinheiro, E. (2012). Ara votiva a Tutela, Cilhades (Felgar, Torre de Moncorvo), *Ficheiro Epigráfico*, Suplemento de Conimbriga, 99, Inscrições 446-447, Universidade de Coimbra.
- Pereira, S., Sastre Blanco, J., Gaspar, R., Espí, E., Pereira, J., Mateos, R., Larrazabal Galarza, J. (2015). O Povoado da Quinta de Crestelos (Meirinhos, Mogadouro, Portugal): fortificação e controlo de um território, *Glyphos*, Fortificaciones en la Edad del Hierro: control de los recursos y el territorio, Zamora, pp. 277-289.
- Pereira, S., Silva, B., Larrazabal Galarza, J., Garibo, J., Nisa, J., Pereira, J. A., Mateos, R., Cosme, S. (2013). A romanização do vale do Sabor: de Meirinhos a Remondes (Mogadouro), *I Encontro de Arqueologia*, Município de Mogadouro, Mogadouro, pp. 95-143.
- Pérez Ferrandis, S. (2013). La panoplia de los vasos del Tossal de Sant Miquel (Llíria). Ensayo de interpretación iconográfica, *Gladius*, XXXIII, pp. 7-38.
- Pina, F. e Reis, M. (2014). Vale de Junco (Sebadelhe, Vila Nova de Foz Côa), uma nova rocha com gravuras da Idade do Ferro no Douro Superior, *Al-Madan Online*, IIª Série, 18 (tomo 2), pp. 89-99.
- Pinta Rodríguez, J. e Rio-Miranda Alcón, J. (1981). *El poblado layetano de Puig Castellar, Sta Coloma de Gramenet (Barcelona)*, Museu Municipal Puig Castellar, Barcelona.
- Pinto, R. (1929). Petroglifos de Sabroso e arte rupestre em Portugal, *Nós*, ano XI, 62, pp. 19-26.
- Prieto, S. e López, V. M. (2002). Fíbulas argénteas con escena figurada de la Península Ibérica, *Complutum*, 11, pp- 41-62.
- Prósper, B. e Redentor, A. (2007). Denso, uma divindade lusitana revisitada, *Conimbriga*, XLVI, Coimbra, pp. 251-265.

- Quesada Sanz, F. (1997). *El armamento ibérico: estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la cultura Ibérica (siglos VI-I a. C.)*, *Monographies instrumentum* 3, Vol. 1 e 2, Editions Monique Mergoïl Montagnac.
- Quesada Sanz, F. (2010). *Armas de la antigua Iberia, de tartessos a Numancia*, La Esfera de los Libros, Madrid.
- Reis, M. (2014). "Mil Rochas e tal..!": inventário dos sítios de arte rupestre do vale do Côa (Conclusão), *Portvgalia*, Nova serie, Vol. 35, Porto, pp. 17-59.
- Reis, M. e Vázquez Marcos, C. (2015). Arte rupestre en la frontera hispano-portuguesa: cuenca del río Águeda, *Arpi*, *Arqueología y Prehistoria del interior peninsular*, 03 Extra, pp. 32-43.
- Reis, M. e Vázquez Marcos, C. (2019). Arroyo de las Almas (La Fregeneda, Salamanca): un nuevo conjunto con arte rupestre en la cuenca del Duero, *Complutum*, 30 (2), pp. 223-245.
- Riera Vargas, R. (2013). Estela ibéricas con lanzas y tropas auxiliares en el Nordeste Peninsular, *Gladius* XXXIII, pp. 39-56.
- Ripoll López, S. e Municio González, L. (1999). Domingo García, Arte rupestre Paleolítico al aire libre en la Meseta Castellana, *Memoria*, *Arqueología en Castilla y León*, 8, Junta de Castilla y León. Uned, Salamanca.
- Risquez Cuenca, C. (2015). La arqueología ibérica y los estudios de género en Andalucía: avances y desafíos, *Menga*, 06, pp. 61-91.
- Romero Carnicero, F. (1976). *Las cerámicas policromas de Numancia*, Centro de Estudios Sorianos, Soria.
- Romero Carnicero, F. (2010). Las representaciones zoomorfas en perspectiva cenital, Un estado de la cuestión, In Romero Carnicero, F., Sanz Minguez, C. (eds.), *De la Región Vaccea a la Arqueología Vaccea*, *Monografías* 4, Valladolid, pp. 467-545.
- Royo Guillén, J. (1999). Las manifestaciones ibéricas del arte rupestre en Aragón y su contexto arqueológico: una propuesta metodológica, *Bolskan*, 16, pp. 193-230.
- Royo Guillén, J. (2004). *Arte rupestre de época ibérica, Grabados con representaciones ecuestres*, *Série de Prehistória i Arqueologia*, Castelló.
- Royo Guillén, J. (2005). Las representaciones de caballos y de élites ecuestres en el arte rupestre de la Edad del Hierro de la Península Ibérica, *Cuadernos de Arte Rupestre*, 2, pp. 157-200.
- Royo Guillén, J. (2009). El arte rupestre de la Edad del Hierro en la Península Ibérica y su problemática: aproximación a sus tipos, contexto cronológico y significación, *Salduie*, 9, Zaragoza, pp. 37-60.

- Royo Guillén, J. (2010). Arte rupestre de la Edad del Hierro en la Península Ibérica: tipos, cronología y contexto, *FUMDHAMentos IX*, 10, Congresso IFRAO 2009, Fundação Museu do Homem Americano.
- Royo Guillén, J. (2015). Arte rupestre protohistórico en la cuenca media del Ebro: un símbolo gráfico de las élites emergentes de la Edad del Hierro, *Quadernos de Prehistòria*, I Arqueologia de Castelló, vol. 33, pp. 97-128.
- Royo Guillén, J. e Campos Gómez, J. C. (2015). Un nuevo conjunto de grabados al aire libre de cronología proto-histórica e histórica en el entorno del “Castro Colorado” (Cuevas, Astorga, León), *Quaderns de Prehistòria I Arqueologia de Castelló*, vol. 33, pp. 129-153.
- Royo Guillén, J., Gómez, L., Benavente Serrano, J. (2006). La estela grabada de la Edad del Hierro de Torre Cremada, In Moret, P., Antonio, J., Serrano, B., Gorgues, A. (coords.), *Àl-Qannis, Boletín del Taller de Arqueologia de Alcañiz*, 11, Iberos del Mattarraña: Investigaciones arqueológicas en Valdeltormo, Calaceite, Cretas y La Fresneda (Teruel) Alcañiz, pp. 88-105.
- Sampaio, H. e Bettencourt, A. (2017). Novos sítios de arte rupestre na bacia do rio Cávado, Noroeste de Portugal, *Techne*, 3(1), pp. 75-87.
- Sánchez Nicolás, D. e Mateos Leal, C. (2014). Guerreros o bandoleiros? Las formas de combate de los pueblos de la meseta occidental a partir del armamento de los yacimientos abulenses (ss.V-I A.C.), In Honrado Castro, J., Brezmes Escribano, M. A., Tejeiro Pizarro, A., Rodríguez Monterrubio, Ó. (coords.), *Investigaciones Arqueológicas en el valle del Duero: del Neolítico a la Antigüedad Tardía*, Actas de las II Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero, pp. 241-265.
- Santos, A. (2014). *A Laje da Churra (Paçô, Carreço, Viana do Castelo), Estudo monográfico de um lugar gravado*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Santos, F. (2015). Arquitecturas da II Idade do Ferro, A evolução do sistema defensivo do Sítio Fortificado do Castelinho (Cilhades, Felgar, Portugal), *Glyphos*, Fortificaciones en la Edad del Hierro: Control de los recursos y el territorio, Zamora, pp. 242-276.
- Santos, F., Ladra, L. (2011). A cabeça Antropomorfa do Castelinho: um novo elemento da plástica antiga em Trás-os-Montes, *Actas do III Congresso Internacional sobre Cultura Celta, Os celtas da Europa Atlantica*, pp. 513-536.
- Santos, F., Pinheiro, E., Rocha, F. (2014). *Estudo etno-arqueológico de Cilhades, Relatório Final do Sítio Fortificado do Castelinho - EP.149*, A intervenção arqueológica, Vol. 1, Plano de Salvaguarda do Património, AHBS Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor, AHBS/RPSP.898.00.

- Santos, F., Pinheiro, E., Rocha, F., Sastre, J. (2016). O sítio e a laje 1 do Castelinho (Cilhades, Felgar, Torre de Moncorvo), Contributos para o conhecimento da II Idade do Ferro em Trás-os-Montes Oriental, *Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história*, Actas da II Mesa Redonda, Viseu, pp. 203-217.
- Santos, F., Sastre, J., Figueiredo, S., Rocha, F., Pinheiro, E., Dias, R. (2012). El sitio fortificado del Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal). Estudio preliminar de su diacronía y las plaquetas de piedra con grabados de la Edad del Hierro, *Complutum*, 23(1), pp.165–179.
- Santos Estévez, M. (2005). Sobre la cronología del Arte Rupestre Atlántico en Galicia, *ArqueoWeb - Revista sobre Arqueología en Internet* - ISSN: 1139-9201.
- Santos Estévez, M. (2007). *Petroglifos y Paisaje Social en la Prehistoria Reciente del Noroeste de la Península Ibérica*, Trabajos de Arqueología e Patrimonio- TAPA, 38.
- Santos Estévez, M. (2010). Arte postpaleolítico en el valle del Eresma, *II Congreso Velez, Arte rupestre esquemática en la Península Ibérica*, Almería, pp. 263-269.
- Santos Estévez, M. (2015). Ciervos y caballos en el arte rupestre Atlántico: una interpretación etnoarqueológica, *ARLKEOS*, XIX International Rock Art Conference, IFRAO 2015, 37, pp. 2613-2629.
- Santos-Estévez, M. e Bettencourt, A. (2017). O conjunto de gravuras rupestres de Santo Adrião (Caminha, Portugal), Embarcações, armas, cavalos e ex-votos, *Atas do Congresso dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa, pp. 1055-1070.
- Santos Estévez, M., Seoane Veiga, Y. (2010). Rock art and archaeological excavation in campo Lameiro, Galicia, A new chronological proposal for the atlantic rock art, In Fredell, Å., Kristiansen K., Criado Boado, F. (eds.), *Representations and Communications: creating an archaeological matrix of late prehistoric rock art*, Oxbow Books, Oxford, pp. 16-30.
- Santos Júnior, J. (1940). Arte rupestre, *Congresso do Mundo Português*, vol. I, pp. 327-376, XVIII ets, Comissão executiva dos Centenários, Lisboa.
- Santos Júnior, J. (1963). As gravuras litotripticas de Redevides (Vilariça), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XIX, Porto, pp. 111-144.
- Sastre Blanco, J. (2015). *Estudo da Idade do Ferro do Baixo Sabor*, Plano de Salvaguarda do Património, AHBS, Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor.
- Sevilhano San José, M. (1991). *Grabados rupestres en la comarca de Las Hurdes (Cáceres)*, Salamanca.
- Silva, A. (2007). *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, 2ª edição, Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

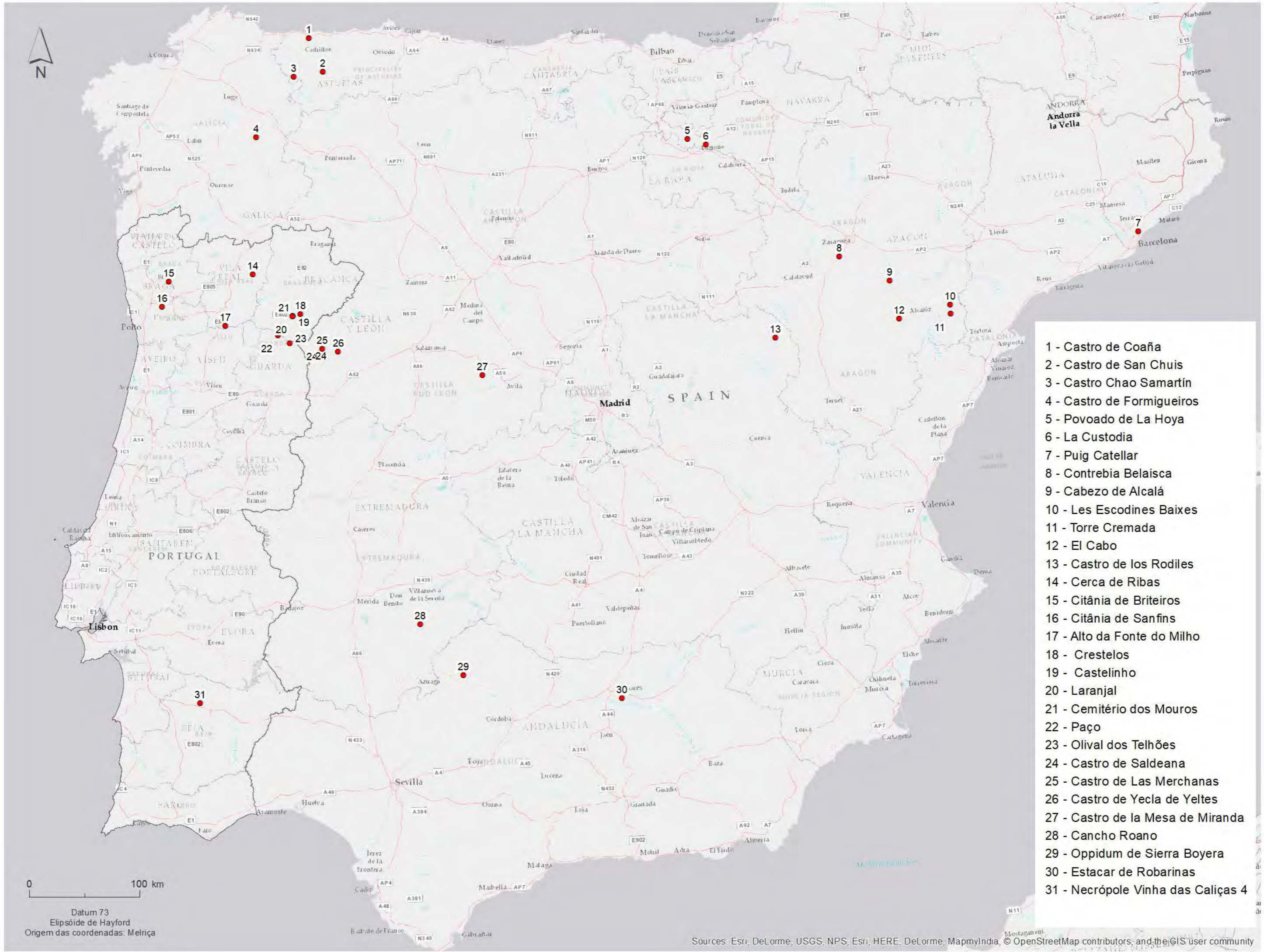
- Silva, A. e Figueiredo, S. (2018). The `op-down` representation of plate 130 of Castelinho (Trás-os-Montes, Portugal: from creation to condemnation in the transition of the period, In Fontes, L., Cruz, G., Alves, M. (coords.), *Cultural Interactions and Changing Landscapes in Europe (2nd century BC/2nd century AD)*, Braga, pp. 148-150.
- Silva, A., Xavier, P., Figueiredo, S. (2016). As gravuras rupestres de Crestelos (Trás-os-Montes, Portugal) e a sua longa diacronia desde a Idade do Ferro ao período Contemporâneo, In Macenlle, R. C., Martínez, A. V. (eds.), *Estudos de Arqueoloxía, Prehistoria e Historia Antiga: achegas dos novos investigadores*, Santiago de Compostela, pp. 63-81.
- Simonena, C. e Tabar Sarrías, M. (1995). Estelas funerárias en Navarra, Su evolución el el tiempo, *Cuadernos de etnología y etnografía de Navarra*, ano 27, 65, pp. 77-106
- Tereso, J., Vaz, F., Jesus, A., Pereira, S., Espí, I., Sastre-Blanco, J. (2018a). Os *horrea* na Quinta de Crestelos (Mogadouro) na Idade do Ferro e Romanização: dados arqueobotânicos sobre armazenagem e construção, *Cadernos do GEEvH*, 7 (2), pp. 95-137.
- Tereso, J., Vaz, F., Pereira, S., Mateos, R., Pereira, J. (2018b). Recursos vegetais num sítio rural: dados arqueobotânicos no sítio romano da foz da ribeira do Poio (Mogadouro, Nordeste de Portugal), In Roque, A. C., de Melo, C. J., Amorim, I., de Freitas, J. G., Torrão, M. M. (Coords.) *Alterações ambientais em perspectiva histórica*, Edição CITCEM, Porto, pp. 149-179.
- Tereso, J., Vaz, F., Seabra, L., Cosme, S., Pereira, S. S. (2018c). Os níveis medievais do sítio da Quinta de Crestelos (Mogadouro): agricultura e paisagem, *Arqueologia Medieval*, 14, pp. 75-91.
- Tirador Garcia, V. (2011). Caballo y poder: las elites ecuestres en la Hispania indoeuropea, *El Futuro del Pasado*, 2, pp. 79-95.
- Torres-Martínez, J. (2014). Arqueología de la Edad del Hierro y variaciones climático-ambientales en el Norte de la Península Ibérica, *Kobie Serie Paleoantropología*, 33, Bilbao, pp. 31-58.
- Tristão, L. (2012). *Armas e ritos na II Idade do Ferro do Ocidente Peninsular*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Valera, A. (2013). *As comunidades Agropastoris na margem esquerda do Guadiana, 2ª Metade do IV aos inícios do II milénio AC*, Memórias d`Ódiana, 2ª Série.
- Vaz, F., Tereso, J., Pereira, J., Pereira, S. (2016). O potencial interpretativo de contextos secundários e terciários: o caso do estudo arqueobotânico de Chã (Alfândega da Fé), *Cadernos do GEEvH*, 5 (1), pp. 7-28.
- Villa Valdés, Á. (2007). *Museu Castro Castro Chao Samartín, Catálogo*, Gobierno del principado de Asturias.

Bibliografía

- Villa Valdés, Á. (2010-12). Grabados zoomorfos sobre pizarra y otros epígrafes inéditos en castros asturianos, *Sautuola*, Instituto de Prehistoria y Arqueología, Santander, pp. 97-112.
- Xavier, P., Cristo Ropero, A., Maciel, J., Figueiredo, S. (2014). Do ver ao comprender as gravuras “fusiformes” do Vale do Sabor, In Honrado Castro, J., Brezmes Escribano, M., Tejeiro Pizarro, A., Rodríguez Monterrubio, Ó. (coords.), *Investigaciones Arqueológicas en el valle del Duero: del Neolítico a la Antigüedad Tardía*, Actas de las II Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero, pp. 87-107.

APÊNDICES

APÊNDICE I
MAPA DA DISTRIBUIÇÃO DA ARTE MÓVEL DA
IDADE DO FERRO NA PENÍNSULA IBÉRICA



- 1 - Castro de Coaña
- 2 - Castro de San Chuis
- 3 - Castro Chao Samartín
- 4 - Castro de Formigueiros
- 5 - Povoado de La Hoya
- 6 - La Custodia
- 7 - Puig Catellar
- 8 - Contrebia Belaisca
- 9 - Cabezo de Alcalá
- 10 - Les Escodines Baixes
- 11 - Torre Cremada
- 12 - El Cabo
- 13 - Castro de los Rodiles
- 14 - Cerca de Ribas
- 15 - Citânia de Briteiros
- 16 - Citânia de Sanfins
- 17 - Alto da Fonte do Milho
- 18 - Crestelos
- 19 - Castelinho
- 20 - Laranjal
- 21 - Cemitério dos Mouros
- 22 - Paço
- 23 - Olival dos Telhões
- 24 - Castro de Saldeana
- 25 - Castro de Las Merchanas
- 26 - Castro de Yecla de Yeltes
- 27 - Castro de la Mesa de Miranda
- 28 - Cancho Roano
- 29 - Oppidum de Sierra Boyera
- 30 - Estacar de Robarinas
- 31 - Necrópole Vinha das Calças 4

0 100 km

Datum 73
Elipsóide de Hayford
Origem das coordenadas: Melriça

APÊNDICE II
CATÁLOGO DA ARTE MÓVEL COM
REPRESENTAÇÕES ANTROPOMÓRFICAS DO
SÍTIO FORTIFICADO DO CASTELHINHO



Suporte

Nº Inventário: 149/001/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97419.00

Coordenada Y: 175413.60

Cota: 209.79

Conservação : Razoável

Comprimento: 56 cm

Largura: 30 cm

Espessura: 4 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Polimento Natural

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

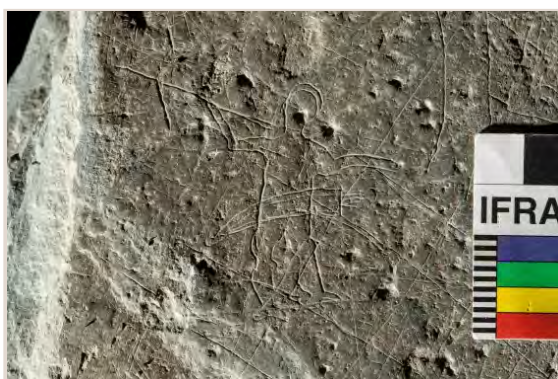
Forma: Alongada

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/001/A/01

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/1/A/16)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto inferior esquerdo
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 13 cm **Altura:** 10 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/001/A/02

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/1/A/16)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto superior esquerdo
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Com Arma
Largura: 6 cm **Altura:** 5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Alongada

Corpo **Representação:** Linhas paralelas fechadas

Membros Superiores

Posição: Fletidos **Representação:** Linhas paralelas abertas **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Sim

Nº Inventário: 149/001/A/03

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/1/A/5)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Cavaleiro
Largura: 15 cm **Altura:** 12 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Alongada

Corpo **Representação:** Linhas paralelas fechadas

Membros Superiores

Posição: Fletidos **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Nº Inventário: 149/001/A/04

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/1/A/16)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Direito centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Suíno
Largura: 6,5 cm **Altura:** 6 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/001/A/05

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/1/A/7)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Outros **Sub Tipo:** Outro
Largura: 18,5 cm **Altura:** 2 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Motivos

Nº Inventário: 149/001/A/06

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justo (149/1/A/8)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto inferior direito
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Com Arma
Largura: 5 cm **Altura:** 4 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Alongada
Corpo **Representação:** Linhas paralelas fechadas
Membros Superiores
Posição: Fletidos **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Não
Membros Inferiores
Posição: Rectos **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Sim

Nº Inventário: 149/001/A/07

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/1/A/5)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto superior direito
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Cavaleiro
Largura: 12 cm **Altura:** 12 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Alongada **Elementos representados:** Capacete
Corpo **Representação:** Linhas paralelas fechadas
Membros Superiores
Posição: Fletidos **Representação:** Linhas paralelas abertas **Representação dos dedos:** Não
Membros Inferiores

Nº Inventário: 149/001/A/08

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/1/A/12)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Direito centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Com Arma
Largura: 6,5 cm **Altura:** 4 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Alongada
Corpo **Representação:** Linhas paralelas abertas
Membros Superiores
Posição: Fletidos **Representação:** Linhas paralelas abertas **Representação dos dedos:** Não
Membros Inferiores

Nº Inventário: 149/001/A/09

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/1/A/16)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Direito centro
Grupo: Abstrato **Tipo:** Formas Angulares **Sub Tipo:** ZigZag
Largura: 4 cm **Altura:** 4 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/001/A/10

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/1/A/15)
Unidade figurativa: Conjunto gráfico **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Abstrato **Tipo:** Outros **Sub Tipo:** Outros
Largura: 4 cm **Altura:** 2 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Motivos

Nº Inventário: 149/001/A/11

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/1/A/7)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Abstrato **Tipo:** Outros **Sub Tipo:** Outros
Largura: 4 cm **Altura:** 1 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/001/A/12

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Localização no painel:** Centro
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Sub Tipo:** Horizontal
Grupo: Figurativo **Tipo:** Escadiformes **Profundidade:** 0,1 mm
Largura: 8 cm **Altura:** 7 cm

Nº Inventário: 149/001/A/13

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/1/A/12)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Canto inferior direito
Grupo: Geométrico **Tipo:** Organização Linear **Sub Tipo:** Linhas Paralelas Diagonais
Largura: 4 cm **Altura:** 42 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/001/A/14

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/1/A/16)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto superior esquerdo
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Canídeo
Largura: 4,5 cm **Altura:** 4 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/001/A/15

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/1/A/7)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Centro
Grupo: Geométrico **Tipo:** Organização Linear **Sub Tipo:** Linhas Paralelas Diagonais
Largura: 41 cm **Altura:** 21 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/001/A/16

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/1/A/5)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Geométrico **Tipo:** Reticulado **Sub Tipo:** Aberto
Largura: 43 cm **Altura:** 22 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/001/A/17

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Razoável **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/1/A/3)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Abstrato **Tipo:** Formas Lineares **Sub Tipo:** Conjunto sem Ordem
Largura: 45 cm **Altura:** 23,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/001/A/18

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Picotagem **Técnica (observações):** Sobre (149/1/A/16)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Centro
Grupo: Indeterminado **Tipo:** Indeterminado **Sub Tipo:** Picotado Disperso
Largura: 26 cm **Altura:** 17 cm **Profundidade:** 0,3 mm



Arte Rupestre

Suporte

Nº Inventário: 149/012/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 0.00

Coordenada Y: 0.00

Cota: 0.00

Conservação : Bom

Comprimento: 67 cm

Largura: 38 cm

Espessura: 4,5 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Polimento Natural

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

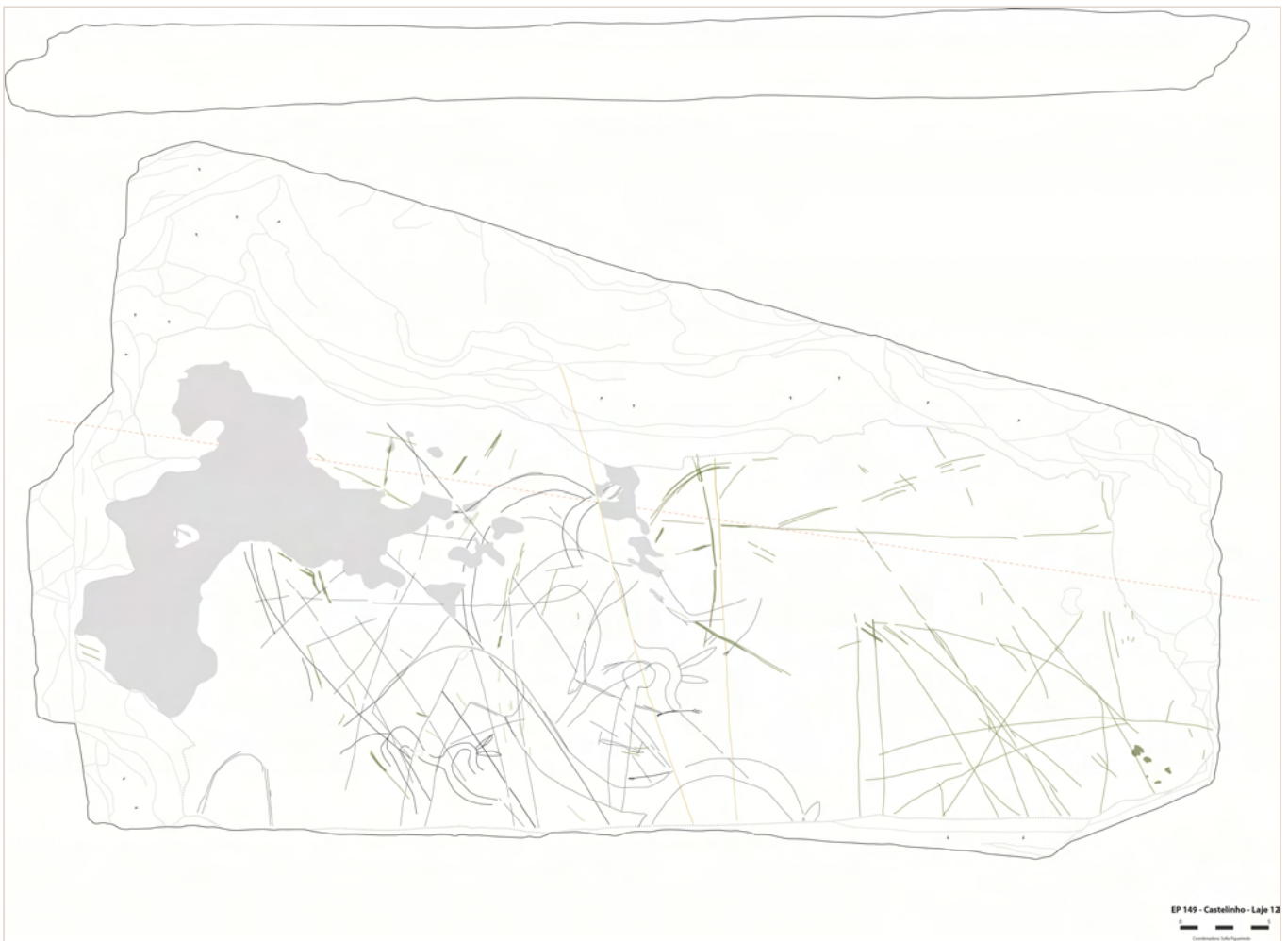
Forma: Retangular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/012/A/01

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/012/A/02)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Inferior centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 7 cm **Altura:** 5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/012/A/02

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/012/A/01)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Inferior centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Cavaleiro
Largura: 26 cm **Altura:** 10 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Retangular **Elementos representados:** Penacho

Corpo **Representação:** Linhas paralelas fechadas

Membros Superiores

Posição: Fletidos **Representação:** Linhas paralelas abertas **Representação dos dedos:** Sim

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Não

Nº Inventário: 149/012/A/03

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/012/A/02)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 14 cm **Altura:** 10 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/012/A/04

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/012/A/03)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto superior esquerdo
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 13 cm **Altura:** 12 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/012/A/05

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justo (149/012/A/02)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Canto inferior esquerdo
Grupo: Geométrico **Tipo:** Organização Linear **Sub Tipo:** Outro
Largura: 20,5 cm **Altura:** 14,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/012/A/06

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/012/A/02)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Centro
Grupo: Abstrato **Tipo:** Formas Lineares **Sub Tipo:** Conjunto sem Ordem
Largura: 48 cm **Altura:** 22,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm



Suporte

Nº Inventário: 149/025/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97407.45

Coordenada Y: 175443.58

Cota: 211.98

Conservação : Razoável

Comprimento: 34 cm

Largura: 12 cm

Espessura: 3,5 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

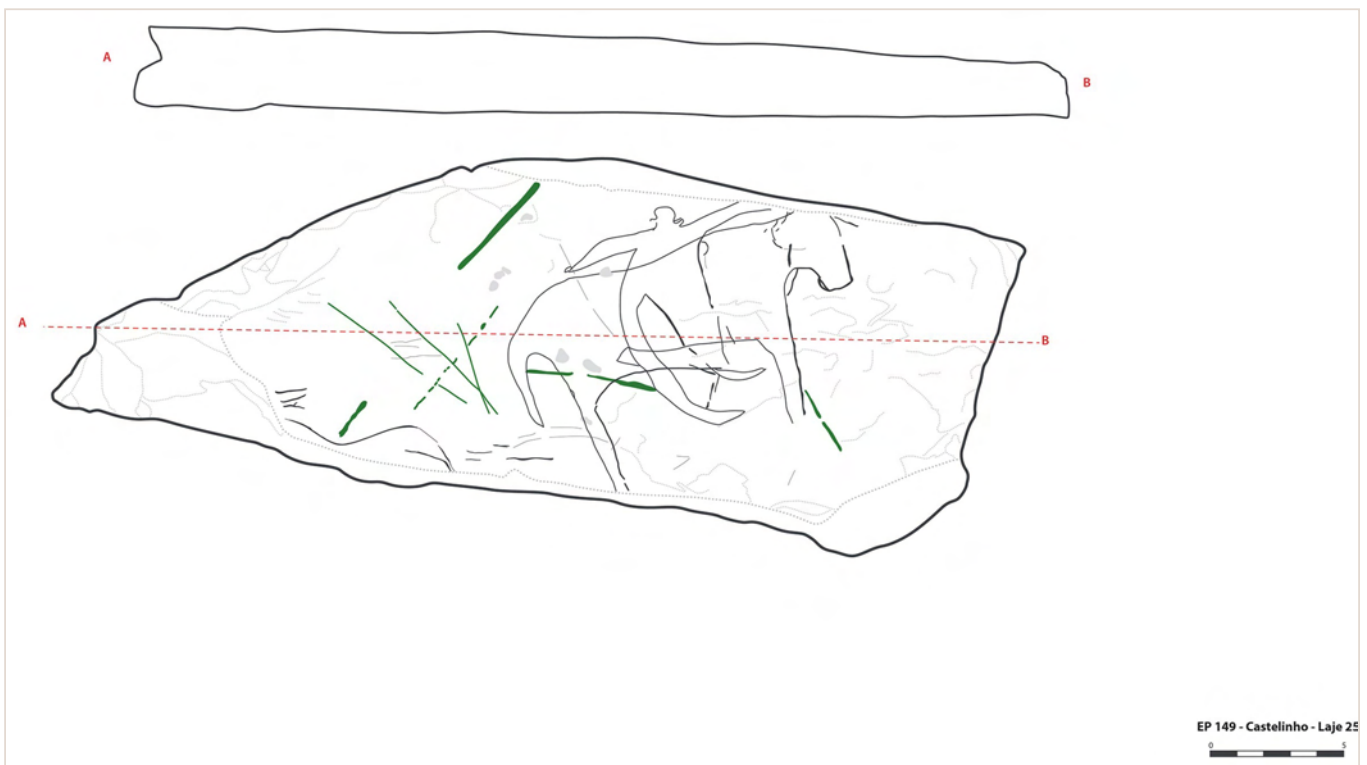
Forma: Irregular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/025/A/01

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Direito centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Outro
Largura: 11 cm **Altura:** 13 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Irregular **Elementos representados:** Véu/Cabelo
Corpo **Representação:** Linhas paralelas fechadas
Membros Superiores
Posição: Horizontais **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Não
Membros Inferiores
Posição: Rectos **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Sim

Nº Inventário: 149/025/A/02

Cronologia: Proto-História **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Geométrico **Tipo:** Organização Linear **Sub Tipo:** Outro
Largura: 4 cm **Altura:** 6,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/025/A/03

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Mau **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto inferior esquerdo
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Quadrúpede
Largura: 2,5 cm **Altura:** 7 cm **Profundidade:** 0,1 mm



Suporte

Nº Inventário: 149/036/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97391.97

Coordenada Y: 175460.42

Cota: 207.57

Conservação : Razoável

Comprimento: 35 cm

Largura: 11 cm

Espessura: 2 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

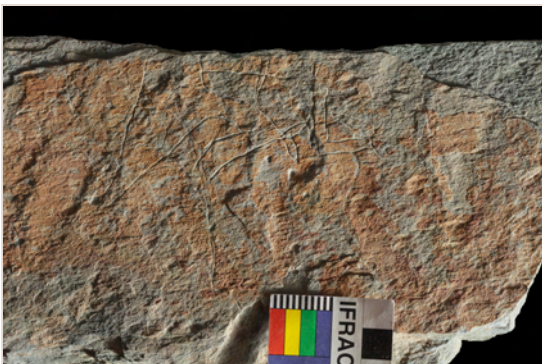
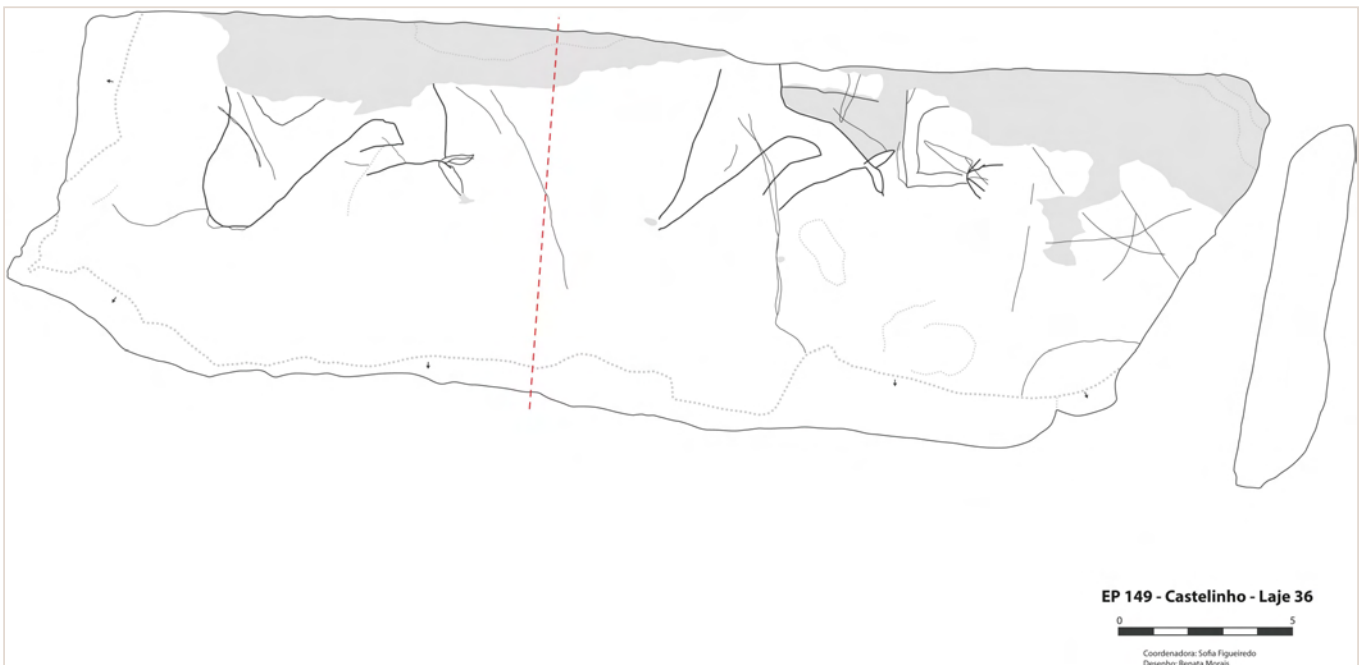
Forma: Retangular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/036/A/01

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/036/A/02)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Esquerdo centro
Grupo: Abstrato	Tipo: Formas Lineares	Sub Tipo: Linhas Dispersas
Largura: 7 cm	Altura: 8 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/036/A/02

Cronologia: Proto-História	Conservação: Razoável	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/036/A/01)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Esquerdo centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Cavaleiro
Largura: 8 cm	Altura: 9,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Retangular

Corpo

Membros Superiores

Representação: Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Nº Inventário: 149/036/A/03

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/036/A/01)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto inferior esquerdo
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 5,5 cm	Altura: 10,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/036/A/04

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Esquerdo centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Outro



Arte Rupestre

Suporte

Nº Inventário: 149/085/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97412.79

Coordenada Y: 175457.43

Cota: 207.49

Conservação : Bom

Comprimento: 104 cm

Largura: 23 cm

Espessura: 4 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Polimento Natural

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

Forma: Alongada

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/085/A/01

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/085/A/5)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Inferior centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Cavaleiro
Largura: 8 cm	Altura: 7,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Alongada
Corpo **Representação:** Linhas paralelas abertas

Membros Superiores

Posição: Horizontais **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Sim

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Sim

Nº Inventário: 149/085/A/02

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/085/A/12)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto inferior esquerdo
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 5,5 cm	Altura: 3,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/085/A/03

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/085/A/04)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto inferior esquerdo
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 5 cm	Altura: 3 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/085/A/04

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/085/A/03)
Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto inferior esquerdo	
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 6 cm	Altura: 3,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/085/A/05

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/085/A/01)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Inferior centro
Grupo: Geométrico	Tipo: Circular	Sub Tipo: Complexo
Largura: 6 cm	Altura: 6 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/085/A/06

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Picotagem	Técnica (observações): Sobre (149/085/A/05)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Inferior centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 12,5 cm	Altura: 10,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/085/A/07

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/085/A/12)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto inferior esquerdo
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 7,5 cm	Altura: 5,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/085/A/08

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Abrasão **Técnica (observações):** Sobre (149/085/A/12)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Canto inferior direito
Grupo: Abstrato **Tipo:** Formas Lineares
Largura: 5 cm **Altura:** 1 cm **Profundidade:** 0,3 mm

Nº Inventário: 149/085/A/09

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/085/A/10)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto inferior direito
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 5,5 cm **Altura:** 2,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/085/A/10

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/085/A/09)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto inferior direito
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Cervídeo
Largura: 7 cm **Altura:** 8,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/085/A/11

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/085/A/12)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Canto inferior esquerdo
Grupo: Geométrico **Tipo:** Organização Linear **Sub Tipo:** Linhas Paralelas Horizontais
Largura: 5 cm **Altura:** 3,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/085/A/12

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/085/A/06)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Inferior centro
Grupo: Geométrico **Tipo:** Organização Linear **Sub Tipo:** Outro
Largura: 30 cm **Altura:** 16 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/085/A/13

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Razoável **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/085/A/05)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Inferior centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo

Nº Inventário: 149/085/A/14

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Razoável **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Picotagem **Técnica (observações):** Infra (149/085/A/12)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Inferior centro
Grupo: Indeterminado **Tipo:** Indeterminado **Sub Tipo:** Picotado Disperso



Suporte

Nº Inventário: 149/092/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97405.56

Coordenada Y: 175460.14

Cota: 207.92

Conservação : Bom

Comprimento: 30 cm

Largura: 21 cm

Espessura: 4,5 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

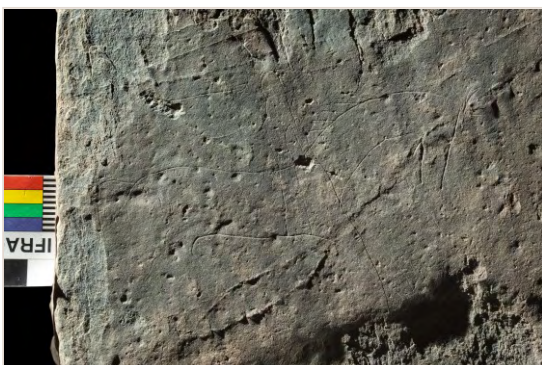
Forma: Irregular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/092/A/01

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justo (149/092/A/02)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Cavaleiro
Largura: 9 cm	Altura: 14,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça	Forma: Irregular
Corpo	Representação: Linhas paralelas abertas

Membros Superiores

Posição: Oblíquos	Representação: Linhas paralelas abertas	Representação dos dedos: Não
--------------------------	--	-------------------------------------

Membros Inferiores

Posição: Rectos	Representação: Uma linha	Representação dos dedos: Não
------------------------	---------------------------------	-------------------------------------

Nº Inventário: 149/092/A/02

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justo (149/092/A/01)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Direito centro
Grupo: Geométrico	Tipo: Organização Linear	Sub Tipo: Outro
Largura: 1,6 cm	Altura: 8,5 cm	Profundidade: 0,1 mm



Suporte

Nº Inventário: 149/108/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97406.33

Coordenada Y: 175459.73

Cota: 207.70

Conservação : Bom

Comprimento: 36 cm

Largura: 32 cm

Espessura: 3,5 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

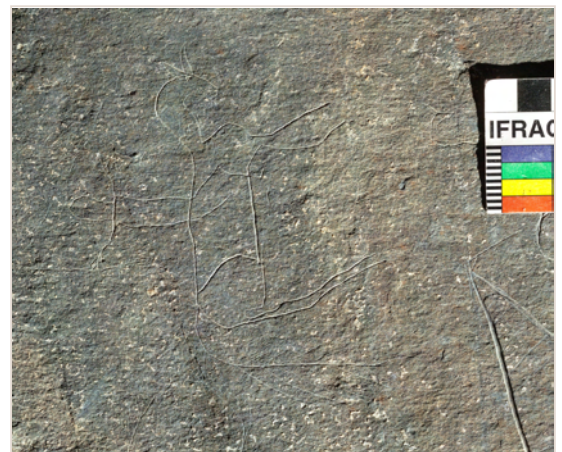
Forma: Irregular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/108/A/01

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Superior centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Cavaleiro
Largura: 4 cm **Altura:** 4,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Irregular **Elementos representados:** Bico de pássaro
Corpo **Representação:** Linhas paralelas abertas
Membros Superiores
Posição: Horizontais **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Não
Membros Inferiores
Posição: Fletidos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Sim

Nº Inventário: 149/108/A/02

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/108/A/03)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Cavaleiro
Largura: 11 cm **Altura:** 11,5 cm **Profundidade:** 0,2 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Irregular
Corpo **Representação:** Linhas paralelas abertas
Membros Superiores
Posição: Horizontais **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Sim
Membros Inferiores
Posição: Fletidos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Sim

Nº Inventário: 149/108/A/03

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/108/A/02)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Cervídeo
Largura: 9,5 cm **Altura:** 10 cm **Profundidade:** 0,2 mm

Nº Inventário: 149/108/A/04

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/108/A/2)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Inferior centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Cavaleiro
Largura: 7,5 cm **Altura:** 13,5 cm **Profundidade:** 0,3 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Irregular **Elementos representados:** Bico de pássaro
Corpo **Representação:** Linhas paralelas abertas
Membros Superiores
Posição: Horizontais **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Não
Membros Inferiores
Posição: Fletidos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Sim

Nº Inventário: 149/108/A/05

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Abrasão **Técnica (observações):** Justa (149/108/A/1)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Inferior centro
Grupo: Geométrico **Tipo:** Triangular **Sub Tipo:** Triangular
Largura: 5,5 cm **Altura:** 10 cm **Profundidade:** 0,3 mm



Arte Rupestre

Suporte

Nº Inventário: 149/131/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97415.61

Coordenada Y: 175449.37

Cota: 207.79

Conservação : Razoável

Comprimento: 15 cm

Largura: 13 cm

Espessura: 2,5 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Polimento Natural

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

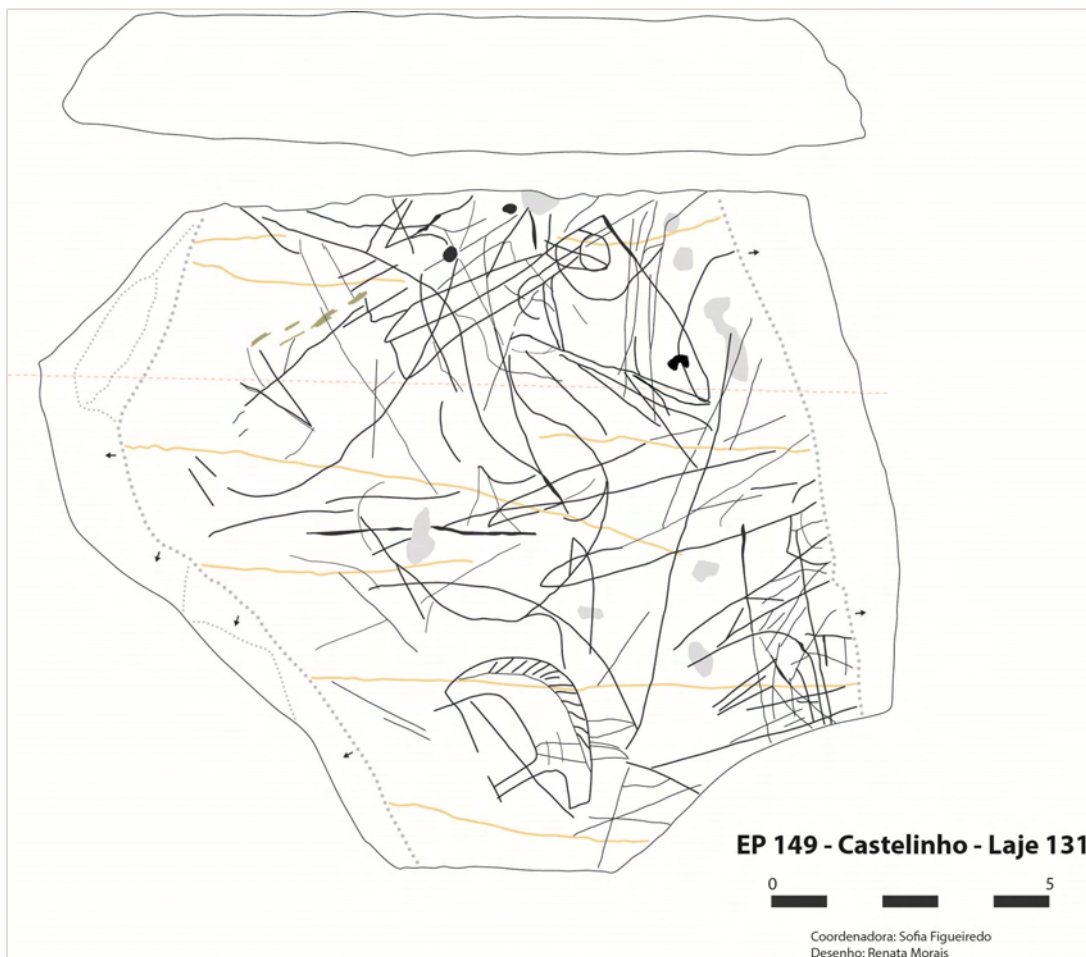
Forma: Irregular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/131/A/01

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/131/A/5)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Com Arma
Largura: 6 cm **Altura:** 3,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Irregular **Elementos representados:** Véu/Cabelo
Corpo **Representação:** Linhas paralelas fechadas
Membros Superiores
Posição: Oblíquos **Representação:** Linhas paralelas abertas **Representação dos dedos:** Não
Membros Inferiores

Nº Inventário: 149/131/A/02

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/131/A/5)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Direito centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Suíno
Largura: 3,5 cm **Altura:** 3 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/131/A/03

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/131/A/2)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Canto superior direito
Grupo: Geométrico **Tipo:** Organização Linear **Sub Tipo:** Outro
Largura: 4 cm **Altura:** 3 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/131/A/04

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Picotagem **Técnica (observações):** Sobre (149/131/A/5)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Sub Tipo:** Picotado Disperso
Grupo: Indeterminado **Tipo:** Indeterminado **Profundidade:** 0,1 mm
Largura: 1,5 cm **Altura:** 0,5 cm

Nº Inventário: 149/131/A/05

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/131/A/1)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Centro
Grupo: Abstrato **Tipo:** Formas Lineares **Sub Tipo:** Conjunto sem Ordem
Largura: 12,5 cm **Altura:** 11 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/131/A/06

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Superior centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Incompleto
Largura: 1,9 cm **Altura:** 4,8 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Irregular
Corpo
Membros Superiores
Membros Inferiores
Posição: Rectos **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Não



Suporte

Nº Inventário: 149/150/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 0.00

Coordenada Y: 0.00

Cota: 0.00

Conservação : Bom

Comprimento: 48 cm

Largura: 7 cm

Espessura: 3,5 cm

Morfologia da superfície: NULL

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

Forma: Alongada

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/150/A/01

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/150/A/02)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Superior centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Incompleto
Largura: 2 cm	Altura: 2 cm	Profundidade: 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Alongada

Corpo

Membros Superiores

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação dos dedos:** Não

Nº Inventário: 149/150/A/02

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/150/A/01)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Superior centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Outro
Largura: 3,6 cm	Altura: 3,2 cm	Profundidade: 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Alongada

Corpo **Representação:** Linhas paralelas fechadas

Membros Superiores

Posição: Oblíquos **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Posição: Fletidos **Representação dos dedos:** Não

Nº Inventário: 149/150/A/03

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justo (149/150/A/02)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Centro
Grupo: Abstrato	Tipo: Formas Lineares	Sub Tipo: Conjunto sem Ordem
Largura: 33,5 cm	Altura: 5,5 cm	Profundidade: 0,1 mm



Suporte

Nº Inventário: 149/158/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 0.00

Coordenada Y: 0.00

Cota: 0.00

Conservação : Razoável

Comprimento: 14 cm

Largura: 11 cm

Espessura: 1 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

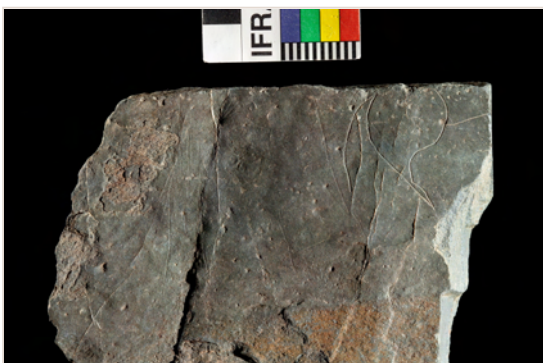
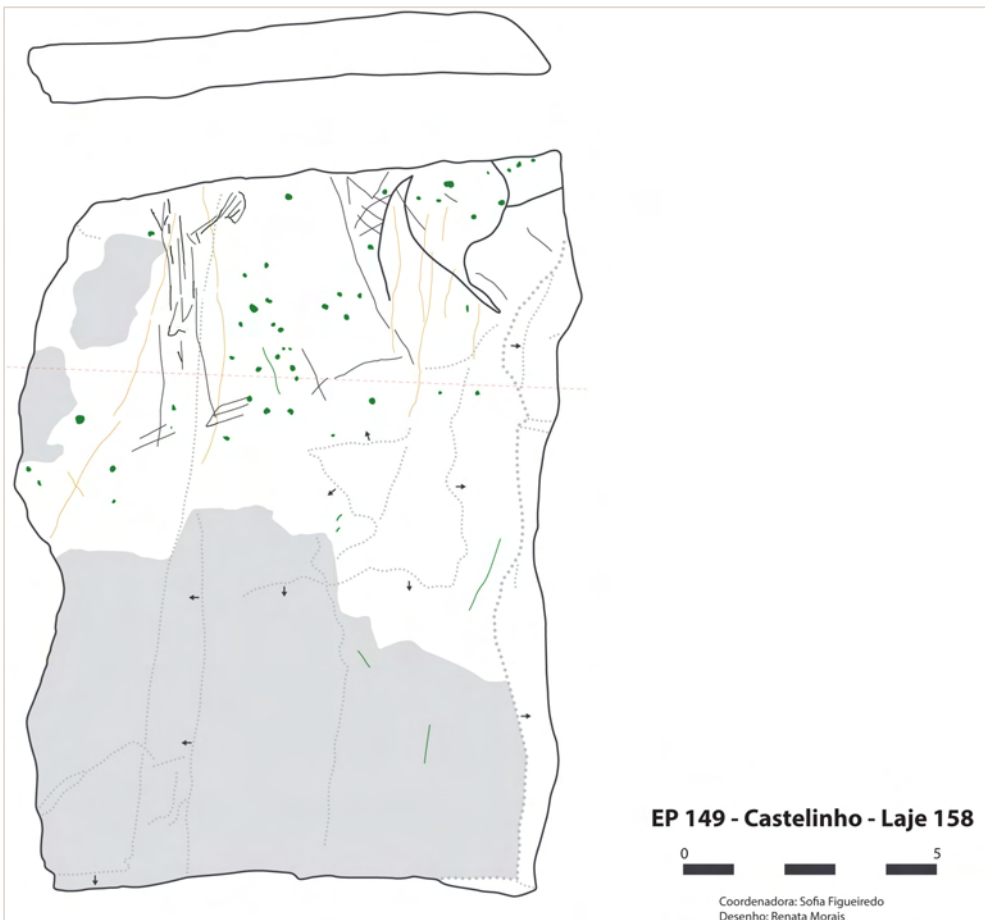
Forma: Retangular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/158/A/01

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/158/A/02)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Direito centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 4 cm	Altura: 3 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/158/A/02

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justo (149/158/A/03)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto superior esquerdo
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Sem Arma
Largura: 5 cm	Altura: 2,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Retangular

Corpo **Representação:** Linhas paralelas abertas

Membros Superiores

Posição: Oblíquos **Representação:** Linhas paralelas abertas **Representação dos dedos:** Sim

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Sim

Nº Inventário: 149/158/A/03

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/158/A/01)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Superior centro
Grupo: Abstrato	Tipo: Formas Lineares	Sub Tipo: Conjunto sem Ordem
Largura: 4,5 cm	Altura: 3,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/158/A/04

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Picotagem	
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Centro
Grupo: Geométrico	Tipo: Circular	Sub Tipo: Pontos



Suporte

Nº Inventário: 149/174/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 0.00

Coordenada Y: 0.00

Cota: 0.00

Conservação : Razoável

Comprimento: 25 cm

Largura: 13 cm

Espessura: 2 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

Forma: Irregular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/174/A/01

Cronologia: Proto-História

Técnica: Gravura

Figura Completa: Não

Grupo: Figurativo

Largura: 5,5 cm

Conservação: Bom

Técnica Variante: Incisão Simples

Unidade figurativa: Unidade gráfica

Tipo: Zoomorfos

Altura: 4 cm

Patine: Elevada

Técnica (observações): Infra (149/174/A/2)

Localização no painel: Canto superior esquerdo

Sub Tipo: Equídeo

Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/174/A/02

Cronologia: Proto-História

Técnica: Gravura

Figura Completa: Não

Grupo: Figurativo

Largura: 3,5 cm

Conservação: Bom

Técnica Variante: Incisão Simples

Unidade figurativa: Unidade gráfica

Tipo: Antropomorfos

Altura: 2 cm

Patine: Elevada

Técnica (observações): Sobre (149/174/A/1)

Localização no painel: Canto superior esquerdo

Sub Tipo: Incompleto

Profundidade: 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça

Forma: Irregular

Corpo

Membros Superiores

Membros Inferiores

Posição: Rectos

Representação: Linhas paralelas fechadas

Representação dos dedos: Sim

Nº Inventário: 149/174/A/03

Cronologia: Proto-História

Técnica: Gravura

Figura Completa: Não

Grupo: Abstrato

Largura: 16 cm

Conservação: Bom

Técnica Variante: Incisão Simples

Unidade figurativa: Conjunto gráfico

Tipo: Formas Lineares

Altura: 9 cm

Patine: Elevada

Técnica (observações): Justa (149/174/A/1)

Localização no painel: Superior centro

Sub Tipo: Linhas Dispersas

Profundidade: 0,1 mm



Suporte

Nº Inventário: 149/237/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 0.00

Coordenada Y: 0.00

Cota: 0.00

Conservação : Razoável

Comprimento: 29 cm

Largura: 19 cm

Espessura: 4 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

Forma: Irregular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/237/A/01

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/237/A/03)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Cavaleiro
Largura: 11 cm **Altura:** 10,5 cm **Profundidade:** 0,2 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Irregular **Elementos representados:** Penacho
Corpo **Representação:** Linhas paralelas abertas

Membros Superiores

Posição: Oblíquos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Não

Nº Inventário: 149/237/A/02

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justo (149/274/A/01)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Superior centro
Grupo: Abstrato **Tipo:** Outros **Sub Tipo:** Outros
Largura: 4 cm **Altura:** 2 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/237/A/03

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/237/A/1)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto superior esquerdo
Grupo: Abstrato **Tipo:** Outros **Sub Tipo:** Outros
Largura: 3,5 cm **Altura:** 3 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/237/A/04

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/237/A/7)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Abstrato **Tipo:** Formas Lineares **Sub Tipo:** Linhas Curvas
Largura: 3,5 cm **Altura:** 1,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/237/A/05

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Quadrúpede
Largura: 2,5 cm **Altura:** 2,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/237/A/06

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/237/A/1)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Centro
Grupo: Abstrato **Tipo:** Formas Lineares **Sub Tipo:** Conjunto sem Ordem
Largura: 5 cm **Altura:** 3 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/237/A/07

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/237/A/8)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Abstrato **Tipo:** Outros **Sub Tipo:** Outros
Largura: 2 cm **Altura:** 1,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/237/A/08

Cronologia: Proto-História

Conservação: Bom

Patine: Elevada

Técnica: Gravura

Técnica Variante: Incisão Simples

Técnica (observações): Justa
(149/237/A/5)

Unidade figurativa: Unidade gráfica

Localização no painel: Esquerdo centro

Grupo: Abstrato

Tipo: Outros

Sub Tipo: Outros

Largura: 2 cm

Altura: 2 cm

Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/237/A/09

Cronologia: Proto-História

Conservação: Bom

Patine: Elevada

Técnica: Gravura

Técnica Variante: Incisão Simples

Técnica (observações): Justo (149/237/A/08)

Figura Completa: Não

Unidade figurativa: Conjunto gráfico

Localização no painel: Esquerdo centro

Grupo: Geométrico

Tipo: Organização Linear

Sub Tipo: Outro

Largura: 5,5 cm

Altura: 2 cm

Profundidade: 0,1 mm



Suporte

Nº Inventário: 149/261/A+149/263/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97405.97

Coordenada Y: 175444.75

Cota: 213.74

Conservação : Razoável

Comprimento: 54 cm

Largura: 15 cm

Espessura: 6 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

Forma: Irregular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Sim

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/261+263/A/01

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/261+263/A/2)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Direito centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Cavaleiro
Largura: 12 cm	Altura: 5,5 cm	Profundidade: 0,2 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Irregular **Elementos representados:** Capacete

Corpo

Membros Superiores

Posição: Horizontais **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Nº Inventário: 149/261+263/A/02

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/261+263/A/1)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Direito centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Quadrúpede
Largura: 4,5 cm	Altura: 3,5 cm	Profundidade: 0,2 mm

Nº Inventário: 149/261+263/A/03

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/261+263/A/1)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Direito centro
Grupo: Abstrato	Tipo: Formas Lineares	Sub Tipo: Linhas Dispersas
Largura: 4,5 cm	Altura: 0,5 cm	Profundidade: 0,2 mm

Nº Inventário: 149/261+263/A/04

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/261+263/A/10)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Direito centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Quadrúpede
Largura: 4,5 cm	Altura: 2,5 cm	Profundidade: 0,2 mm

Nº Inventário: 149/261+263/A/05

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/261+263/A/03)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Direito centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Quadrúpede
Largura: 4 cm	Altura: 1,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/261+263/A/06

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/261+263/A/5)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Direito centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Quadrúpede
Largura: 3,5 cm	Altura: 2,5 cm	Profundidade: 0,2 mm

Nº Inventário: 149/261+263/A/08

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine:
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Filiforme	Técnica (observações): Infra (149/261+263/A/5)
Figura Completa:	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: DC
Grupo: Abstrato	Tipo: Formas Lineares	Sub Tipo: Isso
Largura: 4 cm	Altura: 0,5 cm	Profundidade: 0,2 mm



Suporte

Nº Inventário: 149/271/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97423.43

CoordenadaY: 175396.45

Cota: 207.92

Conservação : Razoável

Comprimento: 48 cm

Largura: 35 cm

Espessura: 2 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Polimento Natural

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

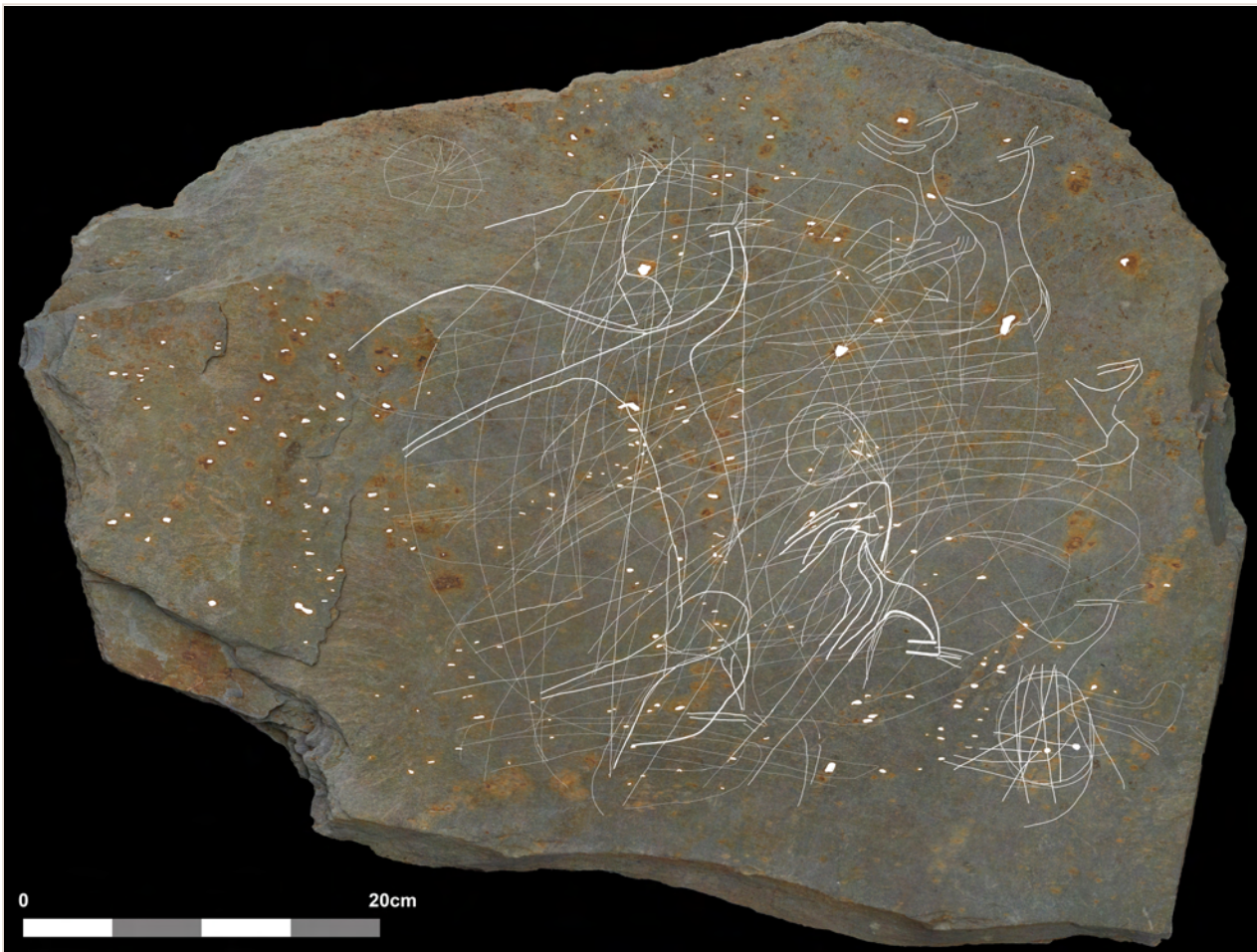
Forma: Retangular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/271/A/01

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/271/A/11)
Unidade figurativa: Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto superior esquerdo
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 8,5 cm **Altura:** 5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/271/A/02

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/271/A/1)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto superior esquerdo
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 8,5 cm **Altura:** 3 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/271/A/03

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/271/A/11)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Superior centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 4 cm **Altura:** 3 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/271/A/04

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/271/A/08)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto superior direito
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Cavaleiro
Largura: 10,5 cm **Altura:** 6,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Retangular

Corpo

Membros Superiores

Posição: Rectos **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Não

Nº Inventário: 149/271/A/05

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/271/A/08)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Bovídeo
Largura: 8 cm **Altura:** 7,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/271/A/06

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/271/A/10)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 22 cm **Altura:** 17,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/271/A/07

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justo (149/271/A/06)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 12 cm **Altura:** 5 cm **Profundidade:** 0,02 mm

Nº Inventário: 149/271/A/08

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/271/A/09)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto inferior esquerdo
Grupo: Geométrico	Tipo: Circular	Sub Tipo: Complexo
Largura: 30 cm	Altura: 21,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/271/A/09

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/271/A/08)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Centro
Grupo: Geométrico	Tipo: Reticulado	Sub Tipo: Aberto
Largura: 30 cm	Altura: 28,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/271/A/10

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Regular
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/271/A/06)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto inferior direito
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 10,5 cm	Altura: 6 cm	Profundidade: 0,01 mm

Nº Inventário: 149/271/A/11

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/271/A/01)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto superior esquerdo
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 6,7 cm	Altura: 7,5 cm	Profundidade: 0,01 mm

Nº Inventário: 149/271/A/12

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justo (149/271/A/06)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Esquerdo centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 7,5 cm	Altura: 8,5 cm	Profundidade: 0,01 mm

Nº Inventário: 149/271/A/13

Cronologia: Proto-História	Conservação: Razoável	Patine: Regular
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto superior esquerdo
Grupo: Geométrico	Tipo: Circular	Sub Tipo: Complexo
Profundidade: 0,01 mm		

Suporte

Nº Inventário: 149/320/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97383.31
Coordenada Y: 175431.34
Cota: 210.10

Conservação : Razoável

Comprimento: 81 cm

Largura: 41 cm

Espessura: 5 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

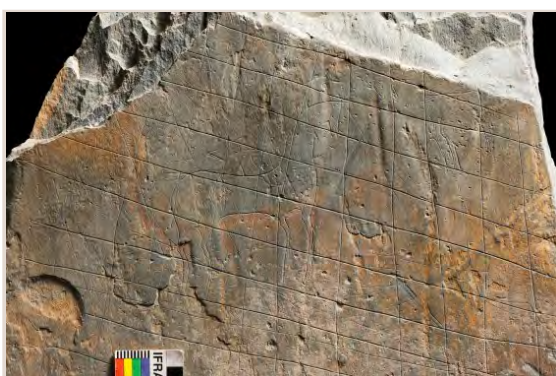
Forma: Retangular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/320/A/01

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/320/A/2)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Superior centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Cavaleiro
Largura: 14 cm **Altura:** 13,5 cm **Profundidade:** 0,2 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Retangular **Elementos representados:** Véu/Cabelo
Corpo **Representação:** Linhas paralelas fechadas

Membros Superiores

Posição: Fletidos **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Posição: Fletidos **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Sim

Nº Inventário: 149/320/A/02

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/320/A/1)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Superior centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Quadrúpede
Largura: 5 cm **Altura:** 4,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/320/A/03

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/320/A/4)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Superior centro
Grupo: Geométrico **Tipo:** Organização Linear **Sub Tipo:** Linhas Paralelas Verticais
Largura: 21 cm **Altura:** 23 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/320/A/04

Cronologia: Proto-História **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/320/A/1)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Centro
Grupo: Abstrato **Tipo:** Formas Lineares **Sub Tipo:** Conjunto sem Ordem
Largura: 59 cm **Altura:** 35 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/320/A/05

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/320/A/4)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Centro
Grupo: Geométrico **Tipo:** Reticulado **Sub Tipo:** Aberto
Largura: 39,5 cm **Altura:** 35,5 cm **Profundidade:** 0,2 mm



Arte Rupestre

Suporte

Nº Inventário: 149/325/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97443.65

Coordenada Y: 175382.78

Cota: 199.87

Conservação : Razoável

Comprimento: 32 cm

Largura: 15 cm

Espessura: 2 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

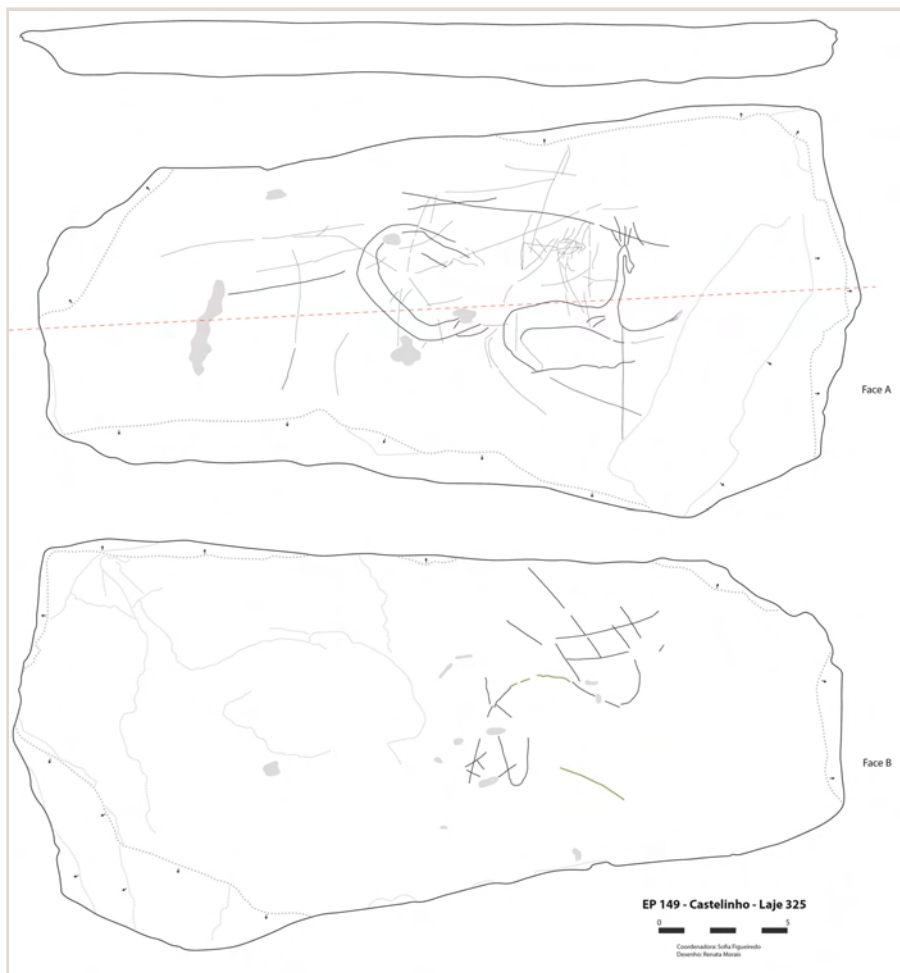
Forma: Retangular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 2

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/325/A/01

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/325/A/3)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Cavaleiro
Largura: 8 cm	Altura: 8 cm	Profundidade: 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça	Forma: Retangular	Elementos representados: Capacete
Corpo	Representação: Linhas paralelas abertas	

Membros Superiores

Posição: Horizontais	Representação: Uma linha	Representação dos dedos: Não
-----------------------------	---------------------------------	-------------------------------------

Membros Inferiores

Posição: Rectos	Representação: Uma linha	Representação dos dedos: Não
------------------------	---------------------------------	-------------------------------------

Nº Inventário: 149/325/A/02

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/325/A/3)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Centro
Grupo: Abstrato	Tipo: Formas Lineares	
Largura: 5 cm	Altura: 4,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/325/A/03

Cronologia: Proto-História	Conservação: Razoável	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/325/A/1)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Centro
Grupo: Abstrato	Tipo: Formas Lineares	Sub Tipo: Conjunto sem Ordem
Largura: 20 cm	Altura: 11,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/325/B/01

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/325/B/2)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Esquerdo centro
Grupo: Geométrico	Tipo: Organização Linear	Sub Tipo: Outro
Largura: 7 cm	Altura: 6 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/325/B/02

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/325/A/1)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Esquerdo centro
Grupo: Abstrato	Tipo: Formas Lineares	Sub Tipo: Conjunto sem Ordem
Largura: 8 cm	Altura: 8 cm	Profundidade: 0,1 mm



Suporte

Nº Inventário: 149/336/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97393.23

Coordenada Y: 175390.92

Cota: 207.98

Conservação : Razoável

Comprimento: 60 cm

Largura: 27 cm

Espessura: 2 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Polimento Natural

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

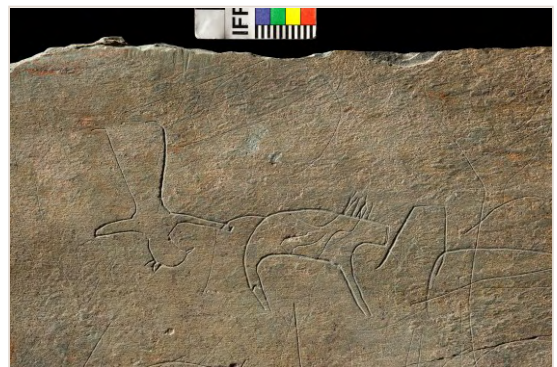
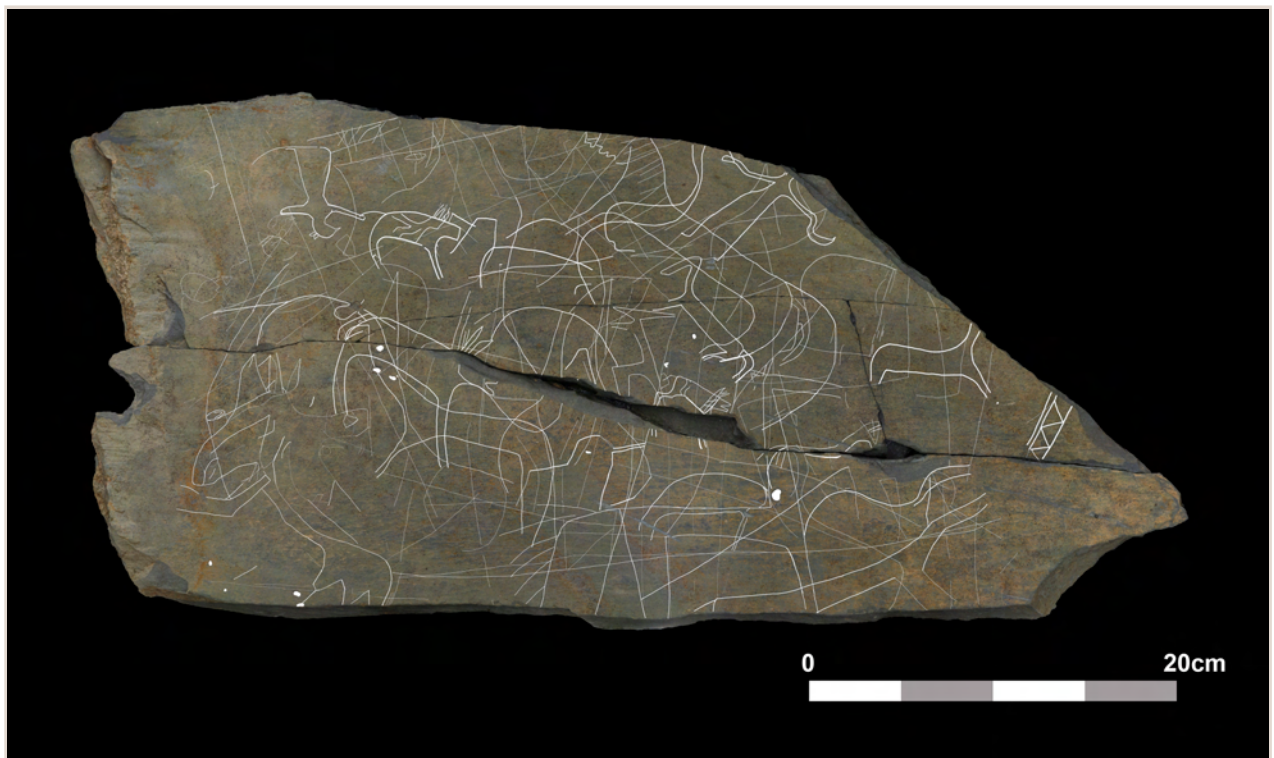
Forma: Retangular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/336/A/01

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/336/A/8)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto superior direito
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Cavaleiro
Largura: 17 cm	Altura: 11 cm	Profundidade: 0,2 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Retangular
Corpo **Representação:** Linhas paralelas abertas

Membros Superiores

Posição: Horizontais **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Sim

Nº Inventário: 149/336/A/02

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justa (149/336/A/3)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto superior esquerdo
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Sem Arma
Largura: 5 cm	Altura: 4,5 cm	Profundidade: 0,2 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Retangular **Elementos representados:** Bico de pássaro
Corpo **Representação:** Linhas paralelas abertas

Membros Superiores

Posição: Horizontais **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Sim

Nº Inventário: 149/336/A/03

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/336/A/4)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto superior esquerdo
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Suíno
Largura: 5,5 cm	Altura: 4,5 cm	Profundidade: 0,2 mm

Nº Inventário: 149/336/A/04

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/336/A/03)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto superior esquerdo
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Ave
Largura: 2,2 cm	Altura: 3,3 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/05

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/336/A/06)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Suíno
Largura: 9 cm	Altura: 8 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/06

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/336/A/05)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 12,5 cm	Altura: 8 cm	Profundidade: 0,1 mm

Motivos

Nº Inventário: 149/336/A/07

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/336/A/11)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Canídeo
Largura: 5 cm	Altura: 3 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/08

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/336/A/1)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto superior direito
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 7,5 cm	Altura: 3,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/09

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/336/A/10)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto inferior direito
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 17,5 cm	Altura: 15,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/10

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/336/A/9)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto inferior direito
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 6,5 cm	Altura: 3,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/11

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/336/A/07)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Suíno
Largura: 4 cm	Altura: 4 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/12

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Localização no painel: Canto inferior direito
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Sub Tipo: ZigZag
Grupo: Abstrato	Tipo: Formas Angulares	Profundidade: 0,2 mm
Largura: 4 cm	Altura: 1,5 cm	

Nº Inventário: 149/336/A/13

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/336/A/01)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Direito centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 6,5 cm	Altura: 5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/14

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/336/A/9)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto inferior direito
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 16 cm	Altura: 6,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/15

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justa (149/336/A/09)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto inferior direito
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 9 cm	Altura: 5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/16

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/336/A/06)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Ave
Largura: 6,5 cm **Altura:** 3,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/17

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/336/A/09)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto inferior direito
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 8 cm **Altura:** 5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/18

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justo (149/336/A/07)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Centro
Grupo: Abstrato **Tipo:** Outros **Sub Tipo:** Outros
Largura: 4 cm **Altura:** 5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/19

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/336/A/09)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Canto inferior direito
Grupo: Geométrico **Tipo:** Reticulado **Sub Tipo:** Aberto
Largura: 17,5 cm **Altura:** 9 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/20

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/336/A/2)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Canto superior esquerdo
Grupo: Geométrico **Tipo:** Triangular **Sub Tipo:** Outro
Largura: 8 cm **Altura:** 4 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/21

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/336/A/23)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Canto inferior esquerdo
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Outro
Largura: 10,5 cm **Altura:** 7 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/22

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/336/A/1)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Centro
Grupo: Abstrato **Tipo:** Formas Lineares **Sub Tipo:** Conjunto sem Ordem
Largura: 45 cm **Altura:** 24 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/336/A/23

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Picotagem **Técnica (observações):** Infra (149/336/A/5)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Centro
Grupo: Indeterminado **Tipo:** Indeterminado **Sub Tipo:** Picotado Disperso
Largura: 38,5 cm **Altura:** 23 cm **Profundidade:** 0,3 mm

Nº Inventário: 149/336/A/24

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justo (149/336/A/21)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto inferior esquerdo
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Outro
Largura: 7,1 cm **Altura:** 6,6 cm **Profundidade:** 0,01 mm

Nº Inventário: 149/336/A/25

Cronologia: Proto-História
Técnica: Gravura
Figura Completa: Sim
Grupo: Figurativo
Largura: 7,5 cm

Conservação: Bom
Técnica Variante: Incisão Simples
Unidade figurativa: Unidade gráfica
Tipo: Zoomorfos
Altura: 4 cm

Patine: Elevada
Técnica (observações): Infra (149/336/A/09)
Localização no painel: Centro
Sub Tipo: Ave
Profundidade: 0,01 mm

Nº Inventário: 149/336/A/26

Cronologia: Proto-História
Técnica: Gravura
Figura Completa: Não
Grupo: Figurativo
Largura: 6,5 cm

Conservação: Bom
Técnica Variante: Incisão Simples
Unidade figurativa: Unidade gráfica
Tipo: Zoomorfos
Altura: 7,1 cm

Patine: Elevada
Técnica (observações): Infra (1652/336/A/09)
Localização no painel: Canto inferior direito
Sub Tipo: Equídeo
Profundidade: 0,01 mm

Nº Inventário: 149/336/A/27

Cronologia: Proto-História
Técnica: Gravura
Figura Completa: Não
Grupo: Figurativo
Largura: 3 cm

Conservação: Bom
Técnica Variante: Incisão Simples
Unidade figurativa: Unidade gráfica
Tipo: Zoomorfos
Altura: 13,3 cm

Patine: Elevada
Técnica (observações): Sobre (149/085/A/09)
Localização no painel: Canto inferior direito
Sub Tipo: Outro
Profundidade: 0,01 mm



Suporte

Nº Inventário: 149/354/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97377.94

Coordenada Y: 175456.45

Cota: 205.46

Conservação : Razoável

Comprimento: 19 cm

Largura: 6 cm

Espessura: 1,5 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

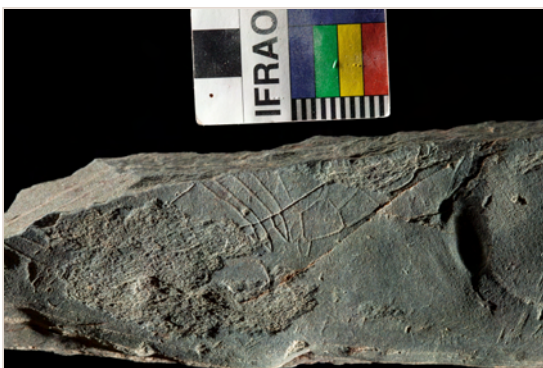
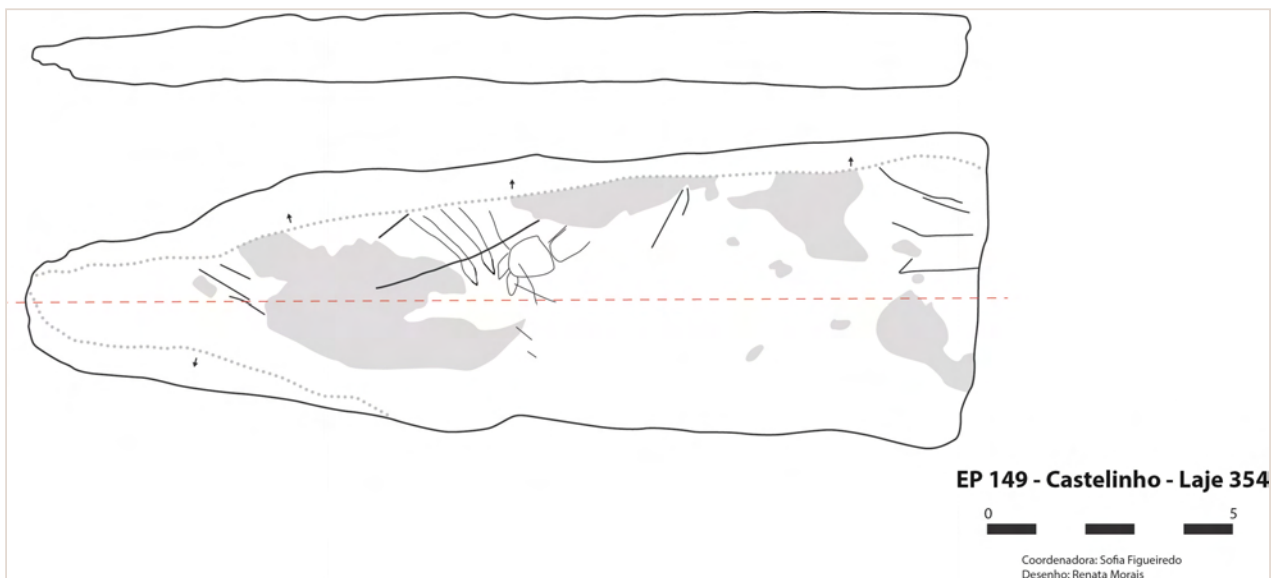
Forma: Triangular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/354/A/01

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Razoável **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sem
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Inferior centro
Grupo: Geométrico **Tipo:** Organização Linear
Largura: 2 cm **Altura:** 1,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/354/A/02

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Razoável **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/354/A/3)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Centro
Grupo: Geométrico **Tipo:** Organização Linear **Sub Tipo:** Linhas Paralelas Diagonais
Largura: 4 cm **Altura:** 3,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/354/A/03

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Razoável **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/354/A/4)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Incompleto
Largura: 2 cm **Altura:** 1,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Triangular

Corpo

Membros Superiores

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Não

Nº Inventário: 149/354/A/04

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/354/A/6)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Outro
Largura: 2 cm **Altura:** 0,5 cm **Profundidade:** 0,2 mm



Suporte

Nº Inventário: 149/383/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97417.63

Coordenada Y: 175454.22

Cota: 207.08

Conservação : Razoável

Comprimento: 27 cm

Largura: 5 cm

Espessura: 2 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

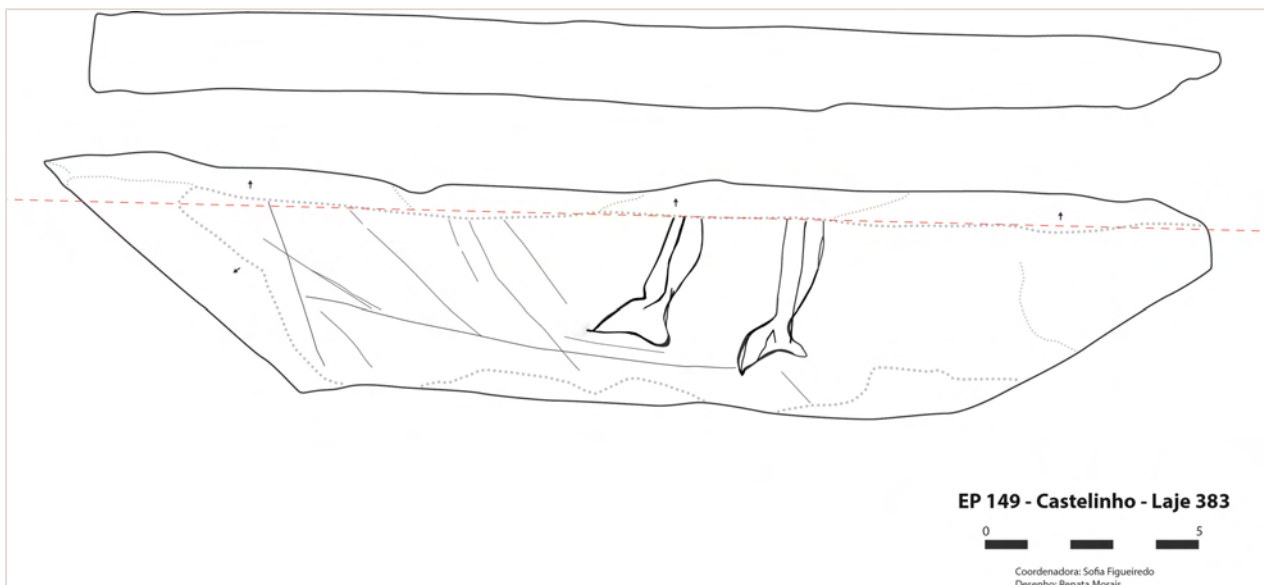
Forma: Trapezoidal

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/383/A/01

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Razoável **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/383/A/2)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Incompleto
Largura: 5,5 cm **Altura:** 3,5 cm **Profundidade:** 0,2 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Trapezoidal

Corpo

Membros Superiores

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Sim

Nº Inventário: 149/383/A/02

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Razoável **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/383/A/1)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Geométrico **Tipo:** Organização Linear **Sub Tipo:** Outro
Largura: 11 cm **Altura:** 4 cm **Profundidade:** 0,1 mm



Suporte

Nº Inventário: 149/457/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97393.29

Coordenada Y: 175392.16

Cota: 207.87

Conservação : Razoável

Comprimento: 26 cm

Largura: 9 cm

Espessura: 3 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Polimento Natural

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

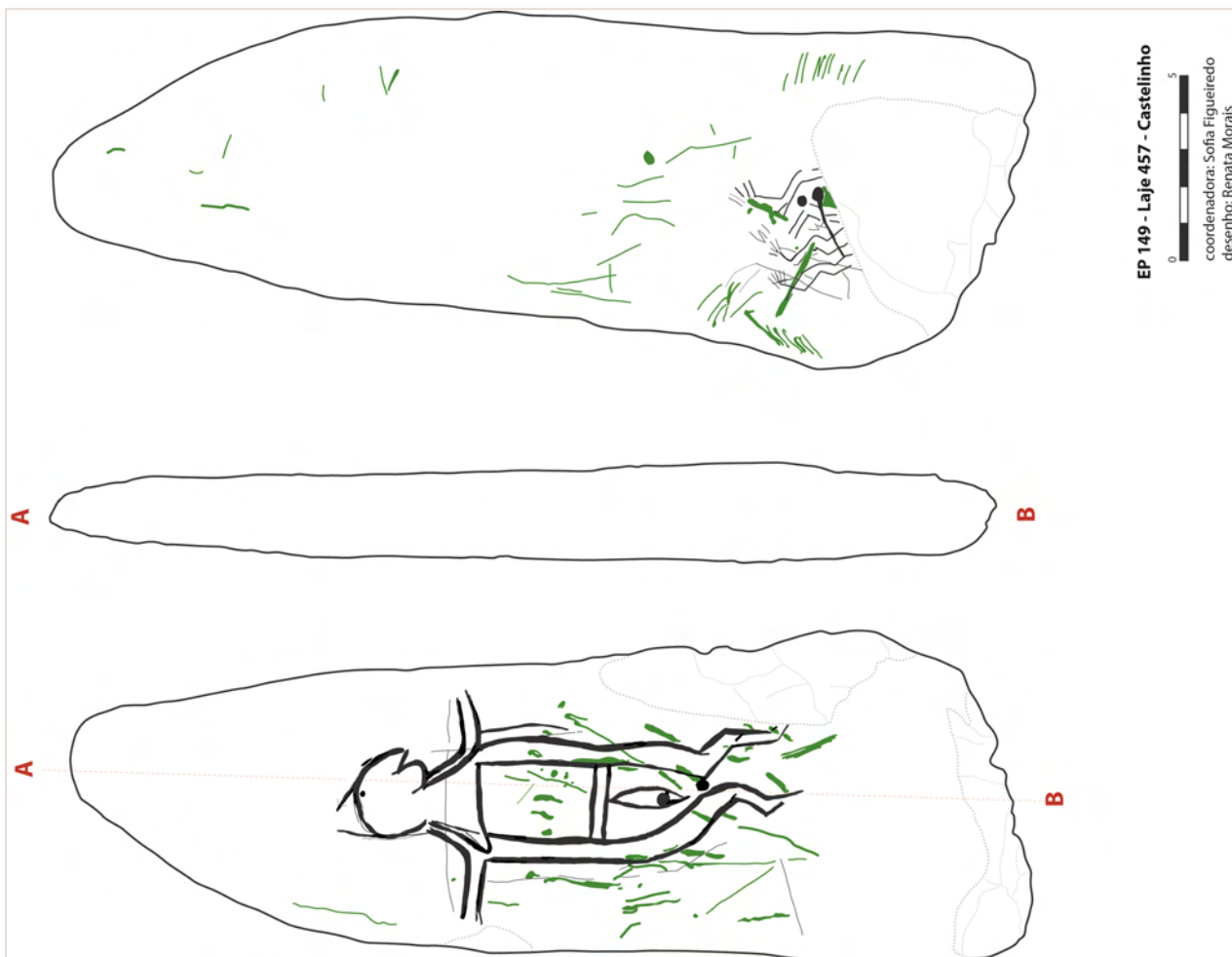
Forma: Ovalada

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 2

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/457/A/01

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Abrasão	Técnica (observações): Sem
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Braços Horizontais
Largura: 13 cm	Altura: 7 cm	Profundidade: 0,3 mm

Antropomorfos

Cabeça	Forma: Ovalada	Elementos representados: Capacete
Corpo	Representação: Linhas paralelas fechadas	
Membros Superiores		
Posição: Horizontais	Representação: Linhas paralelas abertas	Representação dos dedos: Não
Membros Inferiores		
Posição: Fletidos	Representação: Linhas paralelas fechadas	Representação dos dedos: Sim

Nº Inventário: 149/457/B/01

Cronologia: Proto-História	Conservação: Razoável	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sem
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Inferior centro
Grupo: Geométrico	Tipo: Organização Linear	Sub Tipo: Outro
Largura: 4 cm	Altura: 3,5 cm	Profundidade: 0,1 mm



Suporte

Nº Inventário: 149/485/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97369.28

Coordenada Y: 175381.31

Cota: 205.96

Conservação : Razoável

Comprimento: 48 cm

Largura: 27 cm

Espessura: 6 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Polimento Natural

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

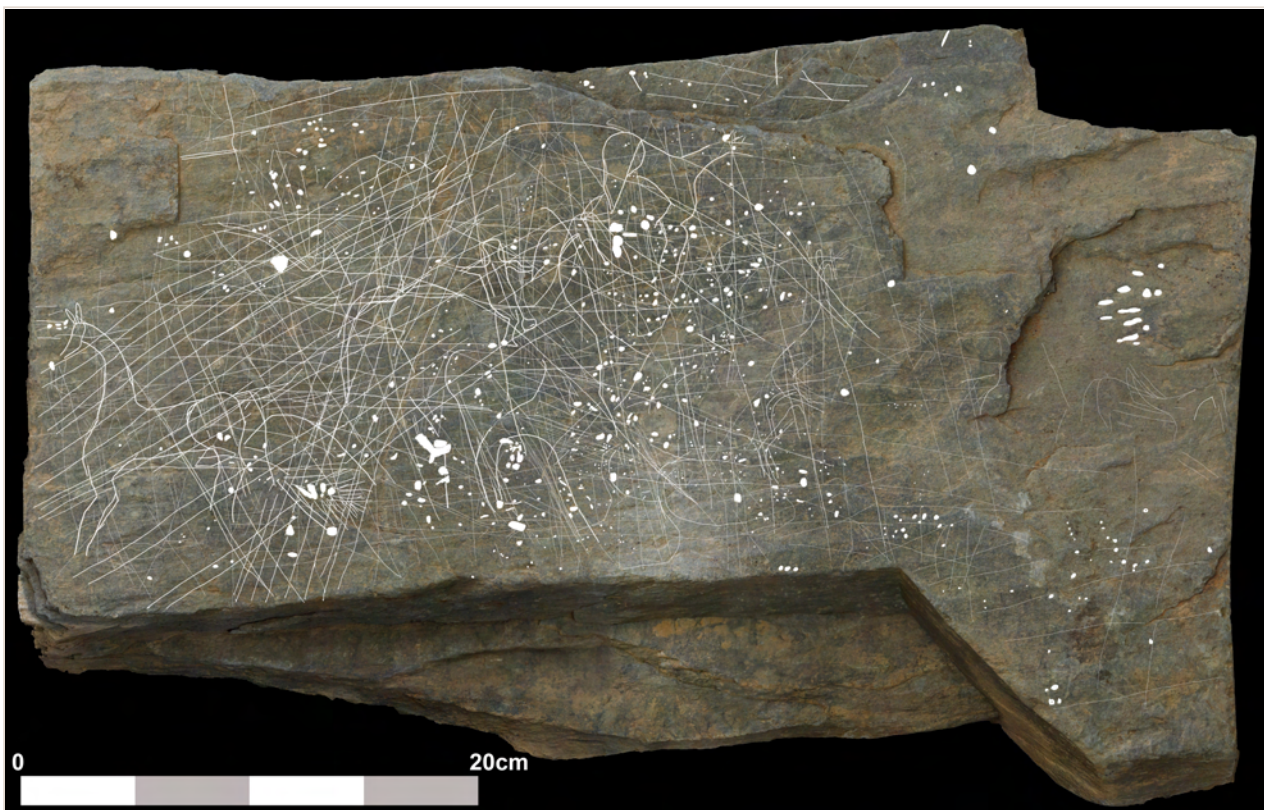
Forma: Retangular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/485/A/01

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/485/A/11)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 11,5 cm **Altura:** 10,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/485/A/02

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/485/A/12)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Cavaleiro
Largura: 11,5 cm **Altura:** 8,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Retangular **Elementos representados:** Véu/Cabelo

Corpo **Representação:** Linhas paralelas fechadas

Membros Superiores

Posição: Oblíquos **Representação:** Linhas paralelas abertas **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Posição: Fletidos **Representação:** Linhas paralelas fechadas **Representação dos dedos:** Sim

Nº Inventário: 149/485/A/03

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/485/A/12)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 6,5 cm **Altura:** 6 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/485/A/04

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/485/A/5)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Quadrúpede
Largura: 3,5 cm **Altura:** 2 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/485/A/05

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/485/A/4)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 6 cm **Altura:** 4 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/485/A/06

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/485/A/5)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Direito centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Quadrúpede
Largura: 4 cm **Altura:** 3 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/485/A/07

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/485/A/6)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Direito centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 5,5 cm **Altura:** 4 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/485/A/08

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justa (149/485/A/3)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Canto superior esquerdo
Grupo: Abstrato	Tipo: Formas Lineares	Sub Tipo: Conjunto sem Ordem
Largura: 9,5 cm	Altura: 2,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/485/A/09

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/485/A/11)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Esquerdo centro
Grupo: Geométrico	Tipo: Organização Linear	Sub Tipo: Linhas Paralelas Diagonais
Largura: 2 cm	Altura: 1 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/485/A/10

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/485/A/2)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Esquerdo centro
Grupo: Abstrato	Tipo: Outros	Sub Tipo: Outros
Largura: 25 cm	Altura: 16 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/485/A/11

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/485/A/1)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Centro
Grupo: Geométrico	Tipo: Reticulado	Sub Tipo: Aberto
Largura: 22 cm	Altura: 19 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/485/A/12

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/485/A/2)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Centro
Grupo: Abstrato	Tipo: Formas Lineares	Sub Tipo: Conjunto sem Ordem
Largura: 43 cm	Altura: 19 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/485/A/13

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (149/485/A/14)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Inferior centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 3 cm	Altura: 4 cm	Profundidade: 0,01 mm

Nº Inventário: 149/485/A/14

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (149/485/A/13)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Inferior centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 3 cm	Altura: 3,5 cm	Profundidade: 0,01 mm

Nº Inventário: 149/485/A/15

Cronologia: Proto-História
Técnica: Gravura
Figura Completa: Sim
Grupo: Figurativo
Largura: 8,5 cm

Conservação: Bom
Técnica Variante: Incisão Simples
Unidade figurativa: Unidade gráfica
Tipo: Zoomorfos
Altura: 5 cm

Patine: Elevada
Técnica (observações): Sobre (149/485/A/04)
Localização no painel: Inferior centro
Sub Tipo: Equídeo
Profundidade: 0,01 mm

Nº Inventário: 149/485/A/16

Cronologia: Proto-História
Técnica: Gravura
Figura Completa: Não
Grupo: Figurativo
Largura: 12,2 cm

Conservação: Bom
Técnica Variante: Incisão Simples
Unidade figurativa: Unidade gráfica
Tipo: Zoomorfos
Altura: 10,0 cm

Patine: Elevada
Técnica (observações): Justo (149/485/A/05)
Localização no painel: Direito centro
Sub Tipo: Equídeo
Profundidade: 0,01 mm

Nº Inventário: 149/485/A/17

Cronologia: Proto-História
Técnica: Gravura
Figura Completa: Sim
Grupo: Figurativo
Largura: 26,3 cm

Conservação: Bom
Técnica Variante: Incisão Simples
Unidade figurativa: Unidade gráfica
Tipo: Zoomorfos
Altura: 15,5 cm

Patine: Elevada
Técnica (observações): Sobre (149/485/A/11)
Localização no painel: Canto superior esquerdo
Sub Tipo: Ave
Profundidade: 0,01 mm



Suporte

Nº Inventário: 149/488/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 0.00

Coordenada Y: 0.00

Cota: 0.00

Conservação : Razoável

Comprimento: 54 cm

Largura: 33 cm

Espessura: 4 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

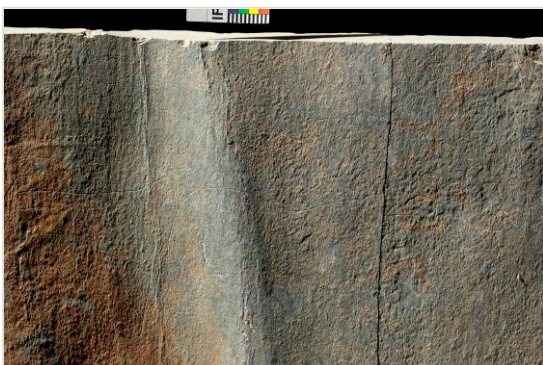
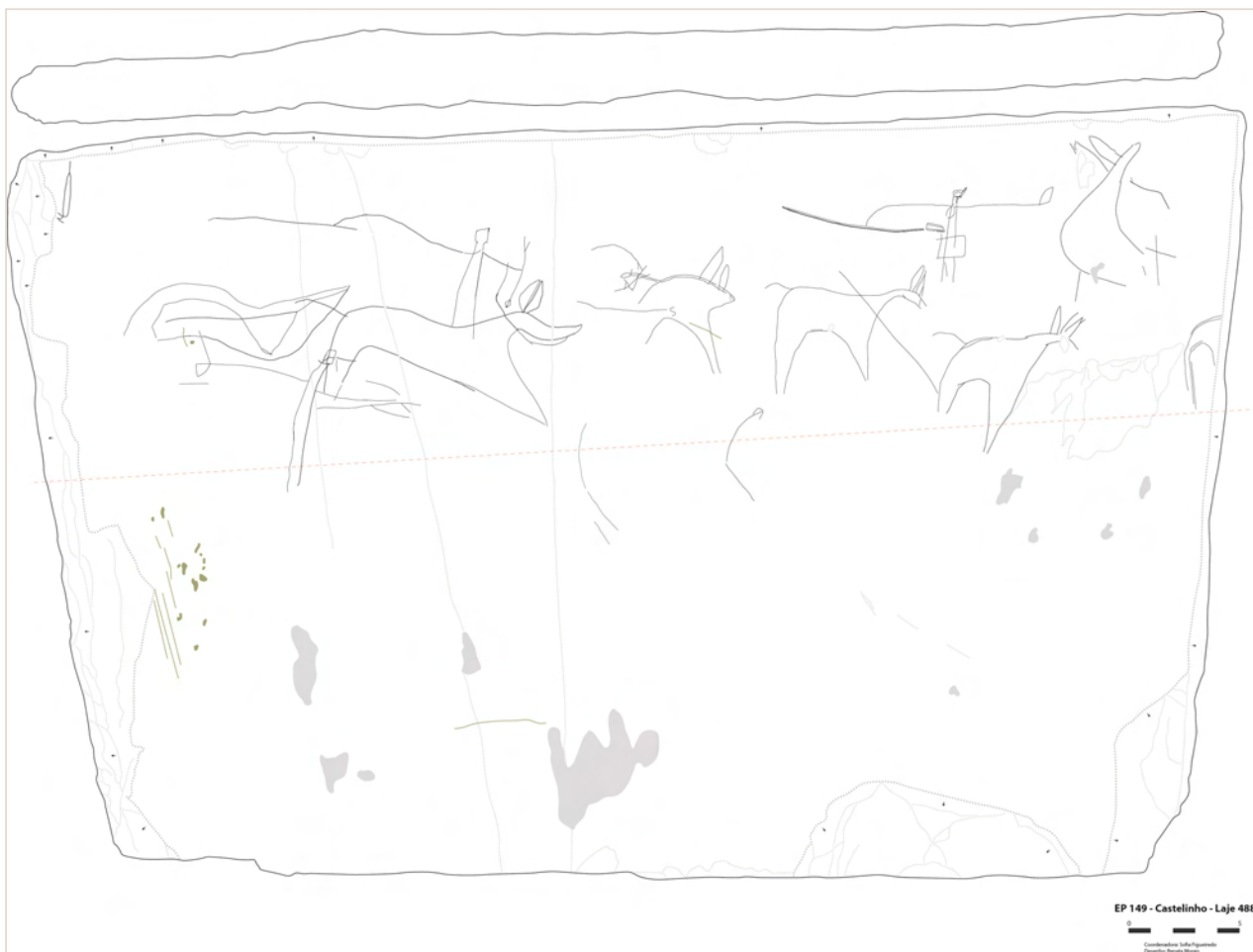
Forma: Retangular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/488/A/01

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Justa (149/488/A/4)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Canto superior esquerdo
Grupo: Abstrato **Tipo:** Outros **Sub Tipo:** Outros
Largura: 3 cm **Altura:** 0,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/488/A/02

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/488/A/05)
Figura Completa: Não **Unidade figurativa:** Conjunto gráfico **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Abstrato **Tipo:** Outros **Sub Tipo:** Outros
Largura: 20,5 cm **Altura:** 13 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/488/A/03

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (149/488/A/4)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Com Arma
Largura: 6,5 cm **Altura:** 10 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Retangular
Corpo **Representação:** Linhas paralelas abertas

Membros Superiores

Posição: Horizontais **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Não

Nº Inventário: 149/488/A/04

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/488/A/03)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Superior centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Cavaleiro
Largura: 17,5 cm **Altura:** 9,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Retangular
Corpo **Representação:** Linhas paralelas abertas

Membros Superiores

Posição: Horizontais **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Não

Nº Inventário: 149/488/A/05

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** sobre (149/488/A/02)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Suíno
Largura: 5 cm **Altura:** 6 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/488/A/06

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Bom **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (149/488/A/11)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 7,5 cm **Altura:** 4,5 cm **Profundidade:** 0,1 mm

Nº Inventário: 149/488/A/07

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justa (149/488/A/9)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto superior direito
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Com Arma
Largura: 12,5 cm	Altura: 4,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Antropomorfos

Cabeça	Forma: Retangular	Elementos representados: Penacho
Corpo	Representação: Linhas paralelas abertas	
Membros Superiores		
Posição: Horizontais	Representação: Uma linha	Representação dos dedos: Sim
Membros Inferiores		
Posição: Rectos	Representação: Uma linha	Representação dos dedos: Não

Nº Inventário: 149/488/A/08

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justa (149/488/A/6)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto superior direito
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Equídeo
Largura: 8 cm	Altura: 6,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/488/A/09

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justa (149/488/A/7)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto superior direito
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Ave
Largura: 7,5 cm	Altura: 6 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/488/A/10

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justa (149/488/A/10)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto inferior direito
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Quadrúpede
Largura: 4,5 cm	Altura: 2 cm	Profundidade: 0,1 mm



Suporte

Nº Inventário: 149/508/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 97379.76

Coordenada Y: 175381.06

Cota: 203.37

Conservação : Razoável

Comprimento: 29 cm

Largura: 16 cm

Espessura: 2 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

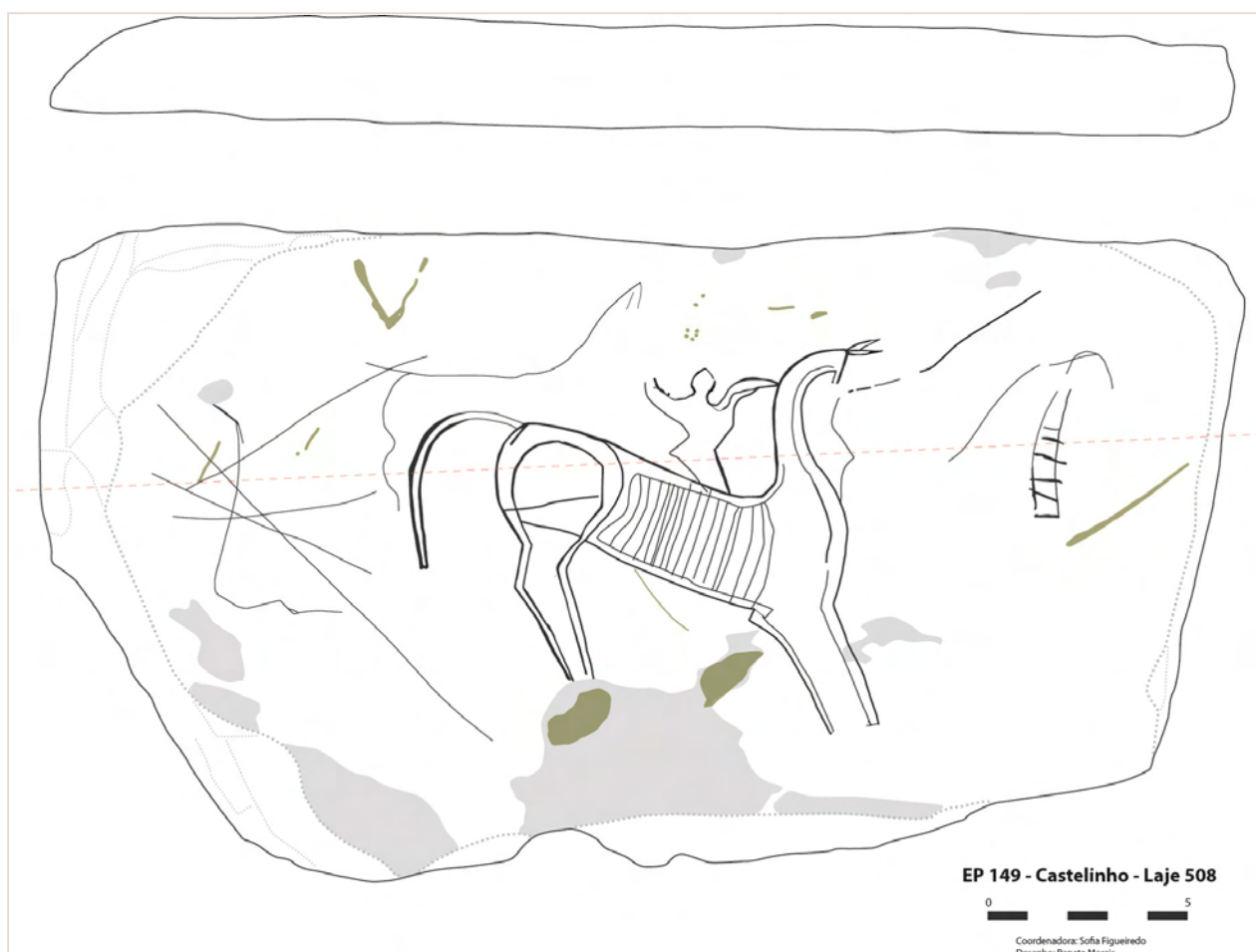
Forma: Retangular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 149/508/A/01

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justa (149/508/A/3)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Cavaleiro
Largura: 12 cm	Altura: 10 cm	Profundidade: 0,2 mm

Antropomorfos

Cabeça	Forma: Retangular
Corpo	Representação: Linhas paralelas fechadas
Membros Superiores	
Posição: Oblíquos	Representação dos dedos: Não
Membros Inferiores	

Nº Inventário: 149/508/A/02

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justa (149/508/A/3)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto superior direito
Grupo: Figurativo	Tipo: Escadiformes	Sub Tipo: Vertical
Largura: 3 cm	Altura: 1 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/508/A/03

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justa (149/508/A/1)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Outro
Largura: 6,5 cm	Altura: 4,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

Nº Inventário: 149/508/A/04

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justa (149/508/A/1)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Centro
Grupo: Geométrico	Tipo: Organização Linear	Sub Tipo: Outro
Largura: 12,5 cm	Altura: 11,5 cm	Profundidade: 0,1 mm

APÊNDICE III
CATÁLOGO DA ARTE MÓVEL COM
REPRESENTAÇÕES ANTROPOMÓRFICAS DO
POVOADO DA QUINTA DE CRESTELOS



Suporte

Nº Inventário: 1652/5531/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 0.00

Coordenada Y: 0.00

Cota: 0.00

Conservação : Bom

Comprimento: 74,7 cm

Largura: 29,4 cm

Espessura: 1,9 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Placa

Litologia: Xisto

Forma: Irregular

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 1

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 1652/5531/A/01

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Razoável **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (1652/5531/A/07)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Esquerdo centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Cavaleiro
Largura: 19 cm **Altura:** 15,5 cm **Profundidade:** 0,01 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Irregular
Corpo **Representação:** Linhas paralelas abertas

Membros Superiores

Posição: Oblíquos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Sim

Nº Inventário: 1652/5531/A/02

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Razoável **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (1652/5531/A/07)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Inferior centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Antropomorfos **Sub Tipo:** Cavaleiro
Largura: 19,5 cm **Altura:** 13 cm **Profundidade:** 0,01 mm

Antropomorfos

Cabeça **Forma:** Irregular **Elementos representados:** Toucado
Corpo **Representação:** Linhas paralelas abertas

Membros Superiores

Posição: Oblíquos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Não

Membros Inferiores

Posição: Rectos **Representação:** Uma linha **Representação dos dedos:** Não

Nº Inventário: 1652/5531/A/03

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Razoável **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (1652/5531/A/07)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Equídeo
Largura: 13,5 cm **Altura:** 9 cm **Profundidade:** 0,01 mm

Nº Inventário: 1652/5531/A/04

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Razoável **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Sobre (1652/5531/A/07)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto inferior direito
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Canídeo
Largura: 8,5 cm **Altura:** 2,5 cm **Profundidade:** 0,01 mm

Nº Inventário: 1652/5531/A/05

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Razoável **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (1652/5531/A/07)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Canto inferior esquerdo
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Canídeo
Largura: 9,5 cm **Altura:** 7,5 cm **Profundidade:** 0,01 mm

Nº Inventário: 1652/5531/A/06

Cronologia: Proto-História **Conservação:** Razoável **Patine:** Elevada
Técnica: Gravura **Técnica Variante:** Incisão Simples **Técnica (observações):** Infra (1652/5531/A/07)
Figura Completa: Sim **Unidade figurativa:** Unidade gráfica **Localização no painel:** Direito centro
Grupo: Figurativo **Tipo:** Zoomorfos **Sub Tipo:** Canídeo
Largura: 14 cm **Altura:** 3,5 cm **Profundidade:** 0,01 mm

Nº Inventário: 1652/5531/A/07

Cronologia: Proto-História	Conservação: Razoável	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (1652/5531/A/02)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Centro
Grupo: Geométrico	Tipo: Reticulado	Sub Tipo: Aberto
Largura: 73 cm	Altura: 28 cm	Profundidade: 0,01 mm

Nº Inventário: 1652/5531/A/08

Cronologia: Proto-História	Conservação: Razoável	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra (1652/5531/A/07)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Centro
Grupo: Abstrato	Tipo: Formas Lineares	Sub Tipo: Conjunto sem Ordem
Largura: 38,5 cm	Altura: 19,5 cm	Profundidade: 0,01 mm

Nº Inventário: 1652/5531/A/09

Cronologia: Proto-História	Conservação: Razoável	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (1652/5531/A/7)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Centro
Grupo: Indeterminado	Tipo: Indeterminado	Sub Tipo: Picotado Disperso
Largura: 23,5 cm	Altura: 8 cm	Profundidade: 0,3 mm

Nº Inventário: 1652/5531/A/10

Cronologia: Proto-História	Conservação: Bom	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre (1652/5531/A/07)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto inferior direito
Grupo: Figurativo	Tipo: Zoomorfos	Sub Tipo: Outro
Largura: 12,9 cm	Altura: 1,5 cm	Profundidade: 0,01 mm



Suporte

Nº Inventário: 1652/5534/A

Sondagem:

UE:

Coordenada X: 0.00

Coordenada Y: 0.00

Cota: 0.00

Conservação : Bom

Comprimento: 13,1 cm

Largura: 10 cm

Espessura: 2,1 cm

Morfologia da superfície: Plana

Aspeto da superfície: Bruto

Termo de alteração: Não

Tipologia: Plaqueta

Litologia: Xisto

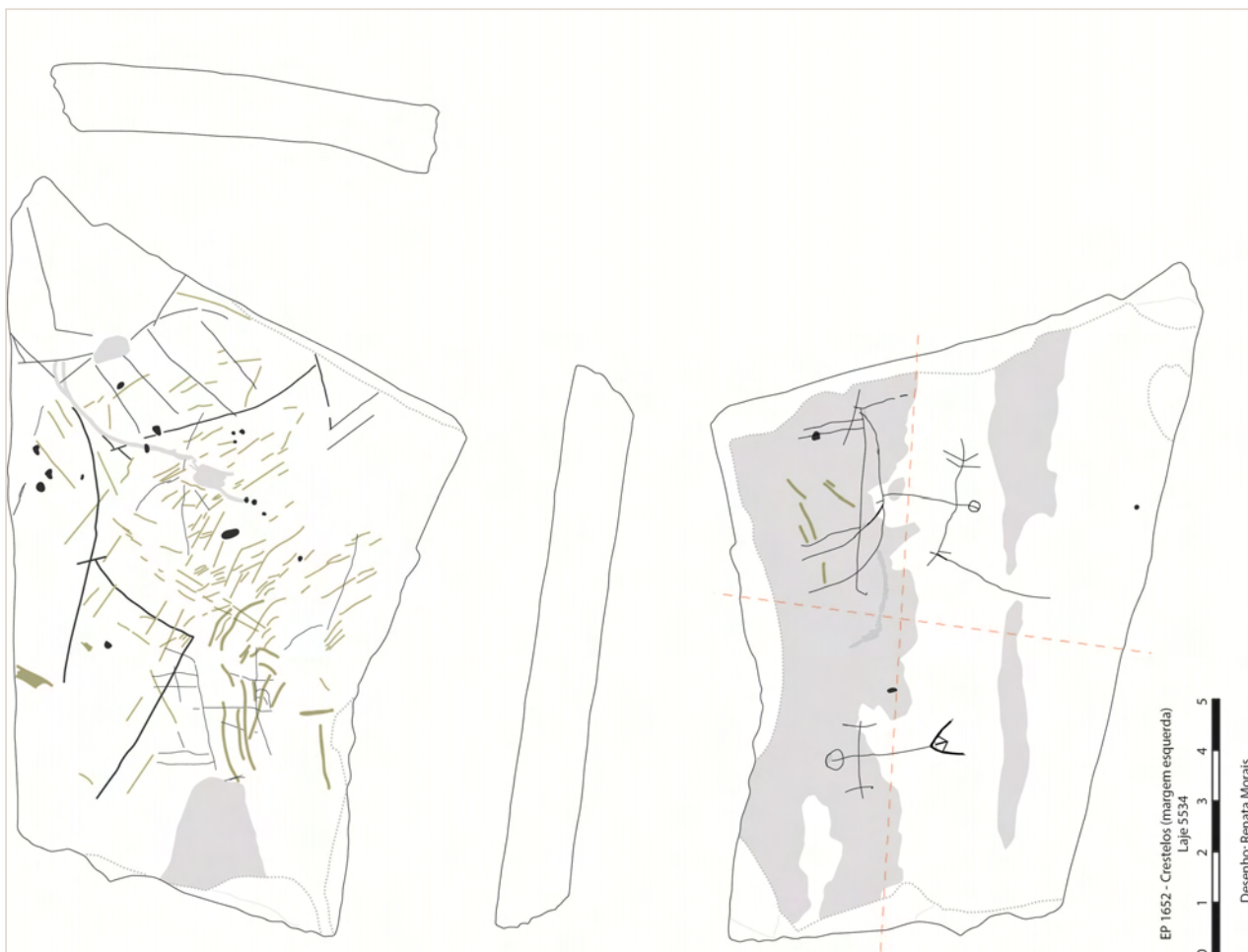
Forma: Trapezoidal

Integridade peça: Fraturada

PLACAS - Nº faces: 2

Remontagem: Não

Registo gráfico e fotográfico



Motivos

Nº Inventário: 1652/5534/A/01

Cronologia: Proto-História	Conservação: Razoável	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justa(1652/5534/A/02)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Direito centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Sem Arma
Largura: 1,5 cm	Altura: 2,6 cm	Profundidade: 0,01 mm

Antropomorfos

Cabeça	Forma: Trapezoidal	
Corpo	Representação: Uma linha	
Membros Superiores		
Posição: Rectos	Representação: Uma linha	Representação dos dedos: Sim
Membros Inferiores		
Posição: Oblíquos	Representação: Uma linha	Representação dos dedos: Não

Nº Inventário: 1652/5534/A/02

Cronologia: Proto-História	Conservação: Razoável	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justa(1652/5534/A/01)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Canto superior esquerdo
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Cavaleiro
Largura: 3,5 cm	Altura: 4,9 cm	Profundidade: 0,01 mm

Antropomorfos

Cabeça	Forma: Trapezoidal	
Corpo	Representação: Uma linha	
Membros Superiores		
Posição: Rectos	Representação: Uma linha	Representação dos dedos: Sim
Membros Inferiores		
Posição: Rectos	Representação: Uma linha	Representação dos dedos: Não

Nº Inventário: 1652/5534/B/01

Cronologia: Proto-História	Conservação: Razoável	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Infra(1652/5534/B/03)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Centro
Grupo: Abstrato	Tipo: Formas Lineares	Sub Tipo: Conjunto sem Ordem
Largura: 9,5 cm	Altura: 6,6 cm	Profundidade: 0,01 mm

Nº Inventário: 1652/5534/B/02

Cronologia: Proto-História	Conservação: Razoável	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Justa(1652/5534/B/03)
Figura Completa: Não	Unidade figurativa: Conjunto gráfico	Localização no painel: Direito centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Escadiformes	Sub Tipo: Vertical
Largura: 2,2 cm	Altura: 3,2 cm	Profundidade: 0,01 mm

Nº Inventário: 1652/5534/B/03

Cronologia: Proto-História	Conservação: Razoável	Patine: Elevada
Técnica: Gravura	Técnica Variante: Incisão Simples	Técnica (observações): Sobre(1652/5534/B/01)
Figura Completa: Sim	Unidade figurativa: Unidade gráfica	Localização no painel: Esquerdo centro
Grupo: Figurativo	Tipo: Antropomorfos	Sub Tipo: Cavaleiro
Largura: 2,7 cm	Altura: 2,4 cm	Profundidade: 0,01 mm

Antropomorfos

Cabeça	Forma: Trapezoidal	
Corpo	Representação: Uma linha	
Membros Superiores		
Posição: Rectos	Representação: Uma linha	Representação dos dedos: Sim
Membros Inferiores		
Posição: Oblíquos	Representação: Linhas paralelas abertas	Representação dos dedos: Não

